



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

CRISTINA ISABEL FONSECA NUNES ALVES

A Verdade como Valor Primordial e o Contributo da Educação Moral e Religiosa Católica para o Seu Aprofundamento

**Contributo para a primeira Unidade Letiva do 4º ano
Ser Verdadeiro - do programa de escolaridade da Educação
Moral e Religiosa Católica**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

sob orientação de:

Professor Doutor Domingos Terra e Mestre Cristina Sá Carvalho

Lisboa

2020

«Hoje, o acesso à fé está longe de ser automático. Digamos que o leito pelo qual o caudal da fé passa do âmbito eclesial ao coração individual não é regularmente descendente. O seu percurso é acidentado, requerendo à proposição da fé um acréscimo de esforço e sabedoria. Ajudar os outros a aceder à fé é um empreendimento onde tem de se contar com a diversidade dos caminhos, a fragilidade das intervenções e a imprevisibilidade dos resultados.»

Padre Domingos Terra¹

¹ D. TERRA, “A decisão da fé na cultura das preferências individuais”, *Didaskalia XXXVI*, 2006, 172.

AGRADECIMENTOS

«Ensina-me o teu caminho, Senhor,
E caminharei segundo a tua verdade.» (Salmo 86, 11)

Neste percurso, que marcou fortemente a minha vida, pude contar com o apoio e compreensão constante do meu marido Firmino Alves, a quem quero agradecer. Que este estudo fortaleça o desejo de caminharmos em Verdade. Também aos nossos três filhos, Eric (12 anos), André (10 anos) e Maria (5 anos) que me inspiraram e motivaram, umas vezes entre risos e brincadeiras, outras entre cansaço e carências. As suas idades proporcionaram que percebesse interesses, reações, características de crianças do 1º ciclo.

Agradeço de modo especial os meus pais e irmãos, particularmente minha mãe Maria Eduarda, que sempre nos ensinou a viver sobre a verdade da Palavra, e a minha irmã Clara Santos, companheira de todos os momentos, ambas disponíveis para cuidar dos meus filhos quando necessitei.

Sublinho a grande admiração e gratidão também à Mestre Cristina Sá Carvalho e Prof. Dr. Domingos Terra, incansáveis no percurso deste estudo e sempre disponíveis.

Recordo os colegas de curso e de um modo particular Manuela Correia, Susana Nobre e Miguel de Jesus. E, fundamental para este percurso Teresa Garcia, paciente amiga que sempre me animou e com quem fui partilhando todas as ideias.

Agradeço também, de modo muito sentido, o carinho com que fui recebida no Colégio do Amor de Deus, especialmente pelo Professor Cooperante Bento Oliveira, com quem tanto aprendi, sempre disponível e com a palavra certa no momento certo. Também à Irmã Conceição, tão atenta e disponível à EMRC.

Não poderia deixar de demonstrar a minha gratidão ao Secretariado Nacional da Educação Cristã e ao Secretariado Diocesano do Ensino Religioso, de Lisboa, por todo o apoio concedido.

Também aos colegas de trabalho e membros da Direção do Agrupamento de Escolas de São Gonçalo, em Torres Vedras, particularmente Carolina Leonardo, que articulou o meu horário por forma a conciliar o trabalho e a Prática de Ensino Supervisionada. Ainda ao Clube de Robótica, Jaime Rei e particularmente a Fátima Mira, sempre disponível para colaborar com a disciplina, com grande alegria e generosidade. O meu agradecimento também a Eugénia Póvoa, pelo exemplo de coragem e

disponibilidade. Por último agradeço, de coração, a Marina Freire, que numa tarde de verão, na praia de São Bernardino, me impulsionou para o grande desafio de me inscrever na profissionalização de EMRC.

RESUMO

É urgente mais do que nunca, na sociedade atual, uma educação baseada nos valores morais, na responsabilidade que cada um assume na sua liberdade de escolha. Ao longo da nossa vida somos interpelados por inúmeras situações que requerem uma escolha moral, entre o bem e o mal, entre o caminho da verdade e da mentira.

Concretamente em contexto escolar, a abordagem a assuntos que implicam estados de consciência de atitudes, nunca foram tão necessários, mas também requerentes de uma atitude muito coerente e exigente por parte dos educadores.

No presente Relatório Final da Prática Supervisionada (PES), é apresentada uma reflexão acerca do valor moral da verdade. Para melhor enquadramento do tema principal, é elaborada uma reflexão teológica sobre a verdade. Parte-se de uma definição geral do conceito para posteriormente ser enriquecido com o ponto de vista dos vários Papas que compõem a história da Igreja bem como a sábia visão de Santo Agostinho

Numa segunda parte deste relatório é explanada a minha experiência enquanto aluna da PES no núcleo de Estágio do Colégio do Amor de Deus, numa análise ao meu desempenho ao longo do ano, baseada numa reflexão minuciosa do que foi a minha passagem por esta escola, mencionando progressos e dificuldades. Acrescenta-se ainda uma reflexão crítica à UL 2: Ser verdadeiro, do 4ºano de escolaridade

Por fim como atividade pedagógica é sugerida a implementação de um jogo incluída numa planificação de aula, tendo em vista a exploração da UL em análise, que tem como objetivo demonstrar os benefícios do jogo como ferramenta pedagógica e essencial no processo de aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Verdade, Religião, Dignidade Humana, Moral, Pedagogia, Educação Moral e Religiosa Católica, Jogo

ABSTRACT

In today's society, there is an urgent need for education based on moral values, on the responsibility that each person assumes in their freedom of choice. Throughout our lives we are challenged by countless situations that require a moral choice, between good and evil, between the path of truth and lies.

Concretely in a school context, the approach to subjects that imply states of awareness of attitudes, have never been more necessary but also require a very coherent and demanding attitude on the part of educators.

In this Final Report on Supervised Practice (PES), a reflection on the moral value of the truth is presented. For a better framing of the main theme, a theological reflection on the truth is elaborated. It starts with a general definition of the concept to later be enriched with the point of view of the various Popes that make up the history of the Church as well as the wise vision of Saint Augustine

In a second part of this report, my experience as an ESP student in the Internship nucleus of the Colégio do Amor de Deus is explained, in an analysis of my performance throughout the year, based on a detailed reflection of my time at this school, mentioning progress and difficulties. A critical reflection is added to UL 2: Being true, from the 4th year of schooling.

Finally, as a pedagogical activity, the implementation of a game included in a lesson plan is suggested, in view of the exploration of the UL under analysis, which aims to demonstrate the benefits of the game as an educational and essential tool in the children's learning process.

Keyword: Truth, Religion, Human Dignity, Moral, Pedagogy, School Religious Education, Game

SIGLAS

Documentos da Igreja

CV	Caritas in Veritate
ECE	Ex Corde Ecclesiae
FR	Fides et Ratio
LF	Lumen Fidei
VS	Veritatis Splendor

Outras Siglas

LEV	Libreria Editrice Vaticana
Sd	Sem Data
Sp	Sem Página
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
UL	Unidade Letiva

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Plano de Aula número um da Unidade Letiva um.....	71
Quadro 2 – Plano de Aula número dois da Unidade Letiva um.....	75
Quadro 3 – Plano de Aula número três da Unidade Letiva um.....	78
Quadro 4 – Plano de Aula número quatro da Unidade Letiva um	82
Quadro 5 – Plano de Aula número cinco da Unidade Letiva um.....	85
Quadro 6 – Plano de Aula número seis da Unidade Letiva um.....	88
Quadro 7 – Plano de Aula número sete da Unidade Letiva um	91
Quadro 8 – Proposta de planificação e lecionação de aula 8 da Unidade Letiva um....	115

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO.....	5
ABSTRACT	6
SIGLAS	7
ÍNDICE ILUSTRAÇÕES	8
ÍNDICE.....	9
INTRODUÇÃO	11
 CAPÍTULO I – A VERDADE NA SAGRADA ESCRITURA, NO MAGISTÉRIO DA IGREJA E EM SANTO AGOSTINHO.....	15
 1. A Verdade na Sagrada Escritura	15
1.1. No Antigo Testamento.....	16
1.2. No Novo Testamento	18
 2. A Verdade no Magistério da Igreja	23
2.1. A Verdade em João Paulo II.....	23
2.2. A Verdade em Bento XVI	26
2.3. A Verdade no Papa Francisco.....	30
 3. Santo Agostinho e a busca da Verdade.....	34
3.1. O Bem e o Mal na compreensão do Livre Arbítrio	36
3.2. A possibilidade da mentira	40

CAPÍTULO II – PROPOSTA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “SER VERDADEIRO” DO PROGRAMA DE EMRC46

1. O contributo do Professor de EMRC no despertar para os Valores Morais46

2. Caracterização do contexto escolar da Prática de Ensino Supervisionada.....50

2.1. Enquadramento da Unidade Letiva50

2.2. Caracterização do Colégio Amor de Deus54

2.3. Caracterização da turma D do 4º ano de escolaridade62

3. Abordagem da Prática de Ensino Supervisionada70

3.1. Planificação e Lecionação da Unidade Letiva Ser Verdadeiro70

3.2. Reflexão crítica da Unidade Letiva94

CAPÍTULO III – A VERDADE ENQUANTO PROPOSTA PEDAGÓGICA107

1. O jogo como ferramenta pedagógica no processo ensino/aprendizagem da criança110

1.1. Conceito de jogo e atividade lúdica 110

1.2. O jogo como recurso pedagógico111

1.3. Competências desenvolvidas a partir do jogo112

2. Proposta Pedagógica114

2.1. Planificação e descrição pormenorizada de aula com aplicação de estratégia:

“A jogar também se aprende”114

CONCLUSÃO.....122

BIBLIOGRAFIA126

ANEXOS130

INTRODUÇÃO GERAL

A presente dissertação tem como principal objetivo a exploração do tema da verdade, concretamente no impacto e na importância que tem para formação da personalidade das crianças e jovens.

A verdade é uma noção que está associada a diferentes significados. Os alunos, podem encontrar o significado da palavra nos dicionários académicos enquanto «exactidão; realidade; coisa ou facto verdadeiro; sinceridade»².

A verdade é sempre a verdade, no entanto podemos considerar que varia nos diferentes contextos em que se insere. Encontramo-la nas ciências exatas, mas também numa íntima relação com a verdade religiosa ou moral. Sabemos que existem verdades absolutas, que todos consideram como tal e verdades aproximadas ou relativas, sujeitas à opinião individual de cada pessoa ou a um grupo de pessoas.

Encontramo-la abordada no currículo da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, no 4ºano, para uma reflexão que se torne significativa, explorada já com afinco e rigor. Retomarão a temática, em profundidade, no 12ºano com a UL «O Sentido da Verdade».

Deste modo torna-se fundamental a sua abordagem pois, um professor reflexivo precisa de aprofundar o conhecimento científico dos conteúdos a lecionar para interpretar bem o programa e depois «traduzir» para as crianças a complexidade de uma reflexão teológica e moral. A exploração do tema a verdade é um contributo de extrema importância uma vez que é nesta faixa etária que a criança precisa ser estimulada para a vivência e escolhas do caminho do bem. Encontramos aqui um dos principais pontos chave desta dissertação. É essencial assimilar critérios morais de verdade, para não induzir os outros em erro, gerando um clima de confiança entre todos, porque de outro modo todos passaríamos a desconfiar de todos.

Uma das minhas grandes motivações, para a exploração da temática da verdade, é chegar a um entendimento de como se relacionam os alunos com a mesma. Hoje em dia verificamos que existem muitas dúvidas acerca da noção de verdade. Na nossa vida quotidiana, pelas fake news, os abusos da publicidade, os exemplos dos políticos, somos confrontados com experiências em que nos parece que a verdade não é um valor, ou não é um valor relevante e respeitado: vale mais quem diz a verdade ou quem mente? Tem

² DICIONÁRIOS ACADÉMICOS, Dicionário Língua Portuguesa, Porto Editora, Porto, 2006, 826.

mais sucesso quem age com verdade ou quem se lhe furta, ou engana? É deste modo importante ajudar a criança a descobrir o benefício de optar pela verdade e aprender a lidar com ela. Proporcionar ainda uma nova perspetiva, a visão cristã que fundamenta o agir humano com base na «grande verdade», como refere Papa Francisco. Sublinhou ainda, em relação aos jovens que incorrem para «o individualismo, o isolamento, o medo de existir, a sensação de esmagamento e o perigo social»³.

Importa então deixar uma marca nesta geração, reconhecida pelo imediatismo, e muitas vezes até pela instabilidade emocional, familiar, social e económica.

Como conseguir transmitir o conceito de verdade, fazendo deste um pilar essencial na base de uma educação sólida constitui um grande desafio ao docente de EMRC.

Concretamente em contexto escolar, assistimos muitas vezes a situações entre alunos, que envolvem a relação entre verdade e suas consequências.

Arriscamo-nos a dizer que a sociedade foi estabelecendo a sua própria hierarquia de valores. Por vezes faltar à verdade pode ser entendido, a uma primeira vista, como mais vantajoso, mesmo que implique o prejuízo de outrem.

A disciplina de EMRC acrescenta uma nova perspetiva ao entendimento dos valores morais, a EMRC não é uma educação cívica «neutra». A vantagem dos valores evangélicos é que estes estão muito além da moral, das «morais» humanas mais perfeitas. A lei é Jesus Cristo, o Amor.

Assim, encontramos na disciplina de EMRC a possibilidade de encontrar uma ponte que promove o convite a uma vida no caminho da verdade, dando a conhecer Jesus.

Num primeiro momento desta dissertação procuraremos aprofundar um pouco mais a compreensão de verdade pela perspetiva teológica: inicialmente com a Sagrada Escritura; de seguida com o Magistério, através dos Papas da Igreja João Paulo II, Bento XVI e Francisco; e concluindo com um aprofundando de conceitos essenciais a explorar na Unidade Letiva Ser Verdadeiro, através da Teologia de Santo Agostinho.

A Sagrada Escritura encontra-se repleta do tema da verdade, pelo que iremos destacar alguns momentos chave contextualizando-os, tanto no Antigo, como no Novo Testamento. Procuraremos reconhecer de que forma o Antigo Testamento aborda a verdade, o que nos dizem os profetas acerca dela. No Novo Testamento encontramos a

³ <https://agencia.ecclesia.pt/portal/roma-francisco-fala-em-geracao-digital-sem-raizes-e-sujeita-a-alienacao-cultural/>, acedido a 11/06/2020.

verdade presente no rosto de Jesus Cristo. Pretendemos demonstrar assim que a Sagrada Escritura é inspiração divina na verdade.

Num segundo ponto será aprofundado o ensino dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco, acerca do tema da verdade, como exemplos de fé e de vida, para os cristãos. Compreenderemos de que forma as suas reflexões são contributos pedagógicos valiosos.

Num terceiro ponto deste capítulo, abordaremos Santo Agostinho, que incontornavelmente dedicou parte da sua vida refletindo sobre a verdade. Com Santo Agostinho aprofundamos conceitos de extrema importância para a compreensão mais profunda dos conteúdos programáticos da Unidade Letiva Ser Verdadeiro. A esse propósito abordamos algumas das citações das suas grandiosas obras, que fundamentam toda a relevância da sua tese sobre a verdade, que perdura até hoje entre a mais sólida teologia.

No capítulo II desta dissertação será feita uma exposição sobre a Prática de Ensino Supervisionada, realizada à turma 4ºA, do Colégio Amor de Deus, em Cascais. Neste sentido faremos uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido ao longo do ano, concretamente com esta UL, assim como uma análise crítica à aplicação da mesma. Procuraremos demonstrar em que medida a UL adquire importância – que nos parece extrema – no currículo de Educação Moral e Religiosa Católica.

No terceiro capítulo desta dissertação procuraremos mostrar como é importante promover a importância do sentido moral da verdade na formação dos alunos.

A proposta pedagógica desta dissertação surge nesse sentido: dar resposta à questão de como trabalhar o conceito verdade com crianças, mais especificamente do 4ºano de escolaridade (com cerca de 10 anos de idade). Assim, propomos uma forma lúdica e apelativa para o fazer, através de um jogo didático «A jogar também se aprende EMRC», que surge como instrumento pedagógico. Ao longo deste terceiro capítulo procuraremos comprovar que a lecionação da UL é bastante sólida, refletida e fundamentada e que só deste modo o jogo adquire a sua verdadeira função. Os conteúdos nele postos a prova, deverão estar previamente bem integrados nos conhecimentos dos alunos. O jogo pretende constituir assim mais uma experiência de aprendizagem séria e significativa no seu percurso educativo.

Esta minha proposta, procura ser um auxílio pedagógico para os docentes explorarem o tema da verdade em contexto de sala de aula, demonstrando que o jogo é uma excelente forma de educar pois as crianças conseguem apreender os conceitos com mais fluidez e interiorizar as descobertas para transformar a sua vida numa vida melhor. Promover o valor da verdade em contexto escolar, é hoje um grande desafio.

CAPÍTULO I

A VERDADE NA SAGRADA ESCRITURA, NO MAGISTÉRIO DA IGREJA E EM SANTO AGOSTINHO

O capítulo I deste estudo procura aprofundar o conceito de Verdade do ponto de vista teológico. Para isso, vamos examinar como ele aparece em três espaços, pela seguinte ordem: primeiro, na Sagrada Escritura; segundo, no Magistério da Igreja; terceiro, na reflexão teológica propriamente dita.

Primeiro, vamos, então, à Sagrada Escritura: Antigo Testamento e Novo Testamento. Pretendemos identificar referências diretas ou implícitas à palavra ‘verdade’, aludindo, ao mesmo tempo, à evolução de significado que esta foi tendo.

Em seguida, procuramos verificar de que modo o Magistério da Igreja, através dos Papas São João Paulo II, Papa Bento XVI e Papa Francisco, contribuiu para o entendimento do que significa ‘verdade’.

Finalmente, para a reflexão teológica propriamente dita, escolhemos a figura de Santo Agostinho. Percebe-se nele uma grande busca sobre a temática da verdade. É um autor que oferece ideias fundamentais para o tratamento da temática no seu conjunto. Revelam-se essenciais ao aprofundamento dos conteúdos que são contemplados na Unidade Letiva ‘Ser verdadeiro’.

Procura-se que este estudo seja um contributo de clareza para o docente que tem como tarefa transmitir aos alunos o que a mensagem da disciplina de EMRC propõe, nomeadamente através da respetiva Unidade Letiva.

1. A Verdade na Sagrada Escritura

A Sagrada Escritura é o testemunho vivo da fé, cujo autor é o próprio Deus. É inspirada e ensina-nos sem erros as verdades que são necessárias para a salvação. O Espírito Santo inspirou os autores humanos que transmitiram os seus ensinamentos. Encontramos na Sagrada Escritura diversas expressões que nos apontam para o real sentido da palavra ‘verdade’ e constatamos que esta desde sempre inquietou o Homem.

1.1. No Antigo Testamento

O Antigo Testamento é, para os cristãos, a Palavra verdadeira de Deus. Todos os seus escritos são divinamente inspirados preservando um valor permanente. O Antigo Testamento dá-nos ainda o testemunho de uma pedagogia do amor salvífico de Deus. De acordo com João Lourenço, a Escritura não caiu do alto, nem vem de um mundo abstrato. Trata-se, antes, de uma perspectiva pedagógica no decorrer da história de um povo e devidamente enquadrada no seu contexto concreto⁴. Segundo o autor, o verdadeiro acesso ao conteúdo da Palavra de Deus tem de respeitar as mediações da linguagem, que necessita de ser enquadrada no tempo e na história. Só assim podemos entender o seu verdadeiro sentido. A este propósito, diz-nos João Lourenço:

«Chegamos e batemos à “porta” da verdade, seja ela a verdade da contingência do quotidiano que nos envolve, seja ela a “Verdade” suprema que na Palavra revelada se serviu da linguagem para dela nos aproximarmos e por ela sermos envolvidos numa mística partilha do ser e do amor»⁵.

Sendo a verdade um tema abrangente, vejamos como é tratado na Sagrada Escritura. A verdade surge no Antigo Testamento através da palavra *’emeth*. Refere-se ao próprio Deus, mas também enquanto adjetivo da pessoa, ato ou dizer da mesma. O Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, expressa que o termo *’verdade’* é utilizado também para qualificar a relação entre pessoas. Do mesmo modo, *’emeth* expressa a coerência entre o que o homem diz e o relatado.

De igual modo refere uma responsabilidade, pois somente a homens de confiança era permitido conduzir os diversos grupos de Israel⁶. Neste sentido, a fidelidade à verdade torna-se essencial para aqueles que anunciam Deus. Neles Deus deposita toda a confiança estabelecendo ainda uma íntima relação de fidelidade. Verifiquemos a alusão a este sentido de fidelidade: «Quando o Senhor nos entregar esta terra, nós tratar-te-emos com lealdade e fidelidade» (*Jos* 2, 14). A verdade é apresentada enquanto segurança e

⁴ Cf. J. LOURENÇO, “Palavra Divina em contexto Existencial”, *Didaskalia* XXXIII (2003) 58-59.

⁵ *Ibidem*, 60.

⁶ Cf. J. GNILKA, “A Verdade”, in H. FRIES (Dir.), *Dicionário de Teologia*, Vol. V, 2ª ed., Edições Loyola, São Paulo, 1987, 411.

proteção, pois quem vive na verdade tem a proteção de Deus: «Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te refugiarás. O seu braço é escudo e armadura» (*Sl* 91, 4).

Ao longo da sua vida, o homem vai reconhecendo na fidelidade de Deus o único fundamento de confiança. E «o Deus verdadeiro e veraz tem fé na ALIANÇA e concede àqueles que o amam e observam os seus mandamentos GRAÇA até à milésima geração» (*Dt* 7, 9)⁷. Notemos a relação que vai sendo explorada, ao longo do Antigo Testamento, entre o conceito ‘verdade’ e os que com ele se cruzam. Agindo sobre a ‘verdade’, o homem experimenta a fidelidade, confiança, lealdade e segurança, garantida por Deus. Essa relação torna-se consequência da abertura do homem à verdade divina, ao propor-se a viver e a testemunhar fielmente a Sua palavra.

Verificamos que o Livro de Josué remete para a verdade num sentido de fidelidade: «Por tudo isso, sejam fiéis ao Senhor e sirvam-no com sinceridade e lealdade» (*Jos* 24, 14). Esta lealdade, perante o contexto em que se enquadra, procura clarificar a necessidade de abolir os ídolos reconhecidos outrora na Mesopotâmia e no Egipto. Tal torna evidente que o comportamento, partindo da verdade, exige que a vida seja orientada, a partir de então, para o único Deus⁸:

«Quando depois declara, no mesmo contexto, a necessidade de abolir os ídolos, (...) o profeta anuncia que, no futuro, a casa de Jacó não se apoiará mais sobre aquele que a feriu, mas em verdade (=fidelidade ilimitada) sobre o Senhor (*Is* 10, 20)»⁹.

Constatamos ainda que, no Antigo Testamento, a palavra proferida está sujeita a verificação de credibilidade. Ou seja, as acusações são submetidas a confirmação para que sejam consideradas verdade e ocorre a necessidade de jurar, para aumentar a credibilidade da palavra proferida: «Quantas vezes terei de te pedir para jurares que só dizes a verdade em nome do Senhor?» (1 *Rs* 22, 16).

Poderemos também perceber no Livro dos Provérbios que toda a palavra contrária à verdade se apresenta como engano, falsidade: «A minha boca vai proclamar a verdade, e os meus lábios aborrecem a injustiça. Todas as palavras da minha boca são justas.

⁷ J. GNILKA, “A Verdade”, in H. FRIES (Dir.), *Dicionário de Teologia*, Vol. V, 2ª ed., Edições Loyola, São Paulo, 1987, 411.

⁸ Cf. J. GNILKA, “A Verdade”, in H. FRIES (Dir.), *Dicionário de Teologia*, Vol. V, 2ª ed., Edições Loyola, São Paulo, 1987, 411.

⁹ J. GNILKA, “A Verdade”, in H. FRIES (Dir.), *Dicionário de Teologia*, Vol. V, 2ª ed., Edições Loyola, São Paulo, 1987, 411.

Nenhuma delas é enganadora ou falsa» (*Prov* 8, 7-9). Segundo J. Gnilka, à palavra contrária à verdade relaciona-se a polémica questão em torno dos falsos profetas. Cita de Jeremias: «Porém nos profetas de Jerusalém encontrei algo mais terrível: cometem adultério e vivem na mentira. Induzem o povo a fazer o mal em vez de os impedirem de pecar» (*Jr* 23, 14). Ao longo da Sagrada Escritura vê-se destacada a importância da fidelidade à Palavra, à verdade.

Neste sentido, a Verdade cumpre-se sempre que o homem acolhe a proposta de Deus. Constatamos que Ezequias foi ao encontro da vontade de Deus, cumprindo aquilo que era «bom, justo e verdadeiro» (2 *Cron* 31, 20). Deus torna-se expressão de tal confiança, que se propõe ao homem como basilar ao seu projeto de vida. Os seus ensinamentos são reconhecidos como fundamentais.

I. Meyer constata que «o usuário de novas traduções bíblicas encontrava no seu texto mais de 200 passagens *alêtheia* e vocábulos afins, onde atualmente, nas traduções modernas se dá preferência, na maioria das vezes, a expressões como “fidelidade”, “firmeza”, “confiabilidade”»¹⁰.

No que respeita ao Judaísmo tardio, a verdade que é reconhecida em Deus surge associada à ação, pois Ele é Aquele em quem se pode confiar. Com base nesta confiança, a verdade conhecida torna-se verdade vivificante.

1.2. No Novo Testamento

A verdade no Novo Testamento é um conceito fundamental da teologia cristã, particularmente desenvolvida em São Paulo e em São João. No Novo Testamento a centralidade é Jesus Cristo, que confia à humanidade a verdade definitiva da Revelação divina. São Paulo é um testemunho essencial da verdade no Novo Testamento, como podemos verificar nas cartas que dirige aos gentios e judeus.

I. Meyer diz que «Paulo dirige-se aos gentios e judeus de outrora nas suas cartas sem crer precisar dar explicações acerca do seu conceito de verdade»¹¹. São Paulo apresenta, sim, os caminhos que o homem deve seguir e a consequência das suas escolhas:

¹⁰ I. MEYER, “Verdade/Certeza”, 973.

¹¹ *Ibidem*.

«a vida eterna para aqueles que perseveram na prática do bem, buscando a glória, a honra e a imortalidade; pelo contrário, ira e indignação para aqueles que se revoltam e rejeitam a verdade, para obedecerem à injustiça» (*Rm 2, 7-9*).

O evangelista desvela a consciência humana como lugar da manifestação de Deus, trazida pelo Espírito Santo e deixa a proposta ao homem de seguir o Deus verdadeiro, luz do caminho: «Comportai-vos como filhos da luz. O fruto da luz consiste em toda a bondade, justiça e verdade. Procurai discernir o que é agradável ao Senhor» (*Ef 5,9-11*). Em São Paulo, destacamos ainda a seguinte passagem bíblica: «Nada podemos contra a verdade, mas só temos poder em favor da verdade» (*2Cor 13,8*).

O testemunho de vida de São Paulo é um “conceito vivo” de verdade no sentido em que nos transmite as questões centrais da Fé Cristã. Através das suas cartas, podemos retirar instruções teológicas importantes, pois estas revelam-nos a doutrina da salvação que é Jesus Cristo, rosto da verdade. Assim, podemos dizer que São Paulo foi uma inesgotável presença de verdade a partir do seu exemplo de vida, anunciando a Boa Nova, não se deixando ficar apenas pelas palavras, mas assumindo um compromisso verdadeiro da sua pregação.

À semelhança de São Paulo, também São João se refere à verdade nos seus escritos a partir do anúncio de Jesus, das suas obras, dos seus gestos, como sinal da manifestação da verdade de Seu Pai: «Agora, porém, quereis matar-Me, e o que Eu fiz foi dizer a verdade que ouvi junto de Deus» (*Jo 8, 40*).

Em São João, «o conceito de verdade/*alêtheia* tem sido objecto de estudos especiais porque se distancia substancialmente dos demais textos do Novo Testamento, a começar pelo número de entradas, mas, sobretudo, pelos conteúdos teológicos»¹².

Segundo Carreira das Neves, o termo surge em Mateus, Marcos e Lucas relacionado a um sentido ético e moral. Assim, a ideia de verdade associa-se a retidão e justiça. Para o autor, Jesus é reto e ensina o caminho de Deus. Logo, Deus é reto, bem como os seus ensinamentos, que apontam o caminho da verdade.

Em relação ao quarto evangelho, reconhece diferença em relação aos demais, tanto pela quantidade de vezes em que se aplica o termo *alêtheia*, vinte, como pelo significado teológico que lhe é atribuído. Acrescenta ainda que, «a originalidade do autor

¹² J. NEVES, “Verdade em S. João”, *Didaskalia* XXXIII (2003) 19.

do quarto evangelho - seja ele quem for -, nesta temática como em tantas outras, não consiste no vocabulário, mas na semântica do mesmo»¹³.

Segundo Carreira das Neves, Ignace de la Potterie é o teólogo responsável pela afirmação de a verdade joanina não se relacionar com o Deus Pai, mas com o Filho Jesus Cristo. Refere também que, desta forma, se consegue compreender porque os sinópticos falam tão pouco do Pai, e o quarto evangelho menciona continuamente Pai e Filho, e as suas relações.

Também J. Gnilka afirma: «A revelação divina é necessariamente verdade, pois que, de outro modo não poderia ser-nos revelação»¹⁴. Tal se verifica na passagem: «Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade. Todo aquele que está com a verdade ouve a minha voz» (*Jo* 18, 37). Assim, em São João «toda a mentira - e por mentira entendem-se as doutrinas dos mestres do erro - não é verdade»¹⁵.

São João cita Jesus com frequência, procurando destacar a importância da verdade: «Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida» (*1 Jo* 14, 6). Lembra que Jesus tranquiliza também os discípulos, garantindo-lhes que com eles ficará o Espírito da Verdade:

«Então Eu pedirei ao Pai e Ele dar-vos-á outro Advogado, para que permaneça convosco para sempre. Ele é o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não O vê, nem O conhece. Vós conheceis-O, porque Ele mora convosco e estará convosco» (*1 Jo* 14, 16-18).

Acrescentamos ao nosso estudo, algumas passagens bíblicas de São João, para melhor entendermos a verdade a partir do seu testemunho: «Mas os que praticam a verdade, aproximam-se da luz e assim mostram publicamente que as suas obras foram feitas segundo a vontade de Deus» (*Jo* 3, 21); «O Espírito da Verdade manifestará a minha glória porque vai receber daquilo que é meu e vo-lo interpretará» (*Jo* 16, 14); «Conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres» (*Jo* 8, 32). As passagens bíblicas de São João destacam a importância da ação do cristão que, só agindo em verdade, testemunhará o verdadeiro ensinamento de Cristo.

¹³ *Ibidem*, 21.

¹⁴ J. GNILKA, “A Verdade”, 416.

¹⁵ *Ibidem*.

São João refere sempre o Pai, em constante relação com o Filho, como fonte, origem da verdade: «Consagro-os na verdade: a verdade é a tua Palavra» (*Jo* 17, 17). No Evangelho de São João, «Jesus afirma dar testemunho da Verdade, isto significa: não há nenhum acesso à verdade senão através de Cristo»¹⁶. Jesus assume a verdade até às últimas consequências: «Agora, porém, quereis matar-Me, e o que Eu fiz foi dizer a verdade» (*Jo* 8, 40); «Eu falo a verdade, e por isso não acreditais em mim» (*Jo* 8, 45); «Entretanto, digo-vos a verdade: é melhor para vós que Eu vá, porque se não for, o Advogado não virá a vós» (*Jo* 16, 7).

Carreira das Neves afirma que é o Espírito quem dá testemunho, pois Ele é a Verdade, que «conduz as pessoas a acreditarem na “verdade” de Jesus como Filho incarnado»¹⁷. Isto porque, como refere o autor, os anticristos da primeira carta de João não acreditavam na encarnação do Filho e é o Espírito que testemunha esta verdade. Carreira das Neves sublinhou não se tratar de testemunho histórico ou proveniente da inteligência humana, mas do próprio Espírito de Deus, pois «a linguagem da “verdade” é a linguagem da “fé”, através do Espírito»¹⁸.

J. Gnilka afirma-nos que o problema da verdade começou por consistir em saber quem era realmente a pessoa de Jesus Cristo. Cita de São João «e o Verbo se fez carne» (*Jo* 1, 14), e constata que desde «o momento em que se fez carne, a verdade entrou no mundo»¹⁹. Acrescenta que enquanto «a lei foi dada por meio de Moisés, a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo»²⁰.

Carreira das Neves, refere a passagem «agora, nós mesmos ouvimos e sabemos que Este é, de facto, o Salvador do mundo» (*Jo* 4, 42) para nos dizer que, segundo São João, é pela fé na pessoa de Jesus, como Cristo e como Filho de Deus, que se tem a noção da verdade.

A partir das passagens bíblicas, o autor salienta que a verdade é a presença de Deus Pai no Seu Filho, Jesus e que as suas obras são manifestação divina. Também Jesus deixa aos discípulos a missão de que sejam retos no caminho, para dar correto testemunho e alegrar a Deus. Assegura-lhes que o Espírito Santo os iluminará. Lembra que aquele que faz a verdade é aquele que atua corretamente. E desta forma se relacionam a verdade e a fé numa vida trilhada à luz da vontade de Deus.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ J. NEVES, “Verdade em S. João”, *Didaskalia* XXXIII (2003) 22.

¹⁸ *Ibidem*, 23.

¹⁹ J. GNILKA, “A Verdade”, 416.

²⁰ *Ibidem*.

Também J. Gnilka, refere que:

«A única digna e adequada resposta do homem à verdade, que lhe vem ao encontro, é a fé. Mediante o ato de fé, o homem apossa-se da verdade divina. A opção diante da palavra da revelação divina é de tal importância que, com a aceitação ou rejeição da fé, o homem decide, ao mesmo tempo, o próprio ser»²¹.

Sobre a importância da palavra, Carreira das Neves convida ainda a uma reflexão sobre a passagem de São João «e o Verbo fez-se carne» (*Jo* 1, 14). Identifica o Verbo como sendo a Palavra, a Glória do Pai, que se encontra na origem de todas as coisas. Segundo o autor, o dom da Salvação não se esgota em si mesmo, mas estende-se a todos os que nele acreditam.

Carreira das Neves lembra também o valor do quarto evangelho e as cartas joaninas, ao comportarem uma teologia que põe a ênfase em Jesus como Revelador. Destaca a descrição que nesses escritos vai sendo feita de Jesus enquanto caminho, verdade e vida, luz, bom pastor, ressurreição e pão da vida²². Conclui o autor:

«Este evangelho fundamenta-se totalmente na revelação acontecida em Cristo. Só Cristo é a luz, a verdade e a vida. Tudo o que se chamar luz, verdade e vida, vem dele. Na nova religião do cristianismo, tudo se deve fundamentar e legitimar desde este centro»²³.

Constatamos, assim, que o conceito de verdade vê reforçado o seu sentido ao ser entendido à luz de Cristo.

Podemos dizer que os escritos joaninos são de uma grande riqueza espiritual e teológica, pois refletem que Jesus é não só o caminho, mas também a verdade. Jesus é a verdade que liberta e santifica.

²¹ *Ibidem*.

²² Cf. J. NEVES, “Verdade em S. João”, *Didaskalia* XXXIII (2003) 24.

²³ *Ibidem*, 30.

2. A Verdade no Magistério da Igreja

No interior do Magistério da Igreja, o conceito Verdade foi também enfoque por parte de alguns dos seus elementos, nomeadamente João Paulo II, Bento XVI e Papa Francisco.

2.1. A Verdade em João Paulo II

O tema da verdade é explorado por João Paulo II, a partir da ideia de que todo o Homem é chamado à fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus. João Paulo II lembra que Jesus é «luz verdadeira que ilumina todo o homem» (*Jo* 1, 9), possibilitando que permaneçamos na luz do Senhor, tornando-nos «filhos da luz» (*Ef* 5, 8) e santificando-nos pela «obediência à verdade» (1 *Pd* 1, 22).

Esta visão de verdade é, segundo João Paulo II, desafiante, dado que o homem é colocado à prova em muitas situações que o desviam do Deus verdadeiro. O Papa considera que, por vezes, se troca a «verdade de Deus pela mentira» (*Rm* 1, 25).

João Paulo II entende a verdade como uma escolha pelo caminho do bem e diz que, por vezes, para o homem, «a verdade fica ofuscada»²⁴.

Mesmo perante a fraqueza humana, João Paulo II salienta que nenhum homem consegue eliminar em si, completamente, a luz de Deus. Sublinha que é no mais íntimo do coração que o homem sentirá sempre a necessidade e a inquietação de buscar e de conhecer cada vez mais. Então, é perante as suas dúvidas e inquietações, que o homem encontra a única resposta que o tranquiliza: Cristo, «o caminho, a verdade e a vida» (*Jo* 14, 6).

Na sua encíclica *Esplendor da Verdade*, João Paulo II cita o Concílio Vaticano II, referindo que «na realidade, o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado»²⁵.

João Paulo II apela ao sentido de verdade, que a Sagrada Escritura pode trazer à vida diária do homem, realçando a importância da aliança que Deus estabelece com ele, salientando o amor e respeito a Deus e ao próximo.

²⁴ JOÃO PAULO II, *O Esplendor da Verdade*, Secretariado Geral do Episcopado, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1993, 8.

²⁵ *Ibidem*, 9.

Segundo João Paulo II, é necessário recorrer sempre aos mandamentos inscritos no coração do homem e que se tornam iluminação perante as constantes opções a tomar. O Papa destaca que:

«Jesus leva a cumprimento os mandamentos de Deus, nomeadamente o mandamento do amor ao próximo, interiorizando e radicalizando as suas exigências: o amor ao próximo nasce de um coração que ama, e, precisamente porque ama, está disposto a viver as mais elevadas exigências»²⁶.

João Paulo II reitera a importância dos mandamentos, primeiramente apresentados no Antigo Testamento e depois, através de Cristo, no Novo Testamento. Lembra que Jesus garantiu aos discípulos que teriam consigo o Espírito da Verdade, o qual os auxiliaria a melhor discernir e entender conforme a nova lei. Esta proposta é um desafio que se coloca a todos os que testemunham a Cristo. João Paulo II diz que os primeiros cristãos se distinguiam dos pagãos também pela sua conduta moral, fundada Naquele que é a Nova Lei.

E para os dias de hoje destaca o serviço do Magistério que:

«por fidelidade a Jesus Cristo e em continuidade com a tradição da Igreja, sente com maior urgência o dever de oferecer o seu próprio discernimento e ensinamento, para ajudar o homem no caminho da busca da verdade e da liberdade»²⁷.

Referimos também a importância que João Paulo II atribui ao papel da própria Igreja, que deseja «que cada homem possa encontrar Cristo, a fim de que Cristo possa percorrer juntamente com cada homem o caminho da vida»²⁸.

João Paulo II identifica a verdade em Jesus Cristo como o caminho do Bem, pois «só Deus pode responder à pergunta sobre o bem, porque Ele é o Bem»²⁹.

O Papa constata que, ao longo do tempo, e particularmente na cultura moderna, se tem desenvolvido aquilo que refere como a crise em torno da verdade. Crise esta pautada pela perda da verdade enquanto bem comum e pela alteração da compreensão do que é a consciência.

²⁶ *Ibidem*, 32.

²⁷ *Ibidem*, 52.

²⁸ *Ibidem*, 19.

²⁹ *Ibidem*, 25.

Segundo o Papa, esta tende a compreender-se, cada vez mais, no âmbito do bem individual. João Paulo II salienta que, por vezes, a pessoa conta somente com a sua verdade, que poderá não ser comum à do outro, tornando-se então em individualismo.

Salienta que, «na sua inclinação para Deus, para Aquele que “só é Bom”, o homem deve livremente fazer o bem e evitar o mal» (VS 42). Para João Paulo II, o homem consegue fazer essa opção através da razão, iluminada pela revelação divina, iluminada pelo Espírito Santo, que habitando a alma humana leva a inteligência ao agir com retidão.

Neste sentido, é

«tão importante no campo teórico, como no âmbito prático [...], aludir à procura da verdade a respeito do bem que se deve realizar. Com efeito, graças precisamente ao agir ético, a pessoa, se actuar segundo a sua livre e recta vontade, entra pela estrada da felicidade e encaminha-se para a perfeição. Também neste caso, está em questão a verdade.» (FR 25)

Assim, João Paulo II considera necessária a opção do homem em seguir valores verdadeiros, por serem os que aperfeiçoam a pessoa, os que a realizam na sua natureza. Por isso, a pessoa deveria evitar fechar-se em si mesma, dado que é na abertura às dimensões que a transcendem que encontra a verdade dos valores. O Papa considera este um processo necessário ao crescimento e amadurecimento humano.

O Papa destaca a gratuidade da iniciativa de Deus, presente à humanidade para a salvar. Sublinha que é o próprio Deus quem deseja ser verdadeiramente conhecido, proporcionando que, em plenitude, o homem alcance o sentido da própria existência.

Bento XVI cita João Paulo II recordando a importância que atribui à missão da Igreja em promover a adesão livre das pessoas às verdades que ela proclama:

«Pretender impor aos outros com a violência aquela que se presume ser a verdade, significa violar a dignidade do ser humano e, em última instância, ultrajar a Deus, de quem ele é imagem”»³⁰.

³⁰ BENTO XVI, *Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz: “Na verdade, a paz”*, LEV, Roma, 2006, 9, acedido a 05/02/2020, disponível em <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20051213_xxxix-world-day-peace.html>.

Neste sentido, acerca do papel da Igreja, João Paulo II reforça a ideia de que, «credenciada pelo facto de ser depositária da revelação de Jesus Cristo, a Igreja deseja reafirmar a necessidade da reflexão sobre a verdade» (FR 6).

Destaca a missão de anunciar «abertamente a verdade» (2 Cor 4, 2). Solicita, a quem compete, o compromisso com a investigação sobre diferentes aspetos da verdade. Pede, a quem rumo numa busca de respostas, que comunique as reflexões a que vai chegando «a fim de que todo aquele que tiver no coração o amor por ela [pela verdade] possa tomar a estrada certa para a alcançar, e nela encontrar repouso para a sua fadiga e também satisfação espiritual» (FR 6).

João Paulo II faz também alusão a circunstâncias da atualidade. Apercebe-se de inúmeras mudanças, sobretudo nos jovens, a quem pertence e de quem depende o futuro, e que se veem privados de autênticos pontos de referência. Salienta a necessidade de um alicerce que sustente a sua existência, quer pessoal, quer social.

2.2. A Verdade em Bento XVI

Em Bento XVI, o conceito ‘verdade’ surge associado à paz. Afirma que se «o homem se deixa iluminar pelo esplendor da verdade, empreende quase naturalmente o caminho da paz»³¹. Remete para a constituição pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, ao afirmar que a humanidade não conseguirá promover um mundo mais humano sem a orientação do espírito renovado para a verdade da paz. Questiona, neste sentido, o significado da expressão verdade da paz. E salienta que, para uma resposta adequada, é necessário tomar em consideração que a paz não se pode restringir a uma simples ausência de conflitos armados. Deve antes ser entendida como um fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana.

Bento XVI relembra a expressão utilizada por Santo Agostinho *tranquillitas ordinis*, respeitante a uma tranquilidade da ordem, que torna possível respeitar e realizar a verdade do homem. Destaca a importância de todos os homens se reconhecerem como pertencentes a uma única família, independentemente das suas características individuais. Considera, para isso, necessário

³¹ *Ibidem*, 3.

«recuperar a consciência de estarmos irmanados num mesmo e, em última análise, transcendente destino, para se poder valorizar da melhor forma as próprias diferenças históricas e culturais sem as contrapor, mas, antes, harmonizando-as com os que pertencem a outras culturas. São estas verdades simples que tornam possível a paz»³².

Bento XVI identifica também a Verdade com a pessoa de Jesus. Justifica citando a passagem bíblica em que Jesus se definiu como a Verdade em pessoa e em que, falando em visão ao vidente do Apocalipse, declarou a sua total aversão a «todos os que amam e praticam a mentira» (Ap 22, 15). O Papa reconhece em Jesus a verdade. Entende que «com a força da sua graça é possível estar na verdade e viver de verdade, porque só Ele é totalmente sincero e fiel. Jesus é a verdade que nos dá a paz»³³.

Para Bento XVI é obrigação dos católicos intensificar o anúncio e o testemunho do Evangelho da paz, só possível perante o reconhecimento da verdade plena de Deus, pois Deus é inseparavelmente verdade e amor.

Relembra que «Deus é amor que salva, Pai amoroso que deseja ver os seus filhos reconhecerem-se mutuamente como irmãos, procurando responsabilmente pôr os seus vários talentos ao serviço do bem comum da família humana»³⁴.

Bento XVI reitera que, só construída sobre a rocha da verdade de Deus e da verdade do homem, se obterá uma paz autêntica e duradora. Acrescenta que esta verdade permite sensibilizar para a justiça, conduzindo ao amor e solidariedade.

O Papa apela sobretudo à escuta do Evangelho, que, como diz, ensina a fundar a paz sobre a verdade do agir, inspirado no mandamento do amor.

Desafia, porém, as comunidades a um maior empenho sobre a educação e o testemunho que promova o aprofundamento da verdade da paz. E, para isso, pede que se intensifique a oração, pois entende que, «graças à ajuda divina, será, certamente, mais convincente e iluminador o anúncio e o testemunho da verdade da paz»³⁵.

Bento XVI explora também em profundidade o sentido da caridade na verdade. A sua terceira encíclica, *Caritas in Veritate*, alude ao desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade.

³² *Ibidem*, 6.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*, 11.

³⁵ *Ibidem*, 16.

Segundo G. Rocha, o Papa caracteriza

«o desenvolvimento como uma “vocação” do homem, mas que só poderá ser alcançado plenamente se respeitar os princípios que considerem o ser humano como criatura predileta de Deus, revestido de uma dignidade que não pode ser sacrificada pelas leis da economia destituídas da ética e da caridade na verdade»³⁶.

Para Bento XVI, a caridade é uma força originária em Deus, expressão de Amor eterno e verdade absoluta. O Papa considera que «a caridade dá verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo» (CV 2). Neste sentido, a caridade é entendida tanto como meio de atingir a verdade como de a testemunhar:

«A verdade há-de ser procurada, encontrada e expressa na “economia” da caridade, mas esta por sua vez há-de ser compreendida, avaliada e praticada sob a luz da verdade. Deste modo teremos não apenas prestado um serviço à caridade, iluminada pela verdade, mas também contribuído para acreditar a verdade» (CV 2).

Entende Bento XVI que só aderindo àquele que é o projeto de Deus, o homem consegue uma realização plena. Mas sublinha que «defender a verdade, propô-la com humildade e convicção e testemunhá-la na vida são formas exigentes e imprescindíveis de caridade» (CV 1).

Assim, considera fundamental o testemunho de Jesus com sua vida terrena, especialmente com a sua morte e ressurreição, como fundamento para um verdadeiro desenvolvimento da humanidade. Acredita que todos os homens se sentem movidos por um impulso interior a amar verdadeiramente, sinal da vocação proposta por Deus ao seu coração e à sua alma. Para Bento XVI, essa força é a verdade que ilumina a caridade. Caso contrário, afirma, a caridade seria somente expressão de sentimentalismo. Como tal, só a caridade atestada de verdade conduz o homem à real compreensão de caridade. Só deste modo, o homem consegue experimentar uma «riqueza de valores, partilhada e

³⁶ G. ROCHA, “A encíclica Caritas in Veritate e a busca irrenunciável de caminhos para a superação da crise”, sd, sp, in *Arautos do Evangelho*, acedido a 17/02/2020, disponível em «<https://www.arautos.org/secoes/artigos/magisterio/enciclica/a-enciclica-caritas-in-veritate-e-a-busca-irrenunciavel-de-caminhos-para-a-superacao-da-crise-141199>».

comunicada. Com efeito, a verdade é “logos” que cria “diá-logos” e, consequentemente, comunicação e comunhão»³⁷.

Neste sentido, Bento XVI destaca a verdade como meio de aproximação ao outro em profundidade, afastando das opiniões e sensações subjetivas. Refere que o homem desenvolve a linguagem do amor, pelo anúncio e testemunho cristão, pela caridade. O Papa reitera a necessidade da verdade pelo testemunho e a ação, nomeadamente através da doutrina social da Igreja, a qual denomina de «*caritas in veritate in re sociali*». Destaca a sua função enquanto promotora da verdade do amor de Cristo na sociedade. Do mesmo modo, salienta a importância da sua capacidade de se colocar ao serviço em verdadeira caridade.

Neste sentido, refere que:

«Sem verdade, sem confiança e amor pelo que é verdadeiro, não há consciência e responsabilidade social, e a actividade social acaba à mercê de interesses privados e lógicas de poder, com efeitos desagregadores na sociedade, sobretudo numa sociedade em vias de globalização que atravessa momentos difíceis como os actuais» (CV 5).

Para Bento XVI, a Igreja não pode renunciar a esta missão do serviço à verdade. Justifica com o Evangelho de João: «por acções e em verdade» (1 Jo 3, 18). Afirmar também que a caridade, através do amor à verdade, é um enorme desafio presente à Igreja.

O Papa faz referência à natureza, oferecida por Deus para ambiente de vida, enquanto expressão de um desígnio de amor e de verdade. Reconhece que a natureza é igualmente expressão do Seu amor pela humanidade. Alerta para a necessidade de uma mudança de mentalidade perante a busca do verdadeiro, do que é realmente bom, belo e necessário. Só procedendo desta forma, afirma Bento XVI, o homem saberá o que é o bem e em que consiste a verdadeira felicidade. Este será o modo de encontrar o caminho para o verdadeiro desenvolvimento.

Bento XVI reconhece, assim, na verdade, a grande força impulsionadora de sentido à ação do cristão. Expressão do amor de Deus presente ao homem. Amor esse que deve ser testemunhado e tornado prática através da paz e da caridade verdadeiramente

³⁷ *Ibidem*.

entendida. O cuidado com o outro, com a sociedade e com a própria natureza é, na sua opinião, fundamental na identidade do cristão e da Igreja.

2.3. A Verdade em Francisco

Com o Papa Francisco, a abordagem a esta temática incita-nos a refletir sobre a verdade interior. Relembra que não podemos viver só de aparências, apresentando-nos o exemplo dos fariseus, de que falava Jesus, que por cumprirem as leis se julgavam bons: «Jesus condena as pessoas de boas maneiras, mas com maus hábitos, porque uma coisa é parecer bom e bonito, outra é a verdade interior»³⁸.

Neste sentido, o Papa Francisco exorta a que cada cristão faça um exame de consciência sobre a sua própria fé, lembrando que, se o coração não mudar, a aparência nada valerá. Assim, convida o Homem a questionar-se sobre o seu modo de viver, a perguntar-se se a sua vida é pautada de verdades absolutas ou se vive apenas aparências, dando enfoque à necessidade que o mundo tem de cristãos de ação e de verdade, que fundem a sua vida sobre a rocha de Jesus e não sobre palavras ou gestos superficiais. A este propósito, convida-nos o Papa Francisco a refletir sobre se a nossa é «uma vida de cosméticos, de aparência ou é uma vida cristã com uma fé activa na caridade?»³⁹.

O Papa lembra que os cristãos, conscientes da importância de Deus nas suas vidas, chamaram a Cristo o verdadeiro Sol, cujos raios originam vida. Esclarece que, no mundo pagão, os homens, ao sentirem fome de luz, criaram o deus do sol, mas constataram que este «não ilumina toda a realidade, sendo os seus raios incapazes de chegar até às sombras da morte, onde a vista humana se fecha para a luz»⁴⁰.

³⁸ FRANCISCO, “Aparência e verdade”, *L'Osservatore Romano* 42 (2014), acedido a 17/02/2020, disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco-cotidie_20141014.html.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ FRANCISCO, “Cristãos de acção e de verdade”, *L'Osservatore Romano* 26 (2013), acedido a 17/02/2020, disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20130630_meditazioni-13.html.

Deste modo, Francisco associa a fé verdadeira do cristão a uma luz que ilumina todo o percurso da estrada, que provém de Cristo ressuscitado. Constata que a compreensão de tal luz, nas sociedades antigas, fora suficiente, mas que, nos tempos modernos, a fé foi sendo entendida enquanto luz ilusória e que restringia ao homem a ousadia do saber:

«O homem renunciou à busca de uma luz grande, de uma verdade grande, para se contentar com pequenas luzes que iluminam por breves instantes, mas são incapazes de desvendar a estrada. Quando falta a luz, tudo se torna confuso: é impossível distinguir o bem do mal, diferenciar a estrada que conduz à meta daquela que nos faz girar repetidamente em círculo, sem direcção»⁴¹.

O Papa considera que é aqui que se abre o espaço para a fé. A razão não pode iluminar, o homem não pode ter certezas. Só a luz da fé é capaz de iluminar totalmente a existência do homem.

Acerca dos cristãos, afirma que «confessam o amor concreto e poderoso de Deus, que actua verdadeiramente na história e determina o seu destino final; um amor que se fez passível de encontro, que se revelou em plenitude na paixão, morte e ressurreição de Cristo»⁴².

Notemos que Francisco centra em Cristo uma nova lógica da fé, em que a vida do ser humano se abre plenamente ao amor. Amor esse que, sendo precedente ao homem, tem a capacidade de constantemente o transformar, agindo sobre ele. Salienta que, nesta condição, a fé torna-se então luz verdadeira aos olhos do homem.

O Papa refere ainda a necessidade que o homem sente de conhecimento e de verdade, essenciais ao seu percurso de vida. Mas que não deve descuidar a fé que salva, a verdade. Assim, diz que, mais do que nunca, urge relacionar a fé com a verdade, pois constata que se vive uma crise da verdade. Segundo o Papa Francisco,

«na cultura contemporânea, tende-se frequentemente a aceitar como verdade apenas a da tecnologia: é verdadeiro aquilo que o homem consegue construir e medir com

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² FRANCISCO, “Aparência e verdade”, *L'Osservatore Romano* 42 (2014), acedido a 17/02/2020, disponível em «http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco-cotidie_20141014.html».

a sua ciência; é verdadeiro porque funciona, e assim torna a vida mais cómoda e aprazível»⁴³.

O Papa destaca que este conceito parece ser o significado da verdade nos nossos dias. Assim, a verdade própria e interior de cada indivíduo cai em descrédito, ainda que venha propor o bem comum. Constata que a sociedade vive aquilo que refere como obnubilação da memória, ao pretender que se afaste o sentido religioso ao conceito de verdade.

Francisco questiona, então, se a fé cristã pode prestar um serviço ao bem comum, no âmbito de uma compreensão correta da verdade. Reconhece na busca da verdade uma questão de memória, a qual, salienta, ilumina a meta a atingir dando sentido à estrada comum. E, numa procura de resposta, salienta a necessidade de reflexão sobre o conhecimento próprio da fé. Cita da carta de S. Paulo: «acredita-se com o coração» (*Rm* 10, 10). O Papa conclui que, na Bíblia, o coração é o centro do homem, e que é esse o lugar onde nos abrimos à verdade e ao amor. Aqui estabelece a relação com a fé, na medida em que se abre ao amor e à capacidade que este tem de iluminar os nossos passos. Para Francisco, «a compreensão da fé é aquela que nasce quando recebemos o grande amor de Deus, que nos transforma interiormente e nos dá olhos novos para ver a realidade»⁴⁴. Ele recorda que, também na Bíblia, este amor corresponde à verdade e à fidelidade, que aí caminham juntas. Destaca que se vai verificando que o Deus verdadeiro é o Deus fiel e que a fé é a forma de conhecimento própria do amor:

«O conhecimento da fé não nos convida a olhar uma verdade puramente interior; a verdade que a fé nos descerra é uma verdade centrada no encontro com Cristo, na contemplação da sua vida, na percepção da sua presença» (*LF* 30).

Assim, o Papa afirma que a fé, através da luz do amor, consegue iluminar questões sobre a verdade, próprias do tempo que se vive. Considera que a mesma é hoje entendida de forma um pouco subjetiva. Reconhece-se a sua validade mais a nível individual, de acordo com o interesse da própria pessoa. Então, Francisco destaca a necessidade de se entender a verdade do amor de Deus, e de identificá-la na vida pessoal e comunitária. Esta compreensão promoverá, assim, o que denomina de bem comum.

⁴³ *Ibidem.*

⁴⁴ *Ibidem.*

Para Francisco, o amor, enquanto base da verdade, nunca se poderá impor pela violência. E, neste sentido, a verdade não procura esmagar o indivíduo, mas antes conduzir esse amor ao seu coração, ao centro de cada homem. Consta ainda que a fé não é sinal de intransigência, e que cresce fundada na relação de respeito com o semelhante. No seu entender, «o crente não é arrogante; pelo contrário, a verdade torna-o humilde, sabendo que, mais do que possuímo-la nós, é ela que nos abraça e possui» (*LF* 34).

Acrescentamos ao nosso estudo a mensagem que o Papa Francisco deixou à Universidade Católica, por altura das comemorações dos cinquenta anos da mesma, e retomando as palavras de João Paulo II: «A missão fundamental de toda a universidade é «a investigação contínua da verdade mediante a pesquisa, a preservação e a comunicação do saber para o bem da sociedade» (*ECE* 30).

Francisco apresenta a investigação como uma possibilidade de ver mais além, mas que deve ser colocada, pelo estudante, ao serviço da comunidade, numa perspetiva de humildade. Destaca que a investigação deve convidar à contemplação diante do mistério da criação e que «a fé alarga os horizontes da razão para iluminar melhor o mundo que se abre aos estudos da ciência» (*LF* 34).

O Papa lembra que, por exemplo, na vida de Santo Agostinho, se verificou este percurso da busca da razão, motivado pelo desejo de verdade e clareza.

Para Francisco, é Jesus quem ensina a verdade e a compreensão. Destaquemos uma das suas preces: «Que Jesus nos ensine a ter, com o coração, uma grande adesão à verdade e também com o coração, uma grande compreensão e acompanhamento a todos os nossos irmãos»⁴⁵.

O Papa deixa-nos, assim, propostas de reflexão, que possibilitam um desenvolvimento da fé, sempre assentes na rocha 'Jesus' e que, à Sua semelhança, sejam sinal de compromisso fiel e humilde, ao serviço da Verdade.

⁴⁵ FRANCISCO, “Jesus ensina a verdade e a compreensão”, *Educris*, SNEC, sd, sp, acedido a 20/02/2020, disponível em «<http://www.educris.com/v2/artigos/6010-papa-francisco-jesus-ensina-a-verdade-e-a-compreensao>».

3. Santo Agostinho e a busca da Verdade

Ao longo do seu percurso de vida, Santo Agostinho, manifestou um desejo incontornável pela busca da 'Verdade'. Assim se expressou: «Ó verdade, verdade! Quão intimamente a medula da minha alma suspirava por ti!»⁴⁶. Santo Agostinho manifesta, na procura da verdade, a grande preocupação de todo o seu esforço intelectual. Assim, defende que o mais importante é seguir a verdade do seu coração. Santo Agostinho entende que, agindo desta forma, o homem experimenta o modo reto da aproximação à verdade⁴⁷. Insiste também que o homem tem de se preparar por forma a tornar-se digno de a conhecer. Para isso, aponta como necessárias três condições que permitem alcançar essa verdade: limpar a pupila da alma para ver melhor; seguir a retidão do coração; e tornar-se humilde no seu íntimo⁴⁸. Para Santo Agostinho, «o homem tem a responsabilidade de procurar conhecer a verdade e de a fazer no seu coração»⁴⁹. O filósofo destaca a íntima relação do coração do homem com o desejo de conhecer a Verdade, pois «a verdade far-nos-á livres» (*Jo* 8:31-32). Santo Agostinho apresenta o conceito do olhar com o coração, como essencial na busca da verdade. Um olhar intrínseco ao ser humano, que o conduz ao Amor de Deus. Salienta que «a inquietação do coração não se inscreve na dimensão psicológica do ser humano, não corresponde a um estado de alma, mas caracteriza essencialmente o ser humano»⁵⁰.

Só deste modo, o homem caminha em direção à alegria da verdade. O autor recorda-nos o autor do desejo constante da humanidade em atingir a felicidade. Para Santo Agostinho, esta provém unicamente da verdade. Consequentemente, explica que, criados para Deus, o nosso coração apenas se tranquiliza na Sua presença, reconhecida enquanto Trindade. O autor «mostra com vários e numerosos argumentos que [...] se deve prestar culto ao único Deus verdadeiro, Pai, Filho e Espírito Santo»⁵¹. Salienta que a oração assume importância na medida em que une o homem a Deus. Esta relação permite conduzi-lo mais longe, tornando a sua fé em exemplo, nomeadamente através das ações

⁴⁶ AGOSTINHO DE HIPONA, *A mentira, Contra a mentira*, Paulinas Editora, Pior Velho, 2018, 10.

⁴⁷ Cf. AGOSTINHO DE HIPONA, *A mentira, Contra a mentira*, 6.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ AGOSTINHO DE HIPONA, *A mentira, Contra a mentira*, 7.

⁵⁰ *Ibidem*, 60.

⁵¹ AGOSTINHO DE HIPONA, *A Verdadeira Religião*, Edições Afrontamento, Porto, 2012, 10.

que realiza. Estas deverão expressar uma prática de vida semelhante à de Jesus Cristo. Assim,

«criado à imagem de Deus, o homem é chamado a realizar, em liberdade e consciência, tudo o que [...] implica o ser imagem, para, desse modo convertido, quer dizer, na posse da verdade de si mesmo, se transformar em semelhança, que é já participação da vida divina»⁵².

O caminho que o homem percorre, no desejo de seguir a verdade, é já um caminho de felicidade. É uma motivação que vem de dentro. Como refere M. Barbosa, Santo Agostinho desafia

«a não nos deixarmos andar por fora, a regressarmos quanto antes à nossa interioridade, porque é aí que habita a verdade por que ansiosamente suspiramos»⁵³.

Segundo Santo Agostinho, também «toda a integridade vem daquele de quem provém todo o bem; mas todo o bem provém de Deus; portanto toda a integridade tem a sua origem em Deus»⁵⁴. Assim, devemos «seguir aqueles que afirmam que somente o único Deus supremo é o Deus verdadeiro e somente Ele deve ser adorado. Se entre eles não resplandecer a verdade, então é preferível procurá-la noutro lugar»⁵⁵. Santo Agostinho verifica que «a adesão a Cristo, sabedoria de Deus, é a posse da verdade na mente»⁵⁶. Assim, o homem conseguirá já compreender o poder revelador dos mistérios salvíficos de Deus, criador do mundo.

O autor salienta que esta revelação se torna acessível ao homem através da Palavra. Como constata M. Barbosa, Santo Agostinho reconhece na Bíblia um itinerário para a verdade:

⁵² M. FREITAS, “Introdução”, Confissões SANTO AGOSTINHO, IN-CM, Livro VII, X, XI, Casa da Moeda, Lisboa, 2001, p.13, in http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_confessiones_livros_vii_x_xi.pdf, acedido a 06/04/2020.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ AGOSTINHO DE HIPONA, *A Verdadeira Religião*, 18.

⁵⁵ *Ibidem*, 101.

⁵⁶ *Ibidem*, 13.

«É à luz do Deus pessoal, vivo e sensível da Bíblia [...] que deve ser interpretado o pensamento agustiniano, do qual Cristo é a fonte e o princípio inspirador como Palavra Encarnada do Pai, para alumiar, de verdade e de graça, todo o homem que vem a este mundo»⁵⁷.

Verificamos que em Santo Agostinho é essencial a compreensão da Verdade universal e intemporal, Deus Criador, dado aos homens através de Cristo. Segundo o autor, o verdadeiro conhecimento é presente ao homem pela Sagrada Escritura. Santo Agostinho defende que o percurso do homem deve procurar ser coerente com o sentido das verdades nela [Sagrada Escritura] registadas, nomeadamente na bondade de toda a criação, do homem e da sua natureza livre⁵⁸.

3.1. O Bem e o Mal na compreensão do Livre Arbítrio

Santo Agostinho debruçou-se também sobre a investigação acerca do bem e do mal, procurando identificar a sua origem. O autor constata que ambos estão disponíveis ao ser humano:

«Se a Verdade é o Supremo Bem e é comum a todos os que raciocinam, ela transcende todos os raciocínios possíveis e manifesta-se, sempre, na sua relação com o ser humano, subordinada às condições históricas dele»⁵⁹.

Deste modo, compreendemos que o homem encontra a Verdade dentro do seu próprio contexto e percurso de vida. Assim, «vire-se para onde se virar, a mente humana descobre sempre necessariamente a verdade, se caminha com retidão e se a sua é uma busca de plenitude de ser, de bondade»⁶⁰.

Santo Agostinho considera a manifestação de Deus eterna e imutável. Também erradica «a possibilidade de a origem do mal se situar quer na inteligência, quer na

⁵⁷ M. FREITAS, in http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_confessiones_livros_vii_x_xi.pdf, acedido a 06/04/2020, 13.

⁵⁸ Cf. AGOSTINHO DE HIPONA, *A Verdadeira Religião*, 13.

⁵⁹ AGOSTINHO DE HIPONA, *Diálogo sobre o Livre Arbítrio*, Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, 59.

⁶⁰ *Ibidem*, 13.

aprendizagem, quer na própria autoridade da lei»⁶¹. Fundamenta baseando-se na criação, enquanto ato único de princípio de bondade. Desta forma, conclui que o criado por Deus nunca poderia ser o mal. O autor constata então: «O acesso a uma definição do que é o mal viabiliza-se pela análise de acções, praticadas ou sofridas. Não sendo possível atribuir a Deus o mal que se pratica, resta atribuí-lo ao ser humano»⁶².

Deste modo, no entender de Santo Agostinho, o mal será da responsabilidade de quem o pratica, sendo consequência das escolhas e ações do homem. E, dentro da definição de mal, «distingue o mal que se pratica e o mal que se sofre, desarreigando, de imediato, a hipótese de Deus ser autor do primeiro e atribuindo-lhe a causa do segundo»⁶³. Defende que o mal, embora surja muitas vezes como consequência, teve na sua origem uma realidade boa. Então, para Santo Agostinho, o homem é detentor da possibilidade de escolher entre o bem e o mal, ou seja, é detentor de livre arbítrio.

O autor conclui:

«onde há expressão de ser (...) há manifestação de bondade e de gratuidade, é fácil deduzir que o ser humano é um bem. Assim, de igual modo o serão todas as funções da mente, entre as quais se conta o livre arbítrio da vontade»⁶⁴.

Para Santo Agostinho é essencial o bom uso da liberdade, «que considera ser precisamente aquele princípio sem o qual não se pode descobrir a Verdade e conquistar a felicidade».⁶⁵ Com base nessa liberdade, «a análise da relação entre Deus e a razão será, precisamente, o caminho mais legítimo para se construir um itinerário de compreensão da existência de Deus e, por contraste, da origem do mal»⁶⁶.

Como tal, e dado que a razão é a característica distintiva do ser humano perante os demais seres vivos, torna-se necessário avaliar se não é ela própria a fonte da malícia que afeta as decisões e ações humanas. Para Santo Agostinho, o mal não parte da ignorância, a sua origem está antes no livre arbítrio da vontade. Salienta que «é necessário estabelecer a relativa autonomia da vontade, admitir a sua reflexividade e postular a total

⁶¹ *Ibidem*, 39.

⁶² *Ibidem*, 44.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ *Ibidem*, 40.

⁶⁵ *Ibidem*, 21.

⁶⁶ *Ibidem*, 46.

disponibilidade dos seu actos ante o arbítrio daquele que os realiza»⁶⁷. Esclarece, assim, que cabe ao homem a responsabilidade pelas suas escolhas, fruto da liberdade que lhe foi confiada. Agostinho meditou sobre a liberdade humana «e a sua relação com a origem do mal, [...] sobre as possibilidades de conquista da felicidade e da sabedoria, confiadas ao ser humano»⁶⁸.

Explica que explorou a temática do livre arbítrio da vontade «por causa daqueles que, atribuindo a Deus, criador de todas as naturezas, a origem do mal, negam que a causa deste seja o livre arbítrio da vontade»⁶⁹.

Santo Agostinho lembra que sendo o homem fruto da criação divina tem em si a consciência, o poder de reflexão e de pensamento. E, perante a premissa «se é evidente que Deus existe; se todos os bens provêm de Deus; se o livre arbítrio é um bem»⁷⁰, verifica a existência de tensão entre Verdade e liberdade, a qual, segundo o autor, se gera no interior da mente e se torna capacidade no ser humano. A este, é oferecida, durante a sua vida, a condição de liberdade, como fundamento da ação em função da Verdade.

Em Santo Agostinho, «a noção comum a todos os que raciocinam, superior à razão, eterna e imutável, e a que nenhuma outra é superior, é a própria Verdade»⁷¹. Será através do exemplo, da coerência entre saber e ser que o Homem tornará a sua ação verdadeiramente vivificante.

Para Agostinho de Hipona, a Verdade é o princípio inteligível que impele à ação. A Verdade está subjacente a toda a compreensão humana presente num modo prático de vida. Modo esse que, numa constante busca de felicidade, sempre se direciona ao bem.

Segundo o autor, na busca da felicidade,

«a vontade é apresentada como uma realidade que se conquista em cada acto humano, quando, na complexidade que o caracteriza, a expressão de ser, que a inteligência contempla como *melhor*, é precisamente aquela que a *vontade* alcança, ou se esforça por alcançar»⁷².

⁶⁷ *Ibidem*, 22.

⁶⁸ *Ibidem*, 17.

⁶⁹ *Ibidem*, 17.

⁷⁰ *Ibidem*, 53.

⁷¹ *Ibidem*, 56.

⁷² *Ibidem*, 61.

Dáí a necessidade de refletir sobre a escolha do que é incorreto, que permite compreender a quebra com o projeto de felicidade. Santo Agostinho refere que esta quebra e respetiva reflexão sobre a mesma promovem também uma maior sensibilidade ao erro alheio. Este reconhecimento possibilita um entendimento do erro enquanto ação humana – afinal, todos podem errar – e, ao mesmo tempo, desperta a necessidade mútua de perdão.

Santo Agostinho «adopta uma metodologia curiosa, que ele próprio considera essencialmente evangélica, a qual consiste em assumir o erro para acolher os que erram, encaminhando-os para a Verdade»⁷³. Nesta perspetiva, propõe uma autorreflexão, necessária ao reconhecimento da possibilidade de falhar e de que o outro também falhe. O objetivo será rumar à Verdade, à justiça, ao bem.

Santo Agostinho lembra que existe uma diferença, ao nível da razão, entre crer e compreender. Entende que o crer pode mostrar a sua eficácia pela ação e «justifica-a, por recurso à autoridade da Escritura»⁷⁴. Referindo-se à Sagrada Escritura, lembra Santo Agostinho: «optar por ela é escolher o melhor, pois supõe assumir como ponto de partida a adesão à verdade universal, [...] construir [...] uma visão do mundo coerente e tão ampla quanto possível»⁷⁵. O homem terá como certo o Único Mestre, fonte de Sabedoria, «noção suprema: Cristo, Verbo de Deus»⁷⁶.

Assim, para o filósofo, a única forma de compreender a dialética fé/razão é à luz de Cristo, o Verbo encarnado, o mediador. Defende que aderir a Ele depende da liberdade. Para Santo Agostinho «a Verdade age sobre a razão humana» e só pela fé se pode aderir a esta Verdade com real conhecimento da mesma. Assim, o autor destaca «o princípio segundo o qual *o superior age sobre o inferior* [...] a Verdade age sobre a razão humana»⁷⁷. Santo Agostinho encontra no inferior a existência dessa força suprema, à qual só se pode aderir através da fé e do conhecimento da Verdade.

E conclui que,

«por fim, é a própria Verdade que se torna conteúdo intencional da vontade. A Verdade é o Bem que se quer, o único que satisfaz o desejo universal de felicidade, pois é aquele

⁷³ *Ibidem*, 29.

⁷⁴ *Ibidem*, 35.

⁷⁵ *Ibidem*.

⁷⁶ *Ibidem*, 28.

⁷⁷ *Ibidem*, 37.

que, para além das próprias faculdades da mente, respeita a qualidade dos bens cuja posse significa, para o ser humano, a realização da ordem: a eternidade»⁷⁸.

Note-se que, para Santo Agostinho, há uma dualidade entre a Verdade e o Bem como duas faces de uma mesma moeda, sendo o bem algo que se encontra intrínseco à natureza humana.

3.2. A possibilidade da mentira

Santo Agostinho, na continuidade da temática da liberdade humana, constata a possibilidade de o homem não seguir a verdade do seu coração. O autor não limita o seu pensamento em torno da Verdade. Considera que, para melhor a compreender, necessita explorar igualmente o que será entendido por mentira. A sua posição em relação ao tema da mentira irá refletir, de algum modo, mais do que se ouvira já de oradores ou filósofos anteriores, o contexto histórico da evolução cristã. Nomeadamente, «o lento, complexo e muito conflituoso processo de definição da Verdade cristã»⁷⁹.

Nas suas reflexões sobre o tema, Agostinho é taxativo: «a mentira é sempre má, seja qual for a situação e a motivação. É isso que o seu atribulado percurso existencial e intelectual lhe diz»⁸⁰. E nesta perspetiva procurou basear as suas diversas ponderações sobre a temática.

Numa tentativa de definição de mentira, refere uma falta de correspondência entre o que se sente, o que se pensa ou o que se diz. Assim, para Agostinho, mente-se «quando se tem uma coisa no espírito (*in animo*) e se enuncia outra com a boca ou de outro modo»⁸¹. Atribui, assim, tanto ao que verbalizamos como ao que realizamos o peso da responsabilidade de cada um, na sua opção.

Contudo, o autor relaciona a intenção ao que é dito, classificando como mentira uma «declaração falsa com intenção de enganar»⁸². Deste modo, ao proferir algo falso com a intenção de enganar, o homem mente.

⁷⁸ *Ibidem*, 37.

⁷⁹ *Ibidem*, 12.

⁸⁰ *Ibidem*, 17.

⁸¹ *Ibidem*, 21.

⁸² *Ibidem*, 21.

No entanto, pode ocorrer que, sem forma premeditada e intencional, a informação transmitida não esteja de acordo com a realidade, mas o agente de transmissão esteja realmente convencido de que está. Neste caso, a sua intenção não é a de mentir. Portanto, «para haver mentira moralmente ajuizável, não basta haver desacordo entre o que se pensa e o que se diz, mas é preciso remontar à vontade deliberada de mentir, à intenção de enganar independentemente do modo como a linguagem é agenciada para esse fim»⁸³.

Santo Agostinho define quatro tipos de mentiras. Em primeiro lugar, estão as ‘mentiras blasfematórias’, que serão as mais graves pois poderão atentar sobre o próprio Deus. De acordo com o autor, esta «mentira é um mal grave e arrasta a morte da alma, por isso não deve ser usada para a salvação seja de quem for»⁸⁴. Em segundo lugar, estão as ‘mentiras que lesem outrem’, também consideradas como ‘mentiras injustas’, pois prejudicam sempre alguém: o próprio ou outros. Em terceiro lugar, estão as ‘mentiras proferidas gratuitamente’, que são semelhantes a mentiras por brincadeira, que procuram obter com o seu uso o prazer pessoal, ou proveito de quem as profere: o mentiroso. Agostinho alerta para o perigo do vício neste tipo de mentira, que é moralmente condenável. Em quarto lugar, estão as ‘mentiras que são ditas com a intenção de prestar um serviço’, mentiras que aproveitam a alguém sem prejuízo de outrem. No entanto, o autor não considera que existam mentiras honestas. No seu entender, a mentira é sempre má. Mesmo sem prejudicar o outro, prejudica ao próprio. Nunca é o melhor dos fins.

Deste modo, defende que «não há nenhuma mentira que não seja contrária à verdade, [...] o plano é perigosamente inclinado, pois quem mente uma vez pode mentir sempre»⁸⁵. No seu entender, «a mentira nunca se pode combater com uma mentira, porque assim elas multiplicam-se como ervas daninhas, mas sempre e só com a verdade»⁸⁶.

Santo Agostinho considera que as mentiras «prejudicam muito aqueles que mentem; a uns, porque, assim, se afastam da verdade para se regozijarem com a mentira; aos outros, porque preferem agradar mais a si próprios do que à verdade»⁸⁷. Acima de todas as verdades está, para o autor, a certeza de Deus e da doutrina e de que onde existe Deus não poderá reinar a mentira.

⁸³ *Ibidem*, 22.

⁸⁴ *Ibidem*, 46.

⁸⁵ *Ibidem*, 29.

⁸⁶ *Ibidem*, 27.

⁸⁷ *Ibidem*.

Para Santo Agostinho, jamais é permitido negar a Cristo. Justifica com São Mateus: «àquele que me negar diante dos homens, negá-lo-ei diante de meu Pai que está no Céu» (*Mt* 10, 33).

Para Santo Agostinho, é claro «que todas as parábolas e todas as figuras, não devem tomar-se à letra, mas metaforicamente».⁸⁸ O filósofo constata a necessidade do uso de recursos linguísticos como a metáfora ou a antítese. Questiona se, ao comparar-se o coração dos judeus com uma pedra, se estaria a mentir. Assim, para o autor, deve-se entender que as coisas que são reveladas não estão fora da verdade.

Lembra Santo Agostinho:

«Algumas coisas que nas Sagradas Escrituras são consideradas mentiras não são aquilo que delas se julga, se forem corretamente entendidas [...] , porque também de modo figurado foram realizadas. Aquilo que, em figuras, se considera mentira, descobre-se verdadeiro ao ser bem entendido»⁸⁹.

O autor reconhece que uma correta compreensão da palavra permite encontrar toda a verdade nela contida. Para Santo Agostinho, a verdade de Deus é justa e, portanto, nada do que se faça contra a Lei de Deus pode ser justo. É o que se depreende de São João: «A tua lei é a verdade» (1 *Jo* 3, 4). O autor constata, então, que o que for contrário à verdade não será justo. E, como toda a mentira se opõe à verdade, não há mentira que possa ser justa. Conclui lembrando que, «quando nos apresentam exemplos de mentira tirados das Escrituras, ou não são mentiras, mas assim julgadas por falta de entendimento, ou, se são mentiras, não são de imitar, porque não podem ser justas»⁹⁰. Santo Agostinho, alude à necessidade de se procurar entender corretamente toda a palavra da Sagrada Escritura.

O pensamento de Santo Agostinho serviu de base à teologia cristã ocidental. Procurou conciliar a fé com a razão, reconhecendo o valor do intelecto do homem como forma de melhor compreender as Sagradas Escrituras. O autor destaca constantemente a necessidade da luz de Cristo como fonte de um conhecimento verdadeiro.

Para Santo Agostinho, uma vida fundada na Palavra de Deus é uma vida que testemunha a verdade, anunciada por Jesus Cristo. E viver em verdade exige coerência

⁸⁸ *Ibidem*, 131-132.

⁸⁹ *Ibidem*, 137.

⁹⁰ *Ibidem*, 145.

que, não sendo cumprida em liberdade, conduz à mentira, logo, ao distanciamento do Bem, da Verdade, de Deus Uno e Trino.

Verificámos, com este estudo, que a verdade sempre foi uma questão que inquietou o homem. A Sagrada Escritura é Palavra verdadeira de Deus que, inspirada, ensina as verdades necessárias para alcançar a salvação. Como verificámos com J. Lourenço, a Palavra revelada serviu-se da linguagem para nos aproximar de Deus. Constatámos que no Antigo Testamento 'verdade' surge através do recurso à expressão *'emeth*, como referindo-se a Deus, mas também enquanto adjetivo de uma pessoa, um ato ou afirmação. Pode, então, dizer-se que expressa a coerência entre o que o homem diz e o que relata. Através de diversas passagens bíblicas, conseguimos ver que, cumprindo a verdade da palavra, o homem experimenta a fidelidade, firmeza, confiança, lealdade e segurança, garantidas por Deus. Essa relação é fruto da adesão e disponibilidade do homem à verdade divina, nomeadamente ao propor-se a viver e a testemunhar fielmente a palavra de Deus.

Constatámos também que no Novo Testamento verdade ganha centralidade em Jesus Cristo. Tal como referiu J. Gnllka, o problema da verdade começou pela necessidade de saber quem era realmente a pessoa de Jesus Cristo. Nos Evangelhos de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas, a ideia de verdade surge ainda associada a retidão e justiça. No entanto, o Evangelho de S. João difere dos anteriores. Como verificámos com C. das Neves, não só pelo número de vezes que trata o tema da verdade como também pelo significado teológico que lhe atribui. Em S. João, Jesus é a verdade da Revelação divina, confiada à humanidade. O evangelista cita, inúmeras vezes, Jesus como forma de dar ênfase à verdade de Deus Pai, em constante relação, com Seu Filho Jesus, através do Espírito Santo. De referir ainda, no Novo Testamento, a importância das cartas de S. Paulo, que procuram apresentar a verdade através do compromisso fiel a Deus, nomeadamente através do Seu anúncio.

As noções de verdade, que se apresentam na Sagrada Escritura, foram também sendo trabalhadas e refletidas ao longo do tempo, nomeadamente pelo Magistério da Igreja. Com o Papa São João Paulo II, ficámos com a ideia de que todos somos chamados à fé em Jesus Cristo, luz verdadeira. Compreendemos que muitas são as vezes em que, ofuscados, tendemos a seguir o caminho da mentira. O Papa assegurou que todo o homem tem no seu coração a luz de Deus e a inquietação de o encontrar. Para isso deverá seguir

os mandamentos presentes no Antigo Testamento e seguir Cristo, a nova lei, o Novo Testamento. Assim, seguir a Deus é fazer o bem, pois Ele é o Bem. Apercebemo-nos da percepção de João Paulo II de que, atualmente, se vive uma crise da verdade, onde se tende a um certo individualismo, em vez de um desejo pelo bem comum. Daí a necessidade de se seguirem valores verdadeiros, conseguidos através de uma abertura ao divino. São João Paulo II frisou ainda a ideia de que a Igreja necessita de reflexão sobre a verdade.

Também o Papa Bento XVI refletiu sobre a temática da verdade. Na sua perspectiva, a verdade pode ser encontrada na paz. Assim, todo o homem deve ver salvaguardado o direito a viver segundo a tranquilidade da ordem do Criador. Só desta forma será possível respeitar e promover a verdade do homem. Para Bento XVI, Jesus é a verdade que traz a paz, mediante a verdade de Deus e a verdade do homem. Na presença de ambas, experimenta a justiça, amor e a solidariedade. O Papa destacou a importância da escuta do Evangelho como exemplo da verdade do agir, sempre inspirado no mandamento do amor. Reforçou ainda a necessidade da oração, como fortalecimento do testemunho da verdade. Para Bento XVI, é também através da caridade que o homem fortalece a sua relação com Deus e com o outro. Deste modo, o homem não estará só a alcançar a verdade, mas também a testemunhá-la, promovendo comunicação e comunhão. Torna-se, assim, evidente a importância de nos colocarmos ao serviço em verdadeira caridade, sentida e vivida interiormente.

Em relação a esta perspectiva de verdade interior, convida-nos o Papa Francisco igualmente a refletir. Segundo este, a verdade está no coração e não na aparência. Assim, destacou a necessidade de cada um refletir sobre o seu modo de vida e o enfoque que lhe dá. Alertou que o mundo tem necessidade de cristãos de ação e de verdade e não de que manifestem gestos superficiais. Assim, verificámos, com o Papa, que, só iluminado pela fé em Cristo, o homem percorre na sua vida o caminho da verdade. Caminho esse que, iluminado apenas pela razão, continuaria obscuro.

Finalmente, com Santo Agostinho, tivemos a oportunidade de verificar o profundo desejo do homem em conhecer a verdade. Foi um santo cuja vida se orientou precisamente nesse sentido. Santo Agostinho constatou que o importante é seguir-se a verdade do coração, pois só assim o homem conseguirá alcançá-la. Apresentou uma imagem muito bonita: o olhar com o coração e da necessidade de segui-lo para atingir a felicidade da verdade, que é o desejo do próprio Deus para todo o ser humano. Verificamos, assim, a importância de uma prática de vida assente nos ensinamentos de Jesus. Compreendemos, com Santo Agostinho, que a Bíblia é também um itinerário que conduz à verdade, cuja

correta interpretação perante recursos linguísticos específicos permite mais claramente valorizar a sua mensagem. A opção por seguir os ensinamentos nela contidos advém da condição livre na qual Deus criou o ser humano. Desta forma, a liberdade é entendida enquanto um bem. O que pode trazer dificuldades ao homem é a sua própria decisão, dado o livre arbítrio de que dispõe. Deste modo, o mal é opção de quem o pratica. Não é simplesmente fruto da liberdade que o homem tem. O bom uso da liberdade é, como vimos em Santo Agostinho, o meio de atingir a verdade. Com o autor, podemos aprofundar ainda o conceito de coerência entre saber e ser. Esta coerência presente no modo prático de vida conduz o homem ao caminho da felicidade. E, perante o desvio que possa realizar durante o seu percurso, deverá sempre refletir. Dessa forma, desenvolverá a compreensão de que o mesmo possa acontecer a outrem, conduzindo assim à necessidade mútua de perdão. Aprofundámos o conceito, compreendendo que, partindo de um sentir verdadeiro e de um desejo profundo de mudança, o perdão pode restabelecer laços. Jesus como exemplo verdadeiro do perdão entregando-se pela humanidade inteira.

Concluimos o estudo teológico com a reflexão de Santo Agostinho sobre o que é contrário à verdade: a mentira. Um conceito que, para o autor, é sempre um mal que ocorre quando se manifesta a falta de correspondência entre o que se pensa, sente ou diz e a verdade que se tem no coração. E, com Santo Agostinho, concluimos que, independentemente do tipo ou causa, a mentira é sempre um mal, que lesa o próprio e, por vezes, também os outros. Só no caminho da Verdade, o homem atinge a felicidade e a tranquilidade de coração.

Assim, o ideal é que o homem procure viver em coerência com a verdade que lhe é presente ao coração. É importante que se mantenha desperto à voz de Deus, que lhe é presente pela sua própria consciência.

CAPÍTULO II

PROPOSTA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “SER VERDADEIRO” DO PROGRAMA DE EMRC

1. O contributo do Professor de EMRC no despertar para os Valores Morais

Todos os docentes, independentemente da sua área curricular abordam, constantemente, valores morais, imprescindíveis ao desenvolvimento da personalidade das crianças e jovens.

Torna-se, por isso, importante que o professor possa «ser sinal de testemunho e diálogo respeitoso»⁹¹. Constatamos que a nossa sociedade “líquida” necessita, cada vez mais, de valores sólidos. Neste sentido, a disciplina de EMRC procura apoiar a construção de uma sociedade mais valorosa, em que orientada para e pela Luz verdadeira que é Jesus Cristo, possa ajudar a promover os valores cristãos.

Enquanto rosto da disciplina de EMRC, o professor deve, segundo Juan Ambrósio, atuar como «modelo a que podemos chamar de diaconia, ou seja um modelo de serviço e contributo à construção pessoal do educando e à tarefa educativa da escola».⁹² O autor refere ainda a importância de auxiliar os alunos a desenvolver as suas próprias capacidades. Trata-se de uma forma de missão.

O professor de EMRC tem de possibilitar aos alunos um «referencial de leitura e de construção da pessoa, ajudando o educando a posicionar-se perante o fenómeno religioso»⁹³. Para isso é necessário que explore competências que visem uma sensibilização neste campo. Esta torna-se em progressiva «aptidão, para perceber e reconhecer a dimensão religiosa da realidade e da existência humana».⁹⁴ Com base na

⁹¹ J. NUNES, “Evangelificação, Tarefa de ontem, hoje e sempre”, *Pastoral Catequética, Educação Moral e Religiosa Católica, Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 5, Lisboa, 2005, 25.

⁹² J. AMBROSIO, *A educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*, Texto para uso dos alunos da disciplina de Didática específica da Religião, Faculdade de Teologia, Lisboa 2017, 12.

⁹³ *Ibidem*.

⁹⁴ *Ibidem*, 13.

aquisição das referidas competências, os alunos interpretarão os acontecimentos da sua vida à luz dos valores cristãos que lhes foram sendo transmitidos.

A prestação e exemplo de vida do docente, na escola, são essenciais. Por vezes e, para muitos, o «professor de EMRC é o único rosto da Igreja na escola e até na vida»⁹⁵. Assim, tem de manifestar uma «inserção ativa e entusiasta na comunidade educativa e criatividade no estabelecer de pontes entre a comunidade educativa e a comunidade cristã»⁹⁶.

Diz-nos o Programa de EMRC que:

«a procura séria, dedicada e constante, da verdade e da caridade, constitui o grande desafio que se coloca ao docente desta disciplina [...], vive-as e transmite-as aos seus alunos e às suas alunas, usando da palavra e do exemplo [...] capacita-se para lhes oferecer um corajoso e fundamentado contributo de rigor no entendimento da questão do lugar da pessoa humana na natureza e na sociedade, no contexto da diversidade cultural e da mudança civilizacional que experimentamos»⁹⁷.

Juan Ambrósio afirma-nos que se procura que os professores desenvolvam harmoniosamente a sua opção livre e na articulação dos vários saberes. E que assim possam «fazer uma leitura da realidade e da vida inspirada pela dimensão religiosa, para a busca do transcendente e mesmo para o crescimento da própria fé»⁹⁸.

A escola está cada vez mais presente na vida da sociedade, sendo fundamental o reconhecimento do valor da educação. Como tal a formação dos professores torna-se um bem essencial. Tal como refere Arends, «os professores devem ter sólida compreensão acerca da investigação que apoia e define as práticas do ensino eficaz»⁹⁹. Para o autor esta deve desenvolver-se a par com «um profundo conhecimento prático sobre os alunos, a forma como estes aprendem e as estratégias que promovem as suas aprendizagens»¹⁰⁰.

⁹⁵ *Ibidem*, 14.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ C. CARVALHO, et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014, 164.

⁹⁸ J. AMBROSIO, *A educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*, Texto para uso dos alunos da disciplina de Didática específica da Religião, Faculdade de Teologia, Lisboa 2017, 11.

⁹⁹ R. ARENDS, “Aprender a Ensinar”, McGraw-Hill, Madrid, 16.

¹⁰⁰ *Ibidem*.

Mais do que apenas procurar transmitir conteúdos, o professor é chamado a participar no desenvolvimento humano, integral dos diferentes alunos e na aplicação dos valores que sempre se pretende os acompanhem.

E, perante os desafios que vão surgindo no contexto educativo,

«os caminhos não estão fechados e a vontade de cada professor será certamente um motor de mudança construtiva no processo educativo e nas vias para solução dos problemas que se colocam à realidade quotidiana»¹⁰¹.

Recordemos as palavras de Papa Francisco no Congresso Internacional das Escolas Católicas: «para educar as crianças, adolescentes e jovens é preciso ser mestre na linguagem da cabeça, das mãos e do coração. A educação deve andar nestes três caminhos»¹⁰². Assim, ao professor compete mais do que ser simples transmissor de informação específica, proporcionar aos seus alunos uma motivação para os valores, tornados ação.

Papa Francisco sublinha ainda que «um educador que não saiba arriscar não serve para educar! O verdadeiro educador deve ser o mestre do risco, mas risco racional»¹⁰³. Neste sentido verificamos que também a criatividade se torna fundamental na educação, a criatividade fundada no amor e na caridade, numa busca de resolução de problemas concretos pela proposta de valores fundantes.

Arends refere que «o ensino tem também um lado artístico, baseado na sabedoria colectiva dos professores experientes. Estes sabem que não existe uma forma ideal única de ensinar»¹⁰⁴. A educação torna-se um desafio permanente, que exige reflexão e investimento pessoal e intelectual.

Partindo da dimensão católica, o docente deverá acompanhar os alunos possibilitando-lhes que reflitam, questionem e se encontrem na sua posição perante si mesmos, o outro e o transcendente. É também fundamental que o professor desenvolva competências que lhe permitam uma maior eficácia na prática educativa, reconhecendo e valorizando o dom do ensino. Tem de investir nele, promover o seu potencial e dedicar

¹⁰¹ *Ibidem*, 123.

¹⁰² FRANCISCO, *Discurso aos participantes no congresso mundial promovido pela congregação para a educação católica com o tema: "Educar hoje e amanhã. uma paixão que se renova"*, Roma, 2015, sp., Acedido a 09.04.2019, Disponível em «http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151121_congresso-educazione-cattolica.html».

¹⁰³ *Ibidem*.

¹⁰⁴ R. ARENDS, “Aprender a Ensinar”, McGraw-Hill, Madrid, 2008, 26.

tempo à formação, tanto na sua área específica como em outras que beneficiem a sua prática. No que concerne especificamente aos professores de Educação Moral e Religiosa Católica,

«devem ser criteriosamente escolhidos, tendo em conta as condições legais de qualificação científica e pedagógica, o jeito e o gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o testemunho de vida cristã coerente e comprometida eclesialmente»¹⁰⁵.

Perante a realidade tão diversificada das características dos alunos aos níveis cultural, étnico, religioso e até pessoal, é necessário ter consciência da presença de um grupo heterogéneo. Importa especialmente «formar cidadãos responsáveis, livres e felizes, preparar todos para o diálogo fé-cultura e dar a todos o verdadeiro e último sentido da vida»¹⁰⁶. A escola é entendida enquanto sinal de preparação académica, pessoal, científica, mas também relacional e humana. A disciplina de EMRC procura validar o «insubstituível papel da religião e da educação religiosa na formação integral de cada ser humano»¹⁰⁷.

Papa Francisco convida os professores a «repensarem as obras de misericórdia em contexto de educação»¹⁰⁸ e a refletir sobre «como posso eu, em educação, realizar as obras da misericórdia, as obras do amor?»¹⁰⁹. Este é um dos desafios diários de um professor reflexivo e atento.

Sabemos que os alunos focam sempre muito o exemplo e testemunho no professor. Neste ciclo de ensino ainda consideram os adultos muito importantes, tal como a sua referência. Moralmente, também agem para agradar e por isso imitam mais e melhor, é uma fase de heteronomia moral. Assim sendo proporciona que este seja um momento essencial para alicerçar conteúdos e valores fundamentais ao seu crescimento.

¹⁰⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Fátima, 2006, acedido a 15/05/2020, disponível em «<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>».

¹⁰⁶ *Ibidem*, 4.

¹⁰⁷ C. CARVALHO, et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014, 1.

¹⁰⁸ FRANCISCO, *Discurso aos participantes no congresso mundial promovido pela congregação para a educação católica com o tema: "Educar hoje e amanhã. uma paixão que se renova"*, Roma, 2015, sp.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

A adesão à disciplina e aos seus objetivos, poderá, e muito, depender da sua vivência neste ciclo específico, daí a importância de apostar nele. Também se pretende cativar as próprias escolas, docentes, funcionários, pais, no sentido de que cresça uma identidade da disciplina e que todos se sintam nela envolvidos.

Perante este conjunto de considerações acerca do perfil do professor de EMRC, podemos dizer que o contributo do Professor de EMRC no despertar para os Valores Morais assume nos dias de hoje, um papel muito importante na sociedade, concretamente em contexto educativo.

Se percorrermos o currículo escolar dos alunos nas diversas áreas disciplinares, encontramos um ensino mais focado nos conhecimentos científicos e não nas questões morais e humanas. A disciplina de EMRC encontra aqui o seu espaço de pautar pela diferença pois vai mais além do que diz a ciência.

Sendo o tema principal desta dissertação a verdade, o professor de EMRC encontra nas suas aulas, o espaço propício a sensibilizar uma vida que seja pautada pelos valores morais, nomeadamente o despertar da vivência da verdade, à semelhança do testemunho de vida de Jesus Cristo.

2. Caracterização do contexto escolar da Prática de Ensino Supervisionada

O presente capítulo da dissertação procura demonstrar qual o percurso desenvolvido, no contexto de Prática de Ensino Supervisionado, decorrente no ano letivo 2018/2019, no Colégio Amor de Deus e lecionado a uma turma de 4º ano do Ensino Básico.

Torna-se importante refletir sobre a relevância da formação para o desenvolvimento de professores, nomeadamente, de Educação Moral e Religiosa Católica.

2.1. Enquadramento da Unidade Letiva

Ao docente é exigido o conhecimento do programa, tal como a capacidade de planificar, articulando conteúdos, para ir ao encontro dos objetivos propostos para os diferentes ciclos de ensino, de modo a que sejam

«explicitamente abordados, pois é a partir deles que se tornam possíveis as diversas leituras críticas e o entendimento mais profundo da cultura e de muitas tradições presentes nas sociedades»¹¹⁰.

E perante um contexto de turma cada vez mais diversificado, étnica e culturalmente, espera-se que promova o «encontro com a experiência e a vivência da fé cristã católica, respeitando, porém, quer o processo educativo específico da escola, quer as consciências e liberdade dos alunos»¹¹¹.

Importa, no entanto, lembrar que a Educação Moral e Religiosa Católica se distingue da catequese, «exigindo métodos e caminhos diversos [...] necessidade de se relacionar com os outros saberes»¹¹². O docente da disciplina tem, para isso, que ser gestor do programa,

«conhecê-lo em profundidade e amá-lo com dedicação, para depois encaminhar e distribuir as propostas de aprendizagem de acordo com as necessidades e as realidades pessoais e escolares dos alunos»¹¹³.

A planificação deve centrar-se nos objetivos que «se julgam fundamentais e necessários para atingir as grandes metas de ensino»¹¹⁴. Para a exploração dos mesmos são trabalhados diferentes conteúdos, recorrendo a estratégias adequadas e diversificadas.

Por outro lado, verificam-se ainda a «necessidade de definir, para cada um dos objetivos [...], o tipo de avaliação mais apropriado»¹¹⁵. Este é «o processo de determinar até onde estes objetivos estão a ser alcançados»¹¹⁶. Além disso, «só detectando o progresso do aluno e diagnosticando as suas dificuldades é possível desenvolver um ensino relevante, isto é, que o ajude a alcançar as metas desejadas»¹¹⁷.

¹¹⁰ J. AMBROSIO, *A educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*, Texto para uso dos alunos da disciplina de Didática específica da Religião, Faculdade de Teologia, Lisboa 2017, 13.

¹¹¹ *Ibidem*, 15.

¹¹² C. CARVALHO, et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014, 4.

¹¹³ *Ibidem*, 7.

¹¹⁴ I. PESTANA, et al., Biblioteca do Educador, *Uma Forma de Estruturar o Ensino e a Aprendizagem*, Livros Horizonte, Lisboa, 1987, 123.

¹¹⁵ *Ibidem*, 132.

¹¹⁶ *Ibidem*, 206.

¹¹⁷ *Ibidem*, 207.

Assim, foi realizada a planificação de nível I e II e III, permitindo:

“dispor de uma panorâmica geral, que permite uma distribuição equilibrada dos objetivos e dos conteúdos; deste modo evita-se que, ao longo de um determinado período de ensino, se atribua maior incidência neste ou naquele conteúdo, neste ou naquele objectivo”¹¹⁸.

A planificação da Unidade Letiva Ser Verdadeiro, referente ao 4º ano do 1º ciclo, foi desenvolvida com base no Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. A lecionação da unidade decorreu em sete aulas.

Na planificação de nível três constam já conteúdos referentes a temáticas específicas, pois «é preciso não esquecer que nem só os objectivos previstos devem ser objecto de ensino»¹¹⁹. Desta planificação constam também estratégias a adotar para a exploração dos diferentes conteúdos.

A disciplina de EMRC, procura explorar questões fundamentais para os alunos, que passam pela compreensão de si mesmos e a relação com o outro e com Deus. O 4º ano, do primeiro ciclo, nomeadamente através da unidade letiva ‘*Ser verdadeiro*’, desenvolve já, de um modo mais profundo, esta necessidade da compreensão. Aprofunda os valores do respeito pelo próprio e pelo outro, que os tornará dignos de confiança na convicção de que Deus conhece a cada um, no seu íntimo. O ‘*ser verdadeiro*’ implica uma ação, agir em verdade, como convite a descobrir o valor e as potencialidades existenciais da verdade. Porque vale a pena pagar o preço de dizer sempre a verdade e de agir com verdade? – é a grande pergunta.

Assim, torna-se fundamental reconhecer em maior profundidade o conceito verdade.

Esse acompanhamento, como pudemos verificar no capítulo I da dissertação, é expresso, segundo Bento XVI, através da caridade pois «a caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena e sobretudo com a sua morte e ressurreição, é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira» (CV 1). Assim, «A caridade dá verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo» (CV 2) e é através dela que os cristãos testemunham o próprio Deus vivo.

¹¹⁸ *Ibidem*, 122.

¹¹⁹ *Ibidem*, 123.

Relembremos ainda que,

«a verdade há de ser procurada, encontrada e expressa na “economia” da caridade, mas esta, por sua vez, há de ser compreendida, avaliada e praticada sob a luz da verdade. Deste modo teremos não apenas prestado um serviço à caridade, iluminada pela verdade, mas também contribuído para tornar credível a verdade, mostrando o seu poder de autenticação e persuasão na vida social concreta. Facto este que se deve ter muito em conta hoje, num contexto social e cultural que relativiza a verdade, aparecendo muitas vezes negligente senão mesmo refratário à mesma» (CV 2).

Considera Bento XVI que, sendo a caridade repleta de verdade, pode ser reconhecida «pelo homem na sua riqueza de valores, partilhada e comunicada. Com efeito, a verdade é “lógica” que cria “diálogos” e, conseqüentemente, comunicação e comunhão» (CV 4). afirma.

E é um dos principais objetivos da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, o de ajudar a promover um verdadeiro desenvolvimento humano integral dos alunos. Para Papa Francisco onde existe a mentira não há lugar ao amor e, por isso, todos os cristãos devem ser reconhecidos por serem *peças de verdade*.

A leção da unidade letiva Ser Verdadeiro, constitui particularmente um grande desafio ao professor. Este tem de ser sinal vivo da mensagem que transmite, que não pode desvanecer pela oralidade ou por bonitas palavras, tem de ser reflexo vivo, atitude que conduz à verdade pelos seus gestos e ações. E os próprios alunos devem sentir-se motivados a sentir e a realizar esta experiência nas suas vidas. Este é o desafio que se impõe.

Será necessário que compreendam a relação entre o sentir, o pensar e o agir. E que reconheçam que na quebra da conformidade entre os três ocorre a contradição. Essa que pode conduzir à mentira pois «quando uma pessoa é verdadeira há uma relação com sentido entre o que pensa, diz e faz»¹²⁰.

Importa, reconhecendo as características da idade, ajudar os alunos a conseguir identificar a verdade, a descobrir que Deus lhes fala através da consciência e que se a ouvirem experimentarão a liberdade, que afasta o medo ou a vergonha de se ser descoberto na mentira.

¹²⁰ M. REIS et al., *A luz da Vida*, Manual EMRC, 4ºano do Ensino Básico, SNEC, Lisboa, 2015, 11.

Deverão compreender ainda que, por vezes, agir em verdade exige coragem, nomeadamente para assumir erros. Reconhecerão as razões para viver na verdade tal como as consequências advindas de opção contrária. E, fundamentalmente, pretende-se que valorizem a luz que vem de Jesus Cristo, como promotora de descoberta de caminhos de verdade.

2.2. Caracterização do Colégio Amor de Deus

A Prática de Ensino Supervisionado foi desenvolvida no Colégio do Amor de Deus, situado em Alcabideche, concelho de Cascais e distrito de Lisboa. Cascais, segundo os censos de 2011, tem uma população de 206.479 habitantes que tem vindo a crescer, e isso poderá ser um bom indicador de que o concelho é bastante atrativo para se viver. Cascais começou por ser uma vila piscatória e hoje é conhecida como uma das zonas mais sofisticadas e refinadas da grande área metropolitana de Lisboa onde a arte e a cultura se destacam. Aqui abundam os vestígios da presença humana já com cerca de 4000 anos no período Paleolítico bem como vestígios da presença Moura e Romana.



O concelho de Cascais situa-se a cerca de 25 km de Lisboa, o seu território confina a norte com a serra de Sintra, a oriente com Oeiras e a sul com o Atlântico. Dada a sua privilegiada situação geográfica, com uma costa marítima de 30 quilómetros, que junta praias de natureza selvagem, como a praia do Guincho apresentada na imagem, com outras mais urbanas, o turismo constitui o mais importante recurso do concelho de Cascais.

A seguir a Lisboa é em Cascais que o setor dos serviços tem maior dimensão, no entanto cerca de 40% da população residente trabalha em Lisboa. Relativamente à composição social, é visível uma assimetria entre os residentes do interior litoral e os residentes no norte de Cascais, sendo estes, pessoas de menores rendimentos e qualificação profissional.

O Colégio do Amor de Deus situa-se a norte de Cascais, na maior freguesia do concelho, Alcabideche que com 32.000 habitantes se transformou nos últimos anos num espaço socio-territorial multifuncional, com a construção da autoestrada, de centros comerciais e o desenvolvimento de alguns serviços.



A sua principal atividade económica é a agrícola, contudo contém também um comércio misto com destaque para a indústria de aeromotores. O nome Alcabideche significa “Fonte de água”. Esta freguesia fica situada entre Cascais e Sintra a quatro quilómetros e meio ao norte de Cascais, e pelo poente, fica a Malveira; está a 30 quilómetros de Lisboa, e é composta por vinte e três povoações.

Em concreto, o Colégio do Amor de Deus situa-se na Avenida de Sintra, na confluência de três freguesias do concelho: Alcabideche, Estoril e Cascais de onde provém a maioria dos alunos. A congregação das irmãs do Amor de Deus é responsável direta pela educação e gestão do colégio por isso o mesmo se define como uma escola católica, em que o seu projeto educativo se baseia na visão cristã, apresentando Cristo como o modelo a seguir. Neste momento, contém um total de mil trezentos e quatro alunos divididos por 52 turmas desde o nível do pré-escolar ao nível do Secundário.

O colégio foi fundado pelo padre Jerónimo Usera e iniciou o seu funcionamento no Monte Estoril em 1950. Mais tarde, em 1973 fixou-se na sua atual morada com condições muito boas para a altura, sendo hoje uma instituição com grande longevidade e por isso reveste-se de um estatuto de solidez e de familiaridade entre os elementos que compõe o colégio e a comunidade educativa, especialmente com os pais dos alunos.

O lema «O Amor de Deus faz sábios e santos é originário do Pe. Jerónimo Usera e mantido na Congregação como algo que a tem orientado»¹²¹. Assim, ao longo da sua existência este colégio tem apresentado uma oferta educativa católica em que os seus princípios se baseiam nos ideais do seu fundador.

Segundo o seu ideário, a escola tem de ser o lugar onde «o Amor - à imagem do Amor de Cristo, - a exigência e o rigor pedagógicos assumissem um papel determinante

¹²¹ COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, Projeto Curricular 2017-18, 9.

no processo educativo»¹²². Estabelece-se assim como carisma das irmãs do Amor de Deus, o fazer experiência junto dos outros desse amor divino gratuito através da educação.

No ponto de vista jurídico, o Colégio do Amor de Deus é uma instituição privada de educação com autonomia, esta «concretiza-se na elaboração de um Projeto Educativo próprio que, no nosso caso, se baseia nos princípios educativos herdados do Pe. Jerónimo Usera»¹²³. Sendo assim, o colégio integra-se na categoria de Ensino Privado e Cooperativo, regulamentado pelo Estado Português.

À semelhança de outras escolas, o colégio do Amor de Deus possui um logotipo para representar a sua filosofia educativa, este foi, ao longo do tempo, sofrendo alterações até se chegar ao atual. O primeiro escudo da congregação é de 1864 e apresentava uma forma circular, dois ramos de palmeira e a inscrição «irmãs do Amor de Deus». No centro a letra M, como referência a Maria, e ao coração de Jesus.



A versão atual surge em 2003 e

«consiste na adoção do quadrado como símbolo de unidade, equilíbrio e proteção; o retângulo, resultante da transformação do quadrado acrescentando um crescimento vertical; a curva sinuosa, como que o saber adquirido em todos os domínios e ao longo da vida cheia de obstáculos, nos orienta rumo a uma paz universal (o ramo de oliveira); a cruz, traduzida na presença da fé cristã. A disposição das cores através do uso de uma cor (o azul) em oposição à ausência de cor (o branco) pretende facilitar a linguagem em termos de comunicação visual, reduzindo o ruído»¹²⁴.

Para além do logotipo, o colégio tem no seu hino um elo de transmissão dos seus ideais, com vista a uma atitude de união da sua comunidade em torno dos seus fundamentos.

Na estrutura do colégio denotam-se algumas diferenças comparativamente à escola pública. O seu Conselho de Administração é constituído pela Diretora Geral, pela Superiora da comunidade, pela Administradora, ambas Irmãs da Congregação do Amor de Deus e pela Diretora Pedagógica. No topo da Direção Executiva temos a Diretora

¹²² *Ibidem*, 1.

¹²³ *Ibidem*, 4.

¹²⁴ COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, Projeto Curricular 2017-18, 8.

Geral, depois a diretora pedagógica e os coordenadores do Pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclos e do secundário, coordenador da Pastoral, a Superiora da Comunidade e a Administradora. Das estruturas responsáveis pela gestão e funcionamento do colégio passamos para o Conselho Pedagógico, que à semelhança das escolas públicas, é o órgão com grande relevância na tomada de decisão sobre assuntos relacionados com a didática, tais como:

«Elaborar o Projeto Curricular da Escola; Apoiar e potenciar projetos pedagógicos [...]; Programar e avaliar as atividades de enriquecimento curricular não regulamentadas [...]; Promover parcerias, protocolos de colaboração e/ou acordos de cooperação com empresas, autarquia e outros agentes comunitários»¹²⁵.

Este tem na sua chefia a diretora pedagógica, à qual estão subordinados os coordenadores acima citados na Direção Executiva, em conjunto com a equipa dos serviços especializados de apoio educativo e os coordenadores dos Departamentos de Português, Ciências Experimentais, Educação Física, Ciências Humano-Sociais; Línguas Estrangeiras; Ciências Exatas e Artes. É de salientar que ao contrário da escola pública os docentes de Educação Moral e Religiosa Católica constituem neste colégio um departamento próprio, invés de serem incluídos no Departamento de Ciências Sociais e Humanas, o que evidencia a importância dada à disciplina no percurso da formação integral do aluno.

O colégio apresenta a particularidade da utilização de equipamento identificativo, tais como a farda, cartão de entrada para funcionários e docentes, equipamento de Educação Física, cadernos, dossier e folhas. Para além disso, cada turma tem a sua sala fixa e contém outros espaços essenciais para os alunos no seu processo de ensino-aprendizagem: um laboratório de Física e Química; outro de Biologia; e um de informática; quatro salas de Artes Visuais e Educação Tecnológica; um pavilhão com piscina e campos desportivos exteriores; Biblioteca; Capela; Sala de Professores e áreas para o recreio. No total, no Colégio do Amor de Deus trabalham oitenta docentes e noventa funcionários não docentes.

¹²⁵ *Ibidem*, 12.

A proposta educativa e curricular do Colégio do Amor de Deus fundamenta-se na missão da Congregação das Irmãs do Amor de Deus, ou seja, o evangelizar em prol da educação e da promoção integral da pessoa,

«Evangelizar sendo manifestação permanente do Amor gratuito de Deus, comprometidas na construção de um mundo mais fraterno, através da educação e promoção integral e libertadora da pessoa e da iniciação e animação de comunidades cristãs, onde há necessidade de Evangelho, cultura e humanização»¹²⁶.

Segundo o exemplo de caridade de Cristo, as irmãs vivem o lema do ensino «o ensino onde quer que se julgue necessário»¹²⁷. O projeto que procuram para os seus alunos passa por «Aprender a ser, Aprender a amar, Aprender a pensar, Aprender a tomar decisões, Aprender a fazer»¹²⁸.

O Colégio oferece aos seus alunos uma proposta educativa que tem em conta as suas capacidades e o seu nível de maturidade permitindo que todos os alunos se sintam envolvidos e participantes do processo de aprendizagem. Segundo Arends, os alunos «constroem significados, que são influenciados pela interação entre o conhecimento previamente adquirido e as novas experiências de aprendizagem»¹²⁹.

Neste sentido, a estrutura curricular do Colégio sustenta-se nas orientações do Ministério da Educação, operacionalizando-as de acordo com as necessidades de forma a que os alunos atinjam o sucesso educativo e académico.

Visto que a Prática de Ensino Supervisionada decorre para um par pedagógico, numa turma do quinto ano, ao nível do segundo ciclo, interessa salientar que a organização curricular e a distribuição das cargas horárias do respetivo ano fundamentam-se no Decreto-Lei nº 139/2012 e na Portaria nº 59/2014.

Um segundo par pedagógico da Prática de Ensino Supervisionada realiza-se numa turma do quarto ano de escolaridade, do primeiro ciclo em que este tipo de lecionação obedece às áreas curriculares referidas no Decreto-Lei n.º 91/2013 3 Portaria 59/2014.

¹²⁶ CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO AMOR DE DEUS, *A Missão*, Acedido a 02.11.2018, Disponível em «<http://www.amordedeus.net/quem-somos/a-missao:995>».

¹²⁷ *Ibidem*

¹²⁸ COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, Projeto educativo, 8.

¹²⁹ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill, 2008, 12.

Neste ciclo de ensino as áreas curriculares decorrem em regime de monodocência, exceto as expressões e algumas atividades de enriquecimento curricular. Nas áreas das Expressões Artísticas Motoras, o professor titular da turma é coadjuvado semanalmente por docentes de Educação Física, Educação Musical e de Expressão Plástica.

Logo, a nível do primeiro ciclo encontramos duas áreas curriculares, uma disciplinar e outra não disciplinar e ainda as atividades de enriquecimento curricular. As áreas curriculares disciplinares são compostas pelas disciplinas de Português, Matemática, Estudo do Meio, Educação e Expressão (artística e motora) e a Educação Moral e Religiosa Católica, enquanto na área não curricular temos o Apoio ao Estudo e a Educação Cívica e nas atividades de enriquecimento curricular, os alunos frequentam a Catequese, o Inglês, as Artes Plásticas e o Programa de Consciência Fonológica 1.º ano.

As Áreas Curriculares Não Disciplinares são desenvolvidas pelo professor titular da turma e de acordo com o Projeto Curricular de Turma. O Projeto Programa de Consciência Fonológica, Clube Sherek, funciona apenas no primeiro ano, em doze tempos letivos e em horário letivo.

Para além destes, o Colégio Do Amor De Deus oferece o terceiro ciclo, cuja organização curricular e a distribuição da carga estão de acordo com a organização curricular do Decreto-Lei n.º 139/2012 e Portaria n.º 59/2014. A disciplina de EMRC continua a ser de frequência obrigatória e as Tic / é anual para o sétimo e oitavo anos e lecionados por docentes do conselho de turma. No nono ano, a Educação Cívica é lecionada pelo diretor de turma.

O Programa de Orientação Vocacional decorre todo o ano nas aulas de Formação Cívica, sob orientação de um psicólogo e do diretor de turma. Nas disciplinas de Físico-Química e Ciências Naturais acontece o desdobramento de turma com finalidade experimental. O ensino secundário apresenta diversos cursos, segundo a organização curricular e distribuição da carga horária obedecendo à organização curricular do Decreto-Lei 139/2012 e Portaria n.º 59/2014.

Aqui se encontram os cursos Científico-Humanísticos, o de Ciências Sócio-Económicas, o de Ciências Humanas e Sociais e Artes Visuais. A organização das Áreas Curriculares não Disciplinares, como é o caso do Apoio ao Estudo no 1.º e 2.º ciclos tem por objetivo que os alunos adquiram competências que lhes permitam descobrir e utilizar métodos de estudo e de trabalho/aprender a aprender, assim como desenvolver atitudes e capacidades que favoreçam uma crescente autonomia no processo de aprendizagem. E

ainda, conceber e desenvolver experiências concretas, de qualidade, relacionadas com as áreas de interesse pessoal e utilizar a metodologia de trabalho de projeto.

Tudo isto possibilita aos alunos praticar competências sociais, como por exemplo, saber comunicar, trabalhar em equipa, gerir conflitos, tomar decisões e avaliar processos.

O aprender fazendo (ligando a teoria à prática e utilizar os saberes de todas as disciplinas), assim como, aprender a desenvolver capacidades de tratamento de informação e aprender a resolver problemas, partindo dos recursos existentes, bem como desenvolver diferentes capacidades que permitam estudar com eficiência e sem ajudas. Ainda, a promoção da boa utilização da língua materna em todas as disciplinas e aprender a organizar o tempo de estudo e os materiais necessários. E finalmente, saber definir objetivos de estudo e utilizar as estratégias mais eficientes para atingir os objetivos propostos e saber avaliar a trabalho pessoal.

O colégio, com a intenção de facilitar as aprendizagens dos alunos, oferece um vasto programa de atividades que servem de complemento à componente curricular: aulas de substituição, atividades de enriquecimento curricular, aulas de apoio e projetos de Escola. No entanto, a todos os alunos a quem forem diagnosticadas necessidades educativas especiais ser-lhes-á facultado uma avaliação feita por uma equipa multidisciplinar e ser-lhes-ão aplicadas as medidas de apoio necessárias para melhorar o seu aproveitamento. Neste assunto, é importante a direção da escola reconhecer a extrema importância do processo de diagnóstico das necessidades.

Sobre isso, Arends diz-nos que

«uma atenção pronta e positiva aos casos excecionais, a realização de um programa relevante, o uso de estratégias próprias para alunos com necessidades especiais e a utilização dos recursos dos professores e técnicos da educação especial, são requisitos necessários a um ensino eficaz»¹³⁰.

Por ser um colégio Católico, o seu plano educativo inclui uma proposta Pastoral que se envolve no processo de ensino aprendizagem dos alunos, respeitando a liberdade religiosa dos seus educandos, mas como o anúncio cristão faz parte do seu projeto curricular, a existência de uma pastoral faz todo o sentido.

¹³⁰ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill, 2008, 56.

A escola procura

«no respeito pela liberdade e convicções de cada um, oferecer a todos os membros da Comunidade Educativa, e especialmente aos seus alunos, a possibilidade de fazerem das suas vidas um projeto com sentido, na linha da mundividência cristã, de acordo com a pessoa de Jesus Cristo e com a sua mensagem. Queremos também contemplar a globalidade da pessoa, procurando criar e manter um ambiente em que se acolha o Dom da fé e se faça um itinerário de crescimento progressivo no qual se expressem atos coerentes, de modo que, tanto a nível pessoal como da comunidade escolar, se evidenciem os caracteres cristãos que proclamamos»¹³¹.

Em cada ano letivo, a Pastoral lança o desafio à comunidade educativa de refletir sobre um tema que se transforma no lema do Colégio durante esse tempo. No presente ano letivo, esse lema é ESCUTA o teu coração. ESCUTA o coração do mundo. ESCUTA o coração de Deus. Nesse âmbito é visível nos espaços físicos do colégio vários cartazes alusivos à importância do ESCUTAR.

A oração ao primeiro tempo da manhã em todas as turmas é também uma estratégia utilizada pela pastoral para que os alunos sejam capazes de parar, escutar e refletir com base na mensagem de Cristo.

Em conclusão, toda esta estrutura educativa e curricular do Colégio do Amor de Deus pretende educar para o ser integral de acordo com o pensamento humanista e cristão, que tem em Cristo o seu modelo:

«As Escolas Amor de Deus assentam numa rigorosa formação científica, intelectual e cultural, procurando, com toda a sua atividade, despertar e estimular o desenvolvimento integral e harmonioso da pessoa, como agente do seu próprio crescimento, nas suas dimensões individual, social e cristã»¹³².

Esta sua filosofia consubstancia-se em três documentos fundamentais: Projeto Educativo, Projeto Curricular de Escola e Regulamento Interno.

¹³¹ COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, Projeto educativo, 4.

¹³² *Ibidem*.

2.3. Caracterização da turma D do 4ºano de escolaridade

A Prática de Ensino Supervisionada foi iniciada, pela primeira vez para o primeiro ciclo do ensino básico, na turma do 4.º A no Colégio Amor de Deus (CAD), no ano letivo de 2018-2019. A turma é composta por 25 alunos, dos quais 13 alunos são do sexo feminino e 12 alunos são do sexo masculino. As idades dos alunos estão compreendidas entre os oito e os nove anos, pois dezasseis têm nove anos, enquanto os oito restantes têm apenas oito anos. No que respeita à nacionalidade, a turma apresenta apenas um aluno de origem brasileira, sendo os restantes de nacionalidade portuguesa.

Não existem alunos com retenções no ano letivo transato, mas subsistem alunos com necessidades de aplicação de Medidas Universais de acordo com o Decreto-Lei 54/2018 de 6 de julho, artigo 8.º, ou seja, existem alunos referenciados com o objetivo de promover a participação e a melhoria das aprendizagens.

Como se pode constatar mais adiante, nesta turma, é necessário aplicar a ideia defendida por Arends de que

«A competência relativa a matérias escolares já não é suficiente, especialmente para ensinar em salas de aula culturalmente diversificadas e que incluem alunos com várias necessidades especiais»¹³³.

Acrescenta que, perante a presença de diferentes tipos de alunos «todas as crianças devem ver o seu potencial de aprendizagem maximizado: Nenhuma criança pode ser deixada para trás»¹³⁴. Arends acrescenta ainda que não pode haver discriminação de alunos «tanto aqueles com dificuldades de aprendizagem como os mais dotados» e diz que existem «vários métodos e sugestões para ensinar e trabalhar com grupos heterogéneos de alunos dentro da mesma sala de aula»¹³⁵.

A turma apresenta um nível socioeconómico médio-alto. Os Encarregados de Educação, na sua maioria, «acompanha e demonstra estar muito atentos e preocupados com a vida escolar dos seus educandos»¹³⁶. São pais presentes que colaboram e se

¹³³ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill, 2008, 43.

¹³⁴ *Ibidem*, 29.

¹³⁵ *Ibidem*.

¹³⁶ COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, *Projeto Curricular de Turma, 4º A, 2018/2019*, 1.

envolvem com a Instituição, promovendo assim um maior sucesso no processo ensino/aprendizagem. Vem de encontro aquilo que Arends refere quando afirma

«Apesar dos inúmeros relatórios que criticaram as escolas e os professores ao longo da última década, a maioria dos cidadãos continua a apoiar as escolas e os professores, expressando a sua confiança na educação»¹³⁷.

O seu nível de formação apresenta-se igual ou superior ao 12º ano de escolaridade, sendo a maioria licenciada. O contexto torna favorável, tanto económica como culturalmente, o desenvolvimento educativo dos alunos. Na sua maioria, estes educandos, apresentam um contexto familiar estabilizado, existindo, no entanto, algumas famílias com pais separados.

As condições socioeconómicas da turma levam a que os alunos «manifestem grandes expectativas para o futuro, pois a maioria gostaria de exercer uma profissão que implica um curso superior»¹³⁸. Os seus principais interesses são a leitura, o desporto, a televisão, atividades plásticas e computador.

Embora a grande maioria dos alunos desta escola usufrua de desportos diversos e passe grande parte do seu dia na escola, podemos constatar que muitos estão várias horas ligados à internet, quer como parte lúdica quer para uso escolar, como o caso de pesquisa para trabalhos. Tal vem de encontro ao que afirma Arends

«Hoje e no futuro, a Internet oferece a possibilidade de os alunos acederem a um largo conjunto de recursos que não estavam disponíveis anteriormente. Muitos acreditam que a Internet se tornará no primeiro veículo de divulgação de informação, se é que tal não aconteceu já»¹³⁹.

O autor reforça a ideia da importância das novas tecnologias a usar em sala de aula, mas não só, quando declara que

«os computadores e as tecnologias de telecomunicações terão um impacto significativo na atual geração de professores, não só porque passaram a ter um papel relevante em outros

¹³⁷ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill, 2008, 32.

¹³⁸ COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, *Projeto Curricular de Turma*, 4º A, 2018/2019, 2.

¹³⁹ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill, 2008, 35.

aspetos das nossas vidas, mas também porque oferecem importantes vantagens sobre outras ferramentas educacionais»¹⁴⁰.

É uma turma motivada, curiosa e com desejo de aprender e muito entusiasmada perante as atividades apresentadas. O processo ensino-aprendizagem tem evoluído progressivamente. Relativamente a este tema Arends declara:

«A aprendizagem é uma atividade social e cultural na qual os alunos constroem significados, que são influenciados pela interação entre o conhecimento previamente adquirido e as novas experiências de aprendizagem»¹⁴¹.

Para que o processo evolua com sucesso, e é isso que se pretende e para tornar o ensino numa aprendizagem ativa,

«o currículo de uma escola deixa de ser considerado um documento com informações importantes, mas sim um conjunto de acontecimentos e atividades de aprendizagem através do qual os alunos e os professores negociam significados em conjunto»¹⁴².

Esta é uma turma com um comportamento geral muito bom, e que revelam alto nível de interesse e de vontade de aprender.

Para melhor acompanhar a individualidade de cada um foi realizado um levantamento, pela Professora Titular de Turma, de aspetos que possam vir a tornar-se releváveis para o seu processo ensino-aprendizagem. Assim foram identificados os alunos merecedores de atenção particular: Especial ou outra.

Tal como tinha sido referido anteriormente, a turma comporta alunos com algumas necessidades de aplicação de Medidas Universais em termos educativos, mas também surgem casos de problemática social e/ou de doença, que merecem atenção especial. Assim, temos os seguintes alunos: Aluna n.º 3: Dificuldade na assiduidade e pouco acompanhamento em casa; Aluna n.º 5: Dispersa, pouco trabalhadora, com dificuldades a nível de leitura e escrita; Aluno n.º 9: Muito imaturo, pouco autónomo no desenvolvimento das tarefas. Falta de concentração apesar das capacidades intelectuais;

¹⁴⁰ *Ibidem*, 46-47.

¹⁴¹ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill, 2008, 40.

¹⁴² *Ibidem*.

Aluno n.º 12: Dificuldade na compreensão da leitura, muitos erros ortográficos. Competências dos anos anteriores por desenvolver. Chegado ao Colégio no ano letivo passado; Aluno n.º 19: Imaturo e com dificuldade de concentração nas tarefas; Aluna n.º 22: Dispersa e pouco trabalhadora; Aluna n.º 23: Aluna que sofre de diabetes.

De acordo com o Projeto Curricular de Turma são apresentadas as seguintes linhas orientadoras:

«Fomentar a curiosidade de aprender; Desenvolver as dimensões culturais, lúdicas e estéticas dos saberes; Criar hábitos de trabalho e organização; Desenvolver a concentração, o raciocínio e a autonomia; Promover o diálogo e o confronto de ideias; Despertar para problemáticas que afetam a nossa sociedade»¹⁴³.

Estes critérios fazem com que seja necessário que os professores tomem consciência da necessidade de estarem preparados para lidar com o ensino deste século e segundo Arends «Os professores do século XXI terão de dominar várias bases de conhecimentos [académicos, pedagógicos, sociais e culturais] e serem profissionais reflexivos e capazes de resolverem problemas»¹⁴⁴.

Assim, as aprendizagens que se pretendem que os alunos desenvolvam deverão passar pela leitura, diálogo, trabalho individualizado, trabalho de pares, trabalho de grupo, trabalho de pesquisa, registos, resumos e assembleias de turma.

Este tipo de metodologia utilizado no colégio vem de encontro ao pensamento de Arends que afirma que:

«Segundo a perspetiva construtivista, a aprendizagem não consiste nos alunos sentados passivamente recebendo informação do professor, mas em alunos ativamente envolvidos em experiências relevantes e tendo oportunidades de dialogar para que os significados possam ser desenvolvidos e construídos. A aprendizagem não tem lugar em salas de aula passivas, mas em comunidades caracterizadas por elevados níveis de participação e envolvimento»¹⁴⁵.

¹⁴³ COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, *Projeto Curricular de Turma*, 4º A, 2018/2019, 3.

¹⁴⁴ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill, 2008, 43.

¹⁴⁵ *Ibidem*, 40.

Neste sentido procura-se desenvolver um conjunto de estratégias que beneficiem o processo ensino- aprendizagem. Assim, procuram criar-se condições para que o ambiente de trabalho seja agradável; uso de uma pedagogia centrada nos interesses dos alunos e que permita um acompanhamento mais individualizado; a personalização de metodologias como forma de motivar os alunos; o recurso ao feedback positivo como meio de favorecer também a autoestima; a promoção de atividades que desenvolvam a autonomia e a responsabilidade¹⁴⁶.

Perante estas estratégias de individualização do processo ensino-aprendizagem utilizado no colégio podemos afirmar estarem de acordo com o que Arends defende «que a aprendizagem é uma atividade cultural e social, que o conhecimento é algo pessoal e que os alunos contraem significados através da interação com os outros»¹⁴⁷.

O autor afirma, também, a este respeito que

«a principal finalidade do ensino é ajudar os alunos a tornarem se independentes e auto regulados. Esta finalidade não nega os restantes objetivos da educação, funcionando antes como uma finalidade abrangente, debaixo da qual todos os outros objetivos e atividades académicas podem ser colocados»¹⁴⁸.

O colégio dispõe de uma comunidade ativa participativa na sua vida escolar o que, segundo Arends, se torna essencial para «produzir resultados, sobretudo a nível da realização escolar e da aprendizagem social dos alunos»¹⁴⁹.

Entendendo a avaliação individual do aluno como essencial ao processo ensino-aprendizagem, o projeto Curricular de Turma, definiu os meios a utilizar: «Testes sumativos [exceção de EMRC, aprovado em Conselho Pedagógico]; Participação individual [oral e escrita]; Trabalhos de casa; Trabalhos de grupo; Cumprimento das regras de conduta na sala de aula e noutras situações da vida escolar; Assiduidade e pontualidade; Interesse, empenho e esforço na aprendizagem; Apresentação e organização das tarefas escolares; Cumprimento dos trabalhos de casa»¹⁵⁰.

¹⁴⁶ Cf. COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, *Projeto Curricular de Turma*, 4.º A, 2018/2019, 5.

¹⁴⁷ *Ibidem*, 36.

¹⁴⁸ *Ibidem*, 45.

¹⁴⁹ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill, 2008, 45.

¹⁵⁰ COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, *Projeto Curricular de Turma*, 4.º A, 2018/2019, 5.

O Colégio do Amor de Deus é um colégio católico, portanto, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) integra a componente curricular obrigatória a partir do quarto ano e pela primeira vez neste ano letivo.

Pretende-se que a disciplina proporcione aos alunos a promoção de aprendizagens que facilitem o aprofundamento do seu conhecimento pessoal, social, religioso e cultural. De mencionar a especificidade e importância do papel desempenhado pelo professor de EMRC na dimensão afetiva e relacional que deve manter com os alunos.

O docente deve possibilitar, de todas as formas possíveis, que os alunos atinjam as metas e objetivos propostos para a disciplina usando a flexibilidade curricular para que cada discente possa concluir as competências definidas no perfil do aluno para cada ciclo e à saída da escolaridade obrigatória.

O professor deve estar sempre disponível para todos e particularmente para os seus alunos, tal como defende Arends:

«a visão de que é importante que os professores tenham disposições afetuosas em relação às crianças e aos jovens, e que acreditem nas capacidades de aprendizagem de todas as crianças»¹⁵¹.

É necessário implementar uma dinâmica vigorosa entre a Pastoral do Colégio, o Projeto Educativo aprovado pelo conselho pedagógico do mesmo e a disciplina de EMRC para que se proporcione o desenvolvimento integral dos alunos em todas as suas dimensões e a partir dessa humanização torná-los capazes de se relacionarem com o outro e com o transcendente.

A docente da turma do 4.º A, refere a interdisciplinaridade como «muito importante no processo ensino-aprendizagem, pois promove e facilita a aquisição dos conhecimentos»¹⁵². Procura que as diversas áreas disciplinares se articulem entre si, conduzindo a um desenvolvimento integrado de conhecimentos, capacidades e atitudes. Assim a turma irá desenvolver, em *Área de Projeto*, o tema «ESCUTA o teu coração. ESCUTA o coração do mundo. ESCUTA o coração de DEUS».

Na área curricular não disciplinar de *Estudo Acompanhado* pretende-se:

¹⁵¹ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill, 20087, p. 20

¹⁵² Colégio Amor de Deus, *Projeto Curricular de Turma, 4.º A, 2018/2019*, 5.

«Incentivar os alunos a uma melhor organização pessoal do seu material escolar como na indicação e execução dos seus trabalhos; A promoção e autonomia dos alunos em todas as áreas; Estimular uma boa organização e gestão do tempo no desenvolvimento e concretização das atividades; Melhorar a atenção e a concentração; Facilitar a manifestação de dúvidas e dificuldades; Reconhecer fatores perturbadores do estudo»¹⁵³.

No que respeita à Formação Cívica procurará incidir sobre os seguintes objetivos:

«Conduzir os alunos a participar na vida cívica de forma activa e responsável, respeitando a diversidade cultural, religiosa ou outra; Desenvolver as capacidades necessárias ao exercício da cidadania; Promover o desenvolvimento da auto-estima, de regras de convivência e do respeito mútuo; Desenvolver os valores da solidariedade/amizade e o respeito pela diferença»¹⁵⁴.

Em relação à participação da turma no Plano Anual de Atividades, a turma irá participar na Festa de Natal, Visitas de Estudo, Festa da Comunidade Educativa, Cerimónias Religiosas, Campanhas de Solidariedade, Festas Sazonais¹⁵⁵.

No que respeita ao 1º Ciclo, do Ensino Básico, aos momentos, formas e instrumentos de avaliação, de acordo com o Projeto Curricular de Turma, «a avaliação dos alunos [...] deverá ser, essencialmente qualitativa»¹⁵⁶. Assim, deverá procurar articular os seguintes instrumentos:

«Observação direta dos alunos, trabalhos escritos grelhas de observação, fichas de avaliação sumativa fichas Formativas, registo de desempenhos e comportamentos, registo de observação direta das áreas não disciplinares, grelhas de autoavaliação»¹⁵⁷.

¹⁵³ *Ibidem*.

¹⁵⁴ *Ibidem*.

¹⁵⁵ COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, *Projeto Curricular de Turma*, 4.º A, 2018/2019, 7.

¹⁵⁶ *Ibidem*.

¹⁵⁷ *Ibidem*, 5.

Para que seja possível concretizar tudo o que anteriormente foi dito o colégio necessita de professores curricularizados e reflexivos e que no dizer de Arends devem possuir as seguintes características:

«1. Os professores eficazes têm qualidades pessoais que lhes permitem desenvolver relações humanas genuínas com os seus alunos, os pais e os colegas, e criar salas de aula democráticas e socialmente justas para as crianças e adolescentes. 2. Os professores eficazes têm uma disposição positiva em relação ao conhecimento, dominando pelo menos três bases de conhecimento abrangentes relacionadas com a matéria da disciplina, o desenvolvimento e a aprendizagem humana e a pedagogia. Utilizam este conhecimento para guiar a ciência e a arte dos seus métodos de ensino. 3. Os professores eficazes têm um repertório de práticas de ensino que estimulam a motivação dos alunos, melhoram os seus resultados na aprendizagem de competências básicas e contribuem para produzir um nível de compreensão mais elevado e alunos autoregulados. 4. Os professores eficazes têm uma disposição pessoal para a reflexão e a resolução de problemas. Consideram a aprendizagem do ensino um processo ao longo da vida, conseguindo diagnosticar situações e adaptar e utilizar o seu conhecimento profissional de forma apropriada, para favorecer a aprendizagem dos alunos e melhorar as escolas»¹⁵⁸.

A caracterização da turma permite identificar dados referentes aos diversos alunos. Estes dados possibilitam ao professor, uma melhor compreensão de determinados comportamentos, que poderão ocorrer ao longo do ano letivo. Este poderá ainda, intervir de um modo mais adequado perante necessidades específicas dos seus alunos.

Todos os indicadores servirão de base a uma atuação mais reflexiva, numa procura da promoção de oportunidades que melhor promovam o sucesso para todos.

¹⁵⁸ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill, 2008, 47.

3. Abordagem da Prática de Ensino Supervisionada

3.1. Planificação e Lecionação da Unidade Letiva

a) Planificação e Lecionação da Aula 1, UL 1 Fazer legenda do quadro; diminuir o tamanho do quadro

PLANO DE AULA						
4º Ano	Unidade Letiva: Ser Verdadeiro		Aula n.º 1	Lição n.º 2		
Sumário: Apresentação de professores, alunos e manual da disciplina. Reflexão sobre o tema “a Luz da Vida” e decoração de vela.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
			Acolhimento e sumário Oração a partir de uma música.	10 m	Música	
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro	Motivar nos alunos a preocupação com o outro;	Saudação	Entrada na sala ao som de música “Como estão todos?”, acompanhada a guitarra; aprendem a canção, realizando os gestos ensinados;	5 m	Guitarra	Observação direta: Participação/adeseão
M. Reconhecer a proposta de agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	Aprender a ser verdadeiro	O que é agir com verdade: - Entre o que se diz e o que se pensa ou se sente; -Razões para se dizer a verdade: - O respeito por mim e pelo outro;	Jogo de apresentação, a pares.	15 m		Palavra selecionada (grelha para registo de nomes e respetivas palavras)
F. Conhecer a mensagem e cultura Bíblicas	Motivar os alunos à exploração do manual e da Unidade Letiva a trabalhar.	O manual e a Unidade Letiva	Motivação para o manual com apresentação (Unidades Letivas, personagens). Um aluno lê o texto da pág. 6. Pintura do logotipo referente à Unidade Letiva 1 (vela da pág.4).	10 m	Manual	Observação direta: Empenho
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro	Desenvolver o espírito de entreaajuda.	A Luz da vida	Decoração de vela, a pares e colagem sobre cartão. Reflexão sobre “A Luz da Vida”.	15 m	Velas, Fita cola fantasia, Cartões, Cola líquida	Observação direta: Entreajuda; Partilha; Disponibilidade; Participação; Resultado Final
			Os alunos propõem síntese para a aula.	5 m		Participação

Síntese:

- Conhecer melhor professores e disciplina. Decorar uma vela e reconhecer que tenho e sou, Luz na Vida.

Quadro 1 – Plano de Aula número um da Unidade Letiva 1

A minha primeira aula assistida aconteceu no dia 26 de outubro, no âmbito da profissionalização em EMRC. O grupo de professoras estagiárias foi muito bem acolhido por todos, especialmente pelo Professor Orientador, que nos apoiou de um modo sempre disponível ao longo de todo percurso. Também de referir o interesse e cooperação constante da Irmã Conceição, Professora Titular da turma do 4ºA.

Ao saber que iria estagiar numa turma de primeiro ciclo fiquei um pouco ansiosa. Se por um lado a minha experiência com o respetivo ciclo poderia ser uma vantagem, por outro, certamente iria destacar as minhas falhas.

Tal como em outras, mas especialmente na EMRC, as falhas podem colocar em risco a correta identidade e sentido da disciplina. Assim, apresentei-me na minha forma mais humilde e genuína, numa busca constante de experiências que se tornassem frutuosas, não só para mim, mas, especialmente, para todos os alunos.

Ao longo do período de estágio a turma participou sempre com empenho nas atividades propostas, revelando um comportamento adequado. Na minha opinião, a motivação com as atividades, por vezes, pode ter causado uma certa agitação na sala [distribuições de materiais, conversa sobre a tarefa]. No entanto, tendo em conta o ano de escolaridade, julgo que o conceito “bom comportamento” deveria contemplar o comportamento espontâneo da criança ao empenhar-se nas tarefas, com alegria, com entusiasmo e, por isso, alguma desordem são.

A primeira aula assistida teve início com a oração da manhã, um momento de reflexão matinal que motiva os alunos à escuta, à reflexão e os recorda a cada dia da presença de Deus nas suas vidas.

A oração falava do sorriso e da sua importância e pegando na associação do sorriso que tem um efeito sobre o outro, conduzi a aula ao tema a Luz da Vida. Procurei que reconhecessem que cada um pode também ser luz na vida de alguém.

Alertei para o cuidado que devemos ter com o próximo, a atenção, a disponibilidade, a preocupação. Para se tornar mais significativo ensinei uma canção com gestos, que os leva a cumprimentar e interagir com os colegas.

Com muita pena minha, apenas quando retirei a guitarra do saco, verifiquei que se tinha partido uma corda. Como consertá-la no momento levaria algum tempo, optei por cantar a canção apenas com gestos e palmas. Fui dando início a todas as aulas com esta canção e com a guitarra, porque motiva, descontraí, relaxa, prende a atenção e a letra é uma ajuda na transmissão de conhecimentos.

Depois deste momento propus a realização de um jogo de apresentação. O meu objetivo era, num primeiro contacto com a turma, poder recolher algumas pistas sobre pelo menos alguns dos alunos. Assim, para promover algum dinamismo e procurar perceber como se relacionavam, cada um teve de questionar ao colega do lado duas palavras para si significativas: uma pela positiva outra pela negativa. Cada um apresentaria as palavras referidas pelo colega. Não facultei nenhum tema intencionalmente, não queria conduzir as escolhas. Se exemplificasse com um alimento, ou um desporto, poderia restringir as respostas. Assim, consegui aperceber-me da “profundidade” das respostas, tal como das diferentes motivações e sensibilidades.

Realizei o registo das mesmas numa grelha criada para o efeito, ao mesmo tempo que ia registando os nomes e lugares onde todos estavam sentados. Entre as palavras positivas apareceram: futebol, diversão, paz, família, escola e entre as negativas igualmente clubes de futebol, peixe, brócolos, discussões, tristeza, aborrecimento, afastamento [da família] e também o nome Vicente [palavra vista como negativa]. Esta última apresentada por um aluno que, em tom de desabafo, disse não gostar desse nome por ter sido empurrado contra a grade por um outro desse nome. Não aprofundei muito o assunto, no contexto de sala de aula, mas continuei atenta para procurar compreender. Na verdade, esta grelha serviu essencialmente para me dar informações sobre os alunos, algo relevante. Nas palavras positivas consegui perceber os gostos da turma e nas negativas possíveis dicas dos seus medos, preocupações, tidas como pistas para me aproximar deles, e que considereei na preparação das aulas seguintes.

Quando o jogo terminou, uma aluna perguntou quais eram as minhas palavras e eu, muito feliz, pois era o meu objetivo, introduzi a palavra escolhida Luz, como positiva e Solidão como negativa.

Penso que o jogo demorou um pouco mais que o pretendido, pois deu azo a alguma conversa, mas com isso aumentou a confiança e a motivação para a aula.

Pegando então na palavra Luz sugeri a elaboração de um trabalho com algo que ilumina, decorar uma vela. Um dos alunos disse que nunca a iria acender [por gostar tanto do seu trabalho], então lembrei-me de lhes propor que pedissem um pouco da atenção dos pais antes de dormir e que, juntamente com eles, a acendessem desligando as luzes. Nesse ambiente fariam a seguinte pergunta: Pai/Mãe, eu sou luz na vossa vida? Porquê?

Perante o desafio, uma aluna, a Sofia, disse só poder estar com os pais na quinta-feira, pareceu-me precisar de uma atenção especial, deveria estar atenta a esta menina. Procurei integrar-me do contexto familiar dos alunos, para evitar constrangimentos na

altura de propor atividades, considerando uma variedade de opções para a realização de um trabalho.

O desafio foi lançado para que na próxima aula fosse explorado, reunindo as respostas dos pais.

Para a tarefa da vela, procurei encaminhá-los à descoberta do sentido da luz que nos é dada por Jesus, e que conseguimos estender aos que nos rodeiam. Esta tarefa foi realizada em pares, para proporcionar a entreaajuda. O material necessário foi pronto a usar, para agilizar a tarefa de uma forma mais rápida [fita cola e cartões recortados], no entanto penso que seja tão mais significativa a experiência para o aluno quanto mais nela participar.

Em relação aos tempos da planificação, não foram cumpridos, pois a quando da sua realização eu tinha previsto 60 minutos e não os 50 minutos. Tive então de fazer uma alteração, quando me apercebi da falta de tempo optei por saltar a atividade da leitura do texto do manual e respetiva pintura do logotipo. Apresentei-o, mostrando, mas passámos ao trabalho da vela [motivação para o manual - Luz da Vida]. Compreendi que o rendimento numa aula de 50 minutos é diferente de numa aula de 60 minutos. Na aula seguinte procurei explorar o que não consegui na presente, assim como pensar melhor os tempos por tarefa. Esta falha a nível de tempo deu origem a que não conseguisse realizar com os alunos a síntese.

Se fizesse a planificação novamente, teria em atenção primeiramente o tempo, previa o necessário para acolhimento e sumário, seguido da oração da manhã e pequena exploração. De seguida mantinha a canção de cumprimento e o jogo de apresentação. Talvez optasse por cada aluno escrever num cartão as palavras positiva e negativa e trocar com o colega que as leria. Poderia ganhar algum tempo e evitar dispersão, no entanto, na minha opinião, os alunos necessitam de conversar e ouvir o outro, de interagir.

Entretanto, e dada a motivação que pensei que a atividade da vela traria tanto aos alunos, como com aos pais, manteria os moldes da realização da atividade, apresentando o manual sem, no entanto, pensar trabalhar no mesmo já na primeira aula. Conduziria a uma abertura e curiosidade não só para o mesmo, como também para a disciplina, procurando explorar e introduzir a temática “Luz da vida”.

Procurava realizar, com os alunos, a síntese da aula e como despedida cantaríamos novamente a canção de cumprimento.

Penso que desta forma a planificação conseguiria ser cumprida mantendo a sua intenção.

b) Planificação e Lecionação da Aula 2, UL 1

PLANO DE AULA			
4º Ano	Unidade Letiva: Ser Verdadeiro	Aula n.º 2	Lição n.º 3
Sumário: Oração da manhã. Atividade de consolidação sobre o tema “Luz da Vida”. Exploração do manual.			

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AValiação FORMATIVA
			Acolhimento e sumário Oração da manhã. Breve reflexão.	50m 10m 5 m	Grelha, para sumários (anexar ao manual) Sumários para colar	
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro	Motivar nos alunos à preocupação com o outro;	Saudação / Sou Luz na Escola	Canção de cumprimento.	5 m	Guitarra	Observação direta: Participação/adesão
	Integrar a família no contexto da disciplina;	Partilha/ Sou Luz em Casa	Registo, em cartões, da resposta dada pelos pais à questão desafio da aula anterior. Partilha das experiências vividas e exploração oral.	10m	cartões coloridos	Conteúdo registado nos cartões; Participação Oral
F. Conhecer a mensagem e cultura Bíblicas	Introduzir a Unidade Letiva a trabalhar;	O manual e a Unidade Letiva / A Luz que vem de Jesus	Leitura, por um aluno, da pág. 6 do manual. Enquanto a turma pinta o logotipo da Unidade de Trabalho, pág.4), os alunos, dois a dois deslocam-se ao quadro, para colar num cartaz em formato de vela os seus cartões.	5 m 10m	Manual; cartaz em formato de vela; cola; bostique	Observação direta: Empenho Autonomia
	Interpretar o Texto Sagrado.	Sou luz no Caminho				
			Proposta de síntese para a aula.	5 m		Participação

Quadro 2 – Plano de Aula número dois da Unidade Letiva 1

Síntese: Levo a Luz que vem de Jesus

A segunda aula assistida decorreu no passado dia 2 de outubro. Quando realizava a planificação da presente aula, deparei-me com uma dúvida. Sendo que na aula anterior não consegui cumprir com a planificação, por falta de tempo, pretendia melhorar esse aspeto. Assim, optei por planificar tendo em conta não só este elemento mas também proporcionar que esta aula permitisse explorar um pouco mais, conteúdos que não ficaram, quanto a mim, suficientemente esclarecidos.

Na primeira aula propus aos alunos uma atividade para que realizassem com os pais. As minhas expectativas em relação à sua adesão ficaram um pouco aquém do esperado. Tal levou a que me empenhasse numa atividade significativa para os alunos e que ficasse registada na sala de aula como elo com as famílias.

Esperava que tivessem acendido a vela que decoraram, junto dos seus pais e os questionassem se eram vida nas suas vidas e porquê. A ideia surgiu com a pergunta de um aluno sobre se a vela era para acender ou para guardar. Procurei que se apercebessem, ouvindo diretamente dos seus pais, da importância que têm nas suas famílias, como as iluminam diariamente.

Assim, ao planificar a aula procurei dar destaque à atividade que envolveria os pais. Como tal, e na expectativa de que se verificasse uma grande adesão, pretendia que o momento vivido por cada família integrasse a sala de aula e na própria disciplina. Do mesmo modo seria um trabalho a marcar presença no espaço físico com o qual os alunos contactam diariamente. Para isso, preparei um grande cartaz em formato de vela, igual à imagem que representa a Unidade Letiva que decorasse a sala, onde os alunos registassem as frases proferidas pelos pais/ familiares.

Na verdade, fiquei um pouco triste dada a pouca adesão. Apenas 5 conseguiram este momento de partilha familiar. Registaram as seguintes frases:

«És a nossa maior luz e sempre serás!»; «És a nossa maior luz!»; «Filho, tu és a luz da nossa vida!»; «Eu sou a luz principal da minha família!»; «Eu vim deles e eles adoram-me!»

Aos restantes vinte alunos, acabei por pedir que registassem então o motivo pelo qual seriam os pais luz nas suas vidas. Registaram entre outras, as seguintes frases:

«Dão amor!»; «Para mim, os meus pais, são luz na minha vida, porque são pessoas que dão energia e força!»; «Porque me amam!»; «Cuidam de mim!»; «Os meus pais são luz para mim porque são queridos e dão amor!»; «Sou a maior luz para eles e eles para mim!»; «São o meu espírito e o meu coração!»

A atividade resultou de forma um pouco diferente do pretendido, no entanto ficou a ideia da importância que podemos ter na vida de alguém. E, com a leitura do manual, pretendendo recuperar o que estava em falta da aula anterior, os alunos foram convidados a refletir: «E se agora, sem pedir autorização a ninguém, o Sol deixasse de brilhar no firmamento dos céus e tudo à tua volta se tornasse escuro, tão escuro que nem te permitisse sair de onde estás?»¹⁵⁹.

Assim, os alunos compreenderam a importância da luz na vida humana. E citando o Evangelho de São João «Eu sou a luz do mundo: quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida.» (*Jo* 8, 12) conseguiram dar o salto para a profundidade da mensagem.

Como na aula anterior tinha desafiado os alunos a fazer uma tarefa em casa, nesta aula um dos alunos perguntou se lançaria novo desafio pois gostava muito de desafios. Pensei rapidamente e de modo entusiasmado afirmei: claro que sim, um desafio muito importante! Durante a semana terão de ser luz na vida de alguém e, na próxima aula, partilham as vossas vivências.

E, entretanto, na conclusão da aula, os alunos foram conduzidos a reconhecer que se pode ser luz na vida ao ‘Ser verdadeiro’. Foi uma motivação para, na próxima aula, dar início à UL do mesmo nome.

¹⁵⁹ M. REIS et al., *A luz da Vida*, Manual EMRC, 4ºano do Ensino Básico, SNEC, Lisboa, 2015, 6.

c) Planificação e Lecionação da Aula 3, UL 1

PLANO DE AULA						
4º Ano	Unidade Letiva: Ser Verdadeiro			Aula n.º 3		Lição n.º 4
Sumário: Exploração da UL 1: “Ser verdadeiro”. Leitura e análise da história “A mentira do sapo”. Ilustração de um sapinho em origami.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
			Acolhimento e sumário. Oração da manhã. Breve reflexão. Canção de cumprimento e partilha de vivências sobre o desafio da semana “ser Luz na vida de alguém”.	10m 5 m	Guitarra	
Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	Aprender a ser verdadeiro	O que é agir com verdade: - Correspondência entre o que se diz e a verdade; - Entre o que se promete e o que se faz; - Entre o que se diz e o que se pensa ou sente	Brainstorming Os alunos apresentam, oralmente, palavras relacionadas com o tema <i>Ser Verdadeiro</i> .	5 m	Expressão “Ser Verdadeiro” (colar no quadro)	Observação direta: - Qualidade da participação - Atenção - Concentração
			História “A mentira do sapo” Leitura e exploração, da história do manual, pág. 8/9.	10m	Manual	
			A verdade torna-nos dignos de confiança Atividade de verdadeiro/falso e diálogo de grupo/turma, pág.10 do manual.	10m	Manual	Observação direta: -Capacidade de interpretação e compreensão - Participação Observação Indireta: - Respostas no manual
			Ser verdadeiro é ser coerente Ilustração de um “sapinho” em origami.	5 m	Folhas de papel	Observação direta: - Empenho - Pintura
			Proposta de síntese para a aula.	5 m		Participação
Síntese: Ser verdadeiro é importante.						

Quadro 3 – Plano de Aula número três da Unidade Letiva 1

A aula assistida número três decorreu no dia nove de outubro. Antes de dar início à aula, propriamente dita, conversei com os alunos procurando saber se tinham cumprido o desafio de ser luz na vida de alguém, proposto na aula anterior. Referiram que sim, ajudando os colegas, partilhando lanches e materiais, animando os pais em momentos mais difíceis e colaborando nas tarefas domésticas.

Entretanto mostraram-se preocupados com os incêndios que atingiram Cascais no fim de semana e entendi que deveríamos fazer deste um momento de partilha de vivências. Em seguida, à semelhança das aulas anteriores, comecei por ler a oração da manhã, mas que poderia ter explorado um pouco mais procurando articular com o tema da aula. Senti um ambiente de escuta e atenção. Foi por este motivo que optei por cantar a canção de cumprimento, prevista para o início da aula, apenas no final. É um momento de alegria, mas que origina alguma agitação e quebraria o ambiente. Assim, introduzi logo de seguida a primeira atividade.

Para desenvolver o conteúdo *o que é agir com verdade*, pensei que primeiro deveria perceber o que os alunos conseguem exprimir sobre o conceito de *verdade*. Para tal, optei pela estratégia de realizar com eles uma chuva de ideias. Os alunos demonstraram dificuldade em nomear palavras relacionadas com o tema. Verifiquei a importância de se trabalhar em profundidade esta Unidade Letiva. Identificaram claramente que «verdade não é mentir», mas não conseguiram desenvolver mais. Eu não quis induzir mais informação pois, para mim, a estratégia foi também uma forma de avaliação diagnóstica para o tema da unidade. Tinha o objetivo de voltar a aplicar a estratégia na conclusão da mesma, como forma de verificar a evolução nos alunos.

Prosseguimos então, após a motivação verbal: Vamos então saber um pouco mais e para isso precisamos de estar muito atentos à história que vamos ouvir! Achei pertinente explorar, com a turma, a leitura da história «A mentira do Sapo», do manual. O conto é uma forma muito eficaz de transmissão de mensagens aos alunos. Explora a criatividade e imaginação de cada uma das crianças ao mesmo tempo que as envolve quase como se vivenciassem as experiências por que passam as personagens.

A expressividade e entrega ao texto, por parte do leitor, é fundamental para que se estabeleça esta relação entre história e ouvinte. Assim, procurei realizar uma leitura dramatizada e expressiva, que cativasse e conduzisse os alunos a entrar na aventura que ouviam.

Esta atividade, quanto a mim, permitiu uma compreensão no âmbito do reconhecimento de atitudes contrárias ao que será um agir com verdade. Assim, através

de exemplos contrários, os alunos conseguiram distinguir ações com e sem fundamento na verdade. O sapo mentia constantemente, e os alunos reconheciam que agia contrariamente à verdade, dizia ser um príncipe e que aguardava a princesa.

No entanto, nesta altura questioneei a estratégia selecionada. É que a aula, embora conduzindo os alunos à identificação do que é o agir em verdade, esteve mais direcionada para a mentira, até pelo próprio título do texto. Percebi que a aula se conduzia mais na linha da mentira, do que na da verdade. Embora sejam conceitos que se relacionam pela sua oposição, a minha intenção era realmente explorar a verdade. A verdade enquanto *correspondência entre o que se diz e a realidade, entre o que se promete e o que se faz e entre o que se diz e o que se pensa ou se sente*. Estes conteúdos foram bastante explorados na história mas nela, o personagem fazia o contrário, o que dizia não correspondia à realidade, não fazia o que prometia e não dizia o que pensava ou sentia.

Em relação a este último surgiu a dúvida, por um aluno, por uma questão de interpretação pessoal do personagem. Esta foi uma situação, para mim, um pouco constrangedora. Perante uma das questões de escolha múltipla de interpretação do texto, um dos alunos deu uma resposta contrária à que eu previa como correta.

Fiquei um pouco embaraçada pois não estava preparada para uma resposta diferente ao que para mim parecia óbvio. A questão era: O sapo aldrabão acreditava nas suas fantasias? Teriam de responder verdadeiro ou falso. Todos responderam falso, reconhecendo no sapo uma vontade de enganar os outros. Este aluno levantou o braço e disse que pensava que a resposta deveria ser verdadeira. Então como vi nele tanta convicção, e penso que é muito importante desenvolver nos alunos o espírito crítico e de argumentação, deixei que fundamentasse a sua resposta. Explicou que o sapo poderia ter ouvido uma história sobre sapos e princesas e com ela ter-se convencido ser um dos príncipes enfeitado.

Perante a sua justificação optei por valorizar a sua observação, reconhecendo à turma que é possível que existam situações em que tenhamos diferentes opiniões ou pontos de vista, mas que é benéfica para todo o grupo essa diferença, que a todos enriquece. Que o fundamental é o respeito mútuo e a compreensão entre uns e outros. A disciplina de EMRC deve ser lugar de reflexão e partilha. Todos se devem sentir à vontade para expor as suas ideias, partilhar e participar sem receios, deve ser um espaço para a reflexão conjunta e crescimento mútuo de alunos e professora.

E, entretanto, após a correção das questões do manual, compreendi que aprofundar a temática da mentira foi fundamental para que compreendessem o que é a verdade. Os alunos identificaram, facilmente, sinais ou gestos que se podem exteriorizar ao mentir [coçar o nariz, gaguejar...], dando exemplos.

Tão envolvidos com partilhas pessoais acabaram por não conseguir realizar a última atividade, a ilustração de um sapo de papel em origami.

Pretendia que concretizassem alguma atividade mais plástica, pois acredito que nestas idades ajudam a reforçar as aprendizagens. Mas, como se aproximava a hora de terminar a aula optei por desafiar a que o levassem para fazer em casa.

Em relação à síntese penso que espelhou o que havia sentido anteriormente. Como o personagem sapo se caracterizou pela mentira, os alunos deram sugestões de síntese nesse sentido. Deveria ter dado a volta procurando que reconhecessem o que exploraram sobre a verdade. Como penso que os últimos minutos da aula são essenciais para aquilo que será a memória sobre a mesma, de seguida, cantámos a canção e interagimos alegremente.

Para esta aula, procurei debruçar-me já em maior profundidade nos conteúdos da Unidade Letiva. Perante o alerta do Professor Cooperante, na aula anterior, de nos focarmos realmente no programa. Ainda em relação a indicações, a planificação procurou corresponder à indicação dada, conduzindo a uma mais fácil leitura, com os principais conteúdos e estratégias a negrito, e sequenciais por pontos.

d) Planificação e Lecionação da Aula 4, UL 1

PLANO DE AULA						
4º Ano	Unidade Letiva: Ser Verdadeiro		Aula n.º 4	Lição n.º 5		
Sumário: Consolidação do conteúdo <i>Agir com verdade</i> . Leitura de texto e atividades do manual, referentes ao tema <i>Razões para se dizer a verdade</i> .						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
			Acolhimento e sumário. Oração da manhã. Breve reflexão.	10m 5 m		
Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	Aprender a ser verdadeiro	O que é agir com verdade: - Correspondência entre o que se diz e a verdade; - Entre o que se promete e o que se faz; - Entre o que se diz e o que se pensa ou sente. Razões para se dizer a verdade: - O respeito por mim e pelo outro; -A minha consciência acusa-me quando minto e isso faz-me sentir mal comigo mesmo; - A mentira coloca problemas à minha relação com os outros; - Habituar-me à mentira faz de mim uma pessoa em quem ninguém pode confiar.	Registo da expressão “Agir com verdade”, no quadro. Distribuição aleatória, de 3 sapos origami com mensagem no interior (frases respetivas aos conteúdos). Consolidação oral.	10m	Mensagens	Observação direta: - Qualidade da participação - Atenção
			Leitura do texto “É difícil ganhar coragem” (p.16). Exploração. Realização da ficha da pág.17 e correção oral.	15m	Manual	Observação direta: -Capacidade de interpretação e compreensão - Participação Observação Indireta: - Respostas no manual
			Proposta de síntese para a aula. Canção “Jesus está a passar por aqui”.	10m	Guitarra	Participação

Quadro 4 – Plano de Aula número quatro da Unidade Letiva 1

Síntese: A importância da verdade.

Enquanto preparava a aula nº4 refleti bastante sobre a anterior e as observações recebidas pelo professor Cooperante e colegas estagiárias. Assim, procurei responder à questão proposta pelo Professor Bento, o que queria eu com a presente aula?

Comecei por sentir que o conteúdo *O que é agir com verdade - Correspondência entre o que se diz e a realidade/ Entre o que se promete e o que se faz/ Entre o que se diz e o que se pensa ou se sente*; necessitava de maior exploração, pelo que deveria começar a aula por aí. Procurando suscitar interesse nos alunos, e ao mesmo tempo estabelecer uma ponte com a aula anterior, pensei utilizar sapos de papel coloridos [iguais no formato aos que haviam levado para trabalho de casa].

Pensei então nas sugestões do Professor Cooperante, ter uma informação escrita neles e ao desdobrar descobri-la, e, ao mesmo tempo, na sugestão da colega Elisabete, de apresentar visualmente aos alunos os conteúdos diretamente como constam do programa. Registei também, no manual, algumas «questões facilitadoras à exploração dos conteúdos», sugestão dada pelo Professor Cooperante na reunião anterior.

Assim, após a oração da manhã, distribuí aleatoriamente os sapos, com os conteúdos já acima referidos, para que os alunos que os tivessem, os desdobrassem e lessem aos restantes colegas da turma. Partindo daí realizou-se a exploração oral dos mesmos. Senti que nos faltava um local onde poder registar informações por escrito, e que na próxima aula teria mesmo de realizar um suporte, que poderia ser o diário que o próprio manual sugere, como forma de expressar o pensar e o sentir.

Após a leitura do texto *É difícil ganhar coragem*, do manual, senti nos alunos uma maior proximidade com o tema desenvolvido. Compreenderam a situação dos personagens [aluno vítima de bullying e colega com coragem de denunciar a situação]. Reconheceram de imediato a coragem necessária para se ser verdadeiro, identificando como corajoso o menino que denunciou, identificaram ainda a importância de seguir a *consciência*.

Demonstraram muito interesse e empenho, também na realização do exercício de exploração do texto, de verdadeiro e falso. O exercício tratava os conteúdos que pretendia desenvolver muito diretamente. No entanto acrescentei duas frases, no meu manual, para explorar oralmente também com eles. Como referiu o Professor Bento, na aula anterior, deveriam reconhecer que os primeiros prejudicados com mentira são eles mesmos, mas que poderiam também ter efeitos sobre o outro. Assim questionei os alunos sobre a veracidade da frase: *ser verdadeiro, o amigo do Luís demonstrou respeito por ele e por si*. O Luís era o personagem que sofria de bullying e o seu amigo o que denunciou a

situação]. Ao que responderam como verdadeiro. Também, no mesmo sentido, dado na reflexão da aula anterior, seria importante dar-lhes a questionar a relação entre a verdade e a confiança. E, de acordo com o texto identificaram, oralmente, como falsa a afirmação seguinte: *O amigo do Luís não é uma pessoa de confiança*. Este foi o personagem que deixou brilhar em si a luz da verdade. Que ouviu a sua consciência e teve coragem de agir. Penso que os alunos perceberam muito bem o pretendido, coerência entre o pensar, sentir e agir.

Após a realização da síntese, os alunos contaram com entusiasmo a canção “Jesus está a passar por aqui”. A canção foi escolhida pois estamos num momento em que começamos a perceber onde Se Revela, na consciência de cada um. A letra da canção mostra a possibilidade de renovação e a opção de seguir Jesus, fonte de alegria para todos. Alegria essa que Jesus deseja que atinjamos com as escolhas que livremente realizamos.

“Jesus está a passar por aqui,
Jesus está a passar por aqui.
Quando ele passa tudo se renova,
A tristeza vai, a alegria vem.
Quando passa tudo se renova,
A alegria vem,
Para mim, para ti também”.

e) Planificação e Lecionação da Aula 5, UL 1

PLANO DE AULA						
4º Ano	Unidade Letiva: Ser Verdadeiro		Aula n.º 5	Lição n.º 6		
Sumário: A consciência: encontro com Deus. O que é agir com verdade.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
			Acolhimento e sumário. Oração da manhã.	10m 5 m		
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	1. Aprender a ser verdadeiro	O que é agir com verdade - Correspondência entre o que se diz e a realidade; - Entre o que se promete e o que se faz; - Entre o que se diz e o que se pensa ou se sente;	Esquema de consolidação;	10m	Manual;	Observação direta: -Capacidade de interpretação e compreensão - Participação
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	2. Reconhecer a importância de escutar a consciência	Na sua consciência o cristão encontra-se com Deus, que reprovaa mentira e ama a verdade;	Elaboração de diário de EMRC -Leitura e exploração do texto da p.21. - Canção “Estou à tua porta a bater” (p.22.)	10m 10m	Manual; Guitarra; Folhas coloridas; Folhas brancas; Fita colorida	Observação direta: - Qualidade da participação - Atenção - Empenho - Concentração - Registo
			Marcação de TPC: Carta a Deus. Proposta de síntese para a aula.	5 m		Participação
Síntese: O caminho da verdade e o da mentira. O encontro com Deus através da escuta da consciência.						

Quadro 5 – Plano de Aula número cinco da Unidade Letiva 1

A quinta aula assistida decorreu no dia vinte e três de outubro. Senti necessidade de voltar ao conteúdo *O que é agir com verdade*, esquematizando-o no quadro e permitindo aos alunos uma visão mais clara e organizada. No decorrer desta esquematização, os alunos participaram muito assertivos nas suas intervenções.

Senti uma enorme satisfação em verificar que tinham já adquirido os objetivos propostos. Utilizaram com frequência os termos e conceitos anteriormente explorados. Comecei por desenhar um caminho com duas direções, reconheceram de imediato que um seria o da verdade, e o outro da mentira.

No final desenhei dois sinais, como destino final, identificaram a felicidade e a tristeza. Ao longo dos caminhos surgiam “estações”, como que as consequências que encontrariam em função do caminho escolhido. Nomearam para o caminho da mentira a desconfiança, o conflito, a solidão e para o caminho da verdade, a confiança, a paz, a amizade e o respeito.

Embora permitisse uma maior assimilação dos conteúdos, a estratégia prolongou-se mais que o tempo previsto na planificação. Tal deu origem a que tivesse de selecionar o que faria de seguida, não poderia cumprir com todas as atividades. Assim, entendi que o Diário de EMRC seria uma prioridade, por ser um meio de registo necessário.

Já tinha todo o material necessário, dentro de um grande cesto, que fui distribuindo de modo organizado, de forma a agilizar a tarefa. Demorou um pouco mais do que esperava, pois, alguns alunos, revelaram dificuldade em enfiar a fita e dar o laço no caderno. Poderia tê-lo levado pronto, mas julgo ser tanto mais significativo quanto mais na sua realização participarem. É uma idade em que estão sempre com desejo de produzir, de criar e de se surpreenderem com o que aprendem.

Aproximando-se o final da aula desafiei à realização, em casa, de uma carta para Deus, proposta do manual. Dei a indicação de que ao redigi-la deveriam procurar sentir-se em frente a Ele. E com o coração cheio de amor apresentar-lhe «a verdade que nos liberta do peso da consciência»¹⁶⁰. Poderiam manifestar os seus «desejos, receios, alegrias, tristezas e até malandrices»¹⁶¹. Dei a informação de que as deveriam entregar fechadas, depositando-as no envelope de EMRC, afixado ao fundo da sala, junto ao cartaz da vela da luz da verdade.

¹⁶⁰ M. REIS et al., *A luz da Vida*, Manual EMRC, 4ºano do Ensino Básico, SNEC, Lisboa, 2015, 20.

¹⁶¹ *Ibidem*.

Demonstraram ser uma turma muito interessada, participativa e respeitadora. Na altura da concretização de atividades mais práticas estiveram ligeiramente mais agitados, dado o entusiasmo. No entanto, assim que percebiam que precisava de dar alguma indicação ouviam atentamente, tal como quando decorreu a exploração de conteúdos. Foram dóceis e procuraram atenção, que infelizmente, como estávamos tão pouco tempo no colégio não lhes pudemos dedicar em maior quantidade. Sinto que se criaram laços, fizeram partilhas pessoais e demonstram atitudes de ternura.

f) Planificação e Lecionação da Aula 6, UL 1

PLANO DE AULA						
4º Ano	Unidade Letiva: Ser Verdadeiro		Aula n.º 6	Lição n.º 7		
Sumário: A verdade enquanto ato de coragem, expressão da liberdade e da consciência.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	2. Reconhecer a importância de escutar a consciência		Acolhimento e sumário. Oração da manhã.	10m 5 m		
		Assumir um erro é um ato de coragem	O Pedro e o Lobo: - Visualização de episódio; - Preenchimento de guião; - Exploração Oral.	5m	Filme Guião	Observação direta: -Capacidade de interpretação e compreensão - Participação Observação indireta: -Guião
		Dizer a verdade liberta-nos: - do peso da consciência; - do medo de ser descoberto; - da vergonha que vem de os outros já não acreditarem em nós.		10m		
		O que devemos fazer: - Não jurar; - Dizer «sim» apenas quando queremos concordar com algo porque é uma coisa/ação boa; - Dizer «não» quando não concordamos com alguma coisa/ação que não é boa, mas má ou prejudicial; - A Bíblia ensina a viver em verdade: Tg 5,12.	Reflexão sobre as próprias atitudes: - Manifestação, por gestos, contra ou a favor, perante a apresentação de determinadas frases ou imagens.	15m	Frases e imagens	Observação direta: - Qualidade da participação - Atenção - Empenho - Concentração - Registo
			Proposta de síntese para a aula.	5 m		Participação

Quadro 6 – Plano de Aula número seis da Unidade Letiva 1

A sexta aula assistida aconteceu no dia seis de novembro. Para a exploração dos conteúdos que pretendia desenvolver tinha planificado inicialmente a realização de uma dramatização, pelos alunos, sobre “S. Martinho”.

Com o aproximar da sua data de comemoração, pensei conseguir, através desta atividade, explorar o conteúdo *Assumir um erro é um ato de coragem*. No entanto, ao concretizar esta planificação inicial com uma das turmas de quarto ano a quem lecionava, verifiquei que a estratégia não conduzia facilmente ao conteúdo. Ou seja, os alunos participaram muito entusiasmados, compreenderam a Lenda de S. Martinho mas não conseguiam reconhecer nele nenhum erro.

Para mim, ao imaginar o seu desempenho enquanto soldado, com o recurso à violência e a armas seria já um erro. Depois com a sua mudança de vida, no gesto de partilha com o pobre, S. Martinho demonstraria um ato de coragem. No entanto os alunos deixaram-me a pensar, para eles Martinho apenas cumpria com o seu dever. Ao compreender que o essencial da mensagem de S. Martinho passa pela partilha, ajuda, atenção ao outro, solidariedade, e que os alunos o vêem de um modo muito positivo, não insisti no desvio para o lado do erro. É muito importante a imagem que representa para eles, este santo.

Assim, procurei uma estratégia que me pareceu mais eficaz para o pretendido. Sabendo que a aula tem a duração de cinquenta minutos, e que para os alunos o estímulo visual é importante, para diversificar, optei por projetar o episódio de dez minutos da história “Pedro e o lobo”.

Foi muito interessante verificar as expressões faciais que iam demonstrando ao longo a sua visualização. Por tratar-se de um personagem aparentemente de idade próxima às suas e apresentar uma certa malandrice, tornou-se próximo. Sublinho o momento no qual o Pedro percebe que a sua mentira sobre o lobo colocou em risco a vida do seu irmão bebé. Os alunos apresentaram um ar tão comprometido e ansioso. Julgo que nesse momento comprovaram que a mentira pode ter consequências para o outro, e por vezes graves.

Quando realizava a planificação pensei distribuir um pequeno guião para que fossem preenchendo ao longo da visualização, no entanto, verifiquei que estavam tão atentos para o início do filme que me pareceu que o que pretendia focar a atenção poderia correr o risco de se tornar meio de dispersão. Penso que foi uma boa decisão. O episódio era ativo e curto e a preocupação com o preenchimento poderia desviá-los do essencial.

O guião tem um espaço para preenchimento de título do filme e frases para colorir em espaço próprio com verde em caso de considerarem corretas ou a vermelho em caso contrário. No final foi colado nos diários de EMRC. Os alunos incorporaram muito bem os conteúdos pretendidos. Compreenderam que, para Pedro, assumir o erro, a mentira, foi um ato de coragem. Pedir desculpa à população por sempre ter mentido dizendo ter visto lobo demonstrou essa mesma coragem, pois assumiu ter ciúmes da atenção dada por todos ao seu irmão bebé.

Para a exploração dos conteúdos: *Dizer a verdade liberta-nos: do peso da consciência; do medo de ser descoberto; da vergonha que vem de os outros já não acreditarem em nós*, fui introduzindo cada um deles na exploração oral e relacionando-os com o personagem. Os alunos envolveram-se muitíssimo bem, participando sempre com muita coerência.

De seguida, para o desenvolvimento do conteúdo *Não jurar*, dei a indicação de que deveriam levantar o polegar em caso de concordarem com a frase que fosse apresentando, registada em folha A4. As frases eram as seguintes:

- *Dizer «sim» apenas quando queremos concordar com algo porque é uma coisa/ação boa;*
- *Dizer «não» quando não concordamos com alguma coisa/ação que não é boa, mas má ou prejudicial;*
- *A Bíblia ensina a viver em verdade: Tg 5,12.*

No final da aula, curiosa, questionei se alguém tinha feito a “carta a Deus”, pelo que recebi resposta positiva de apenas três alunos. Fiquei muito dececionada, e até um pouco triste, sendo que já em propostas anteriores verifiquei pouca adesão. Disse-lhes então que poderiam trazer até à aula seguinte, tentando motivá-los e relembrando o que era pedido. Com o sucedido, acabei por me esquecer da realização da síntese.

g) Planificação e Lecionação da Aula 7, UL 1

PLANO DE AULA						
4º Ano	Unidade Letiva: Ser Verdadeiro			Aula n.º 7	Lição n.º 8	
Sumário: Consolidação dos conteúdos, da Unidade Letiva <i>Ser Verdadeiro</i> , a partir do conto A Semente da Verdade”.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano			Acolhimento e sumário. Oração da manhã. Canção “ <i>Como estão todos?</i> ”	15m	Guitarra	
	1. Aprender a ser verdadeiro	O que é agir com verdade - Correspondência entre o que se diz e a realidade; - Entre o que se diz e o que se pensa ou se sente; Razões para se dizer a verdade: - O respeito por mim e pelo outro; - A minha consciência acusa-me quando minto e isso faz-me sentir mal comigo mesmo; - A mentira coloca problemas à minha relação com os outros;	“A Semente da Verdade”: - Leitura do conto, (animação sonora pelos alunos); - Consolidação de conteúdos, a partir da exploração de frases distribuídas aos alunos. - Sementeira em vasos. Reflexão.	10m <		

Quadro 7 – Plano de Aula número sete da Unidade Letiva 1

A sétima aula assistida realizou-se no dia treze de novembro. Para observar a presente aula estava também presente o Professor Orientador, da Faculdade de Teologia, Juan Ambrósio.

Quando preparava a respetiva aula hesitei, pretendia que com ela pudesse promover que os alunos demonstrassem, com certo grau de autonomia, articular conteúdos retidos no decorrer da unidade. Esta seria a «aula conclusiva da unidade», tal como referiu o Professor Bento na reunião anterior. Assim, desejava que fosse também muito significativa para eles e ao mesmo tempo se tornasse realmente uma oportunidade de consolidação. A hesitação deveu-se à dúvida sobre colocar todos os conteúdos da unidade numa mesma planificação. Sendo que todos foram explorados eu pretendia proporcionar um apanhado geral.

Refleti bastante, e ao constatar que a planificação ficaria demasiado densa incluindo tudo, optei por selecionar os conteúdos que me pareceram possibilitar aos alunos uma maior manifestação de conhecimentos, esses facilmente se cruzariam com os não registados no plano. Assim preparei a aula com intuito de explorar os conteúdos *O que é agir com verdade, Razões para se dizer a verdade, Dizer a verdade liberta-nos e Assumir um erro é um ato de coragem*. Para tal pensei que a melhor estratégia seria, um conto. É algo que lhes é significativo, na medida em que se reconhecem nas atitudes dos personagens. Selecionei então um conto oriental, 'A semente da verdade'. A turma poderia recordar também a atividade quando explorasse a unidade crescer na diversidade.

A mensagem do conto é muito forte, boa para desenvolver os conteúdos, no entanto eu pretendia também que se sentissem participantes dele. Para tal lembrei-me de selecionar algumas das ações do texto e criar mímica para as mesmas antes de o ler. Assim, enquanto eu lia estariam atentos para agir perante a audição das palavras: correram (batiam com as mãos nos joelhos), cheirar (cheiravam), escutem (colocavam a mão junto à orelha), olhem (colocavam a mão estendida sobre o olho, como que procurando avistar o horizonte), feliz (sorriam), envergonhado (encolhiam-se), nervoso (tremiam), sorriso (sorriam), lágrimas (fingiam chorar).

Os alunos participaram com empenho na atividade, demonstrando vontade de a voltar a fazer, no entanto receei que o tempo não viesse a ser suficiente. Então prossegui com a exploração do conto. Para tal distribuí aos alunos frases incompletas, as quais teriam de completar. Cada frase continha um número e apenas os números iguais deveriam participar na resposta oral à mesma. Assim, proporcionaria que todos os alunos pudessem participar. É diferente ter uma pergunta para 25 alunos responderem ou

divididas por grupos menores. Pretendia que mesmo os mais tímidos se sentissem mais à vontade para o fazer, sendo que os que costumam participar mais estariam confinados ao seu número. A minha intenção penso que era boa, no entanto, com o decorrer da atividade, acabei por permitir que participassem meninos cujo número não correspondia à questão a ser debatida. A estratégia da exploração das afirmações, referentes ao conto, resultou muito bem pois os alunos iam tocando em todos os conteúdos previstos quase que autonomamente. As frases foram coladas no diário da disciplina. Fiquei muito satisfeita com a avaliação que pude fazer da unidade.

De seguida, a atividade de semear feijões em pequenos vasos, procurou ser uma forma de os inspirar ao desejo de um crescimento, da *semente da verdade*, em si mesmos. Semente essa que necessita de cuidados, para que melhor se possa desenvolver. Preparei cuidadosamente todo o material necessário de modo a, por um lado motivar visualmente os alunos para a realização da atividade e por outro agilizar a tarefa. Optei por ter sido eu a regar as sementes com receio de imprevistos, pois são muitos alunos, no entanto penso que teria sido mais significativo se tivessem sido eles a fazê-lo.

Na conclusão da atividade um dos alunos questionou sobre a melhor forma de cuidar da semente, o que promoveu um diálogo aberto à turma sobre as vivências pessoais dos alunos, práticas de jardinagem e ou agricultura em família e amigos. Após a síntese da aula concluí recordando a importância da *luz da vida*, essencial ao desenvolvimento da semente e da semente em nós apontando para o cartaz em formato de vela, afixado na parede, temática com a qual demos início à nossa unidade de trabalho. Como ainda dispunha de algum tempo voltei a questionar quem tinha feito a ‘carta a Deus’, [trabalho de casa], e para motivar à sua realização, coleí uma estrelinha dourada aos alunos que a tinham entregue. Hesitei em fazê-lo, com pena dos que não a receberam, mas esperei que resultasse em motivação.

Para concluir em ambiente de alegria, entoámos novamente, com viola e gestos a canção de cumprimento [piscam o olho, dão um aperto de mão, trocam olhares]. E, como já a interiorizaram, demonstram sempre muita alegria ao fazê-lo. Foi para mim muito importante o decorrer da unidade letiva, as indicações que fui recebendo, a alegria com que fui sendo recebida pelos alunos e também pela Professora titular, a Irmã Conceição.

Este foi o dia do seu aniversário e não podia deixar de iniciar a aula cantando-lhe os parabéns, acompanhada pela turma, Professor Juan, Professor Bento e colegas Manuela, Noémia e Elisabete. Apesar da minha desafinação um pouco nervosa, julgo que a Irmã reconheceu a intenção.

3.2. Reflexão crítica à Unidade Letiva Ser Verdadeiro

No presente ponto desta dissertação iremos refletir sobre a importância da UL ‘Ser Verdadeiro’, enriquecendo-o com a minha experiência enquanto docente de EMRC.

De acordo com a Conferência Episcopal Portuguesa, a disciplina de EMRC apresenta-se como um valioso contributo para a formação da personalidade de crianças e jovens, uma vez que pretende conduzir o aluno ao seu desenvolvimento integral, de forma harmoniosa. Torna-se fundamental, sobretudo, numa altura em que se verifica uma mutação nas sociedades, fruto das mudanças sociais, que assistimos diariamente, tanto no seio familiar ou escolar. A este propósito diz-nos a Conferência Episcopal que

«na sociedade e na escola uma crescente necessidade de valores hierarquizados, que pautem a vida, e uma procura de transcendência e de religiosidade, sem os quais a vida perde horizontes, confina-se ao imediatismo das situações quotidianas, torna-se efémera e conduz a uma sociedade vazia de sentido»¹⁶².

Assim, a disciplina, procura despertar aos alunos uma especial sensibilidade para a reflexão sobre questões próprias do ser humano, questões morais, bem como contribuir para uma reflexão aprofundada sobre as interrogações acerca do sentido da vida. Esta questão de sentido é, como pudemos verificar no capítulo 1 deste estudo, procurada pelo homem, desde os mais remotos tempos.

Tal como enunciava João Paulo II, é no mais íntimo do coração que o ser humano sentirá sempre a necessidade e a inquietação de buscar e de conhecer cada vez mais. Então, é perante as suas dúvidas e inquietações, que este encontra a única resposta que o tranquiliza, Cristo «o caminho, a verdade e a vida» (*Jo* 14, 6).

¹⁶² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 5, Fátima, 2006, acedido a 15/05/2020, disponível em «<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>».

De acordo com a Conferência Episcopal Portuguesa, acerca da disciplina de EMRC,

«ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e mostra que o Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta, cuja fecundidade inexaurível se manifesta nos valores de fé e de humanidade»¹⁶³.

Encontramos aqui uma ideia chave; toda a pessoa tem em si mesma a dimensão religiosa e que sem ela não poderá existir educação integral. Podemos dizer que, «a educação é o percurso da personalização e não apenas da socialização e da formação para a cidadania»¹⁶⁴, sendo que o desejável possa contemplar uma educação autêntica, logo, integral da pessoa, que possa «formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade»¹⁶⁵.

No que concerne aos valores morais, estes, quando entendidos à luz da fé e do testemunho vivo da pessoa de Jesus, transformam-se num sentido orientador de uma vida plena, numa orientação para uma vida plena. O programa da disciplina de EMRC encontra-se todo ele norteado pela moral e valores humanos. Nele se explora o

«agir ético e moral a partir de uma matriz específica, tornando possível que, ao configurar-se a plenitude do humano se esteja, em simultâneo, a configurá-lo com Cristo, pois não há plenitude em Deus contra a plenitude humana, nem o contrário. A plenitude em Deus terá de ser a máxima realização do humano»¹⁶⁶.

Assim, e de acordo com a Pastoral Catequética, encontra-se, entre as finalidades da disciplina de EMRC, a necessidade de ajudar os alunos a «apreender o fundamento religioso da moral cristã»¹⁶⁷.

¹⁶³ *Ibidem.*

¹⁶⁴ *Ibidem.*

¹⁶⁵ *Ibidem.*

¹⁶⁶ C. CARVALHO et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014, 4.

¹⁶⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética*, nº5, Lisboa, 2005, 11.

Ver e interpretar o mundo à luz da fé, permite aos alunos questionarem-se sobre atitudes perante si mesmos e perante os outros, bem como refletir nos valores morais e seus fundamentos.

Como o próprio nome indica, a Unidade Letiva 'Ser Verdadeiro', transporta-nos a uma reflexão do próprio ser, em relação com a verdade.

Recordamos as palavras de Papa Francisco acerca da verdade: «Lembrar esta ligação da fé com a verdade é hoje mais necessário do que nunca, precisamente por causa da crise da verdade em que vivemos» (LF 25).

A sociedade atual encontra-se em permanente transformação nos vários domínios sociais e nunca as crianças tiveram tanta facilidade de acesso à informação como hoje. Se por um lado é um fator muito importante para o desenvolvimento pessoal e intelectual, por outro lado, é um mundo aberto à possibilidade de encontrar falsas verdades seja através das redes sociais, televisão ou jornais.

É também aqui que a presente UL pode fazer a diferença na formação das crianças, ajudando a refletir e destringir o bem do mal. Como vimos no primeiro capítulo da dissertação, Papa João Paulo II reconhece a verdade como a escolha pelo caminho do bem.

A disciplina de EMRC faz uma abordagem à temática da verdade ao longo dos conteúdos de todos os ciclos de aprendizagem, no entanto, é no 4ºano, do 1ºCiclo do Ensino Básico, com a UL *Ser Verdadeiro*, que a problemática é mais aprofundada. Podemos dizer que esta pretende apresentar aos alunos aquela que é, segundo o Papa Francisco, 'a verdade grande' e que nos dias que correm «é vista com suspeita» (LF 25).

A Unidade letiva 'Ser Verdadeiro' assume um papel fundamental na educação e concretamente para o nosso estudo, é importante referir que a temática está muito bem enquadrada na faixa etária do 4º ano uma vez que é nesta idade que as crianças começam a refletir com mais consciência sobre tudo o que os rodeia. Segundo Cristina Sá Carvalho, é nesta fase que adquirem

«o equilíbrio e a estabilidade entre o mundo interior e o fluxo de acontecimentos exteriores é uma característica marcante, que as diferencia claramente das crianças mais pequenas, [...] vão progredindo dia-a-dia na organização do seu pensamento»¹⁶⁸.

¹⁶⁸ C. CARVALHO, *Tens Palavras de Vida Eterna*, Catecismo 4, Guia do Catequista, Secretariado Nacional do Ensino Religioso, 16-17.

O ser verdadeiro, age de acordo com a verdade, pauta a sua existência numa busca constante da verdade. Recordemos Santo Agostinho, exemplo claro dessa busca, «Ó verdade, verdade! Quão intimamente a medula da minha alma suspirava por ti»¹⁶⁹. Para o autor a verdade está em Jesus Cristo, que, encarnando, se tornou mediador ao homem da vontade de Deus. Vontade essa que, cumprida por palavras e ações, possibilita a verdadeira felicidade, fim último para o qual fora criado o ser humano.

Neste sentido, a UL procura conduzir a um itinerário de reflexão baseada no agir humano e naquela que será a sua ação na relação com Deus, consigo mesmo e com o outro, baseada na verdade. Tenciona despertar nos alunos o desejo de conduzir a uma vida fundada nessa mesma verdade.

Assim, podemos dizer que esta UL estabelece uma ponte pedagógica com a verdade, apresentando exemplos concretos de como devemos agir, proporcionando a partir dos conteúdos propostos, um aprofundamento pedagógico acerca do valor da verdade e da sua fundamentação existencial.

Refletir acerca da verdade com as crianças, é dar-lhes ferramentas para que possam fazer as suas escolhas no caminho do bem e da retidão, compreendendo porque devem ser verdadeiras e de que forma viver em verdade é um bem.

Papa João Paulo II salienta que nenhum homem pode eliminar do seu coração a luz de Deus e a inquietação da sua presença, assim a disciplina de EMRC procura que se «cative as crianças e outros agentes nela envolvidos para a radicalidade e a beleza da mensagem cristã, tal como é anunciada por Jesus Cristo, nomeadamente nos Evangelhos»¹⁷⁰.

O 4ºano de escolaridade é uma fase transitória de ciclo, na qual os alunos se preparam para vivenciar grandes alterações pessoais e sociais. E perante o seu contexto de vida começam já, com um grau um pouco maior de autonomia a delinear o seu percurso individual.

«É a etapa do nascimento da autonomia, fundada na cooperação entre iguais. Por isso, a sua maturidade moral resulta mais da resolução dos problemas surgidos no grupo de amigos do que da doutrinação dos adultos e conduz à descoberta do sentido moral das normas. O

¹⁶⁹ AGOSTINHO DE HIPONA, *A mentira, Contra a mentira*, Paulinas Editora, Pior Velho, 2018, 10.

¹⁷⁰ C. CARVALHO, *Tens Palavras de Vida Eterna*, 17.

que mais satisfaz estas crianças é sentirem-se donas de si mesmas: não aceitam passivamente as regras que vêm de fora, e a obediência é consentida, aceite quando se compreendem as exigências de um adulto que as explicou»¹⁷¹.

Em contexto educativo procura-se preparar as crianças, através de exemplos sólidos para que perante a necessidade de escolhas, recordem o fundamento dos diferentes valores morais. Perspetiva-se, assim, um maior potenciamento da sua compreensão desses valores, onde se deve incluir o da verdade.

Deste modo, a UL 'Ser Verdadeiro', procura ver trabalhados conteúdos fundamentais que traduzam à compreensão da importância também do valor da verdade.

Recordemos Bento XVI, que associa a verdade a um outro valor, a caridade, referindo que o ser humano experimenta a manifestação de amor eterno e verdade absoluta através da caridade. O Papa considera que «a caridade dá verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo» (CV 2). Assim, a caridade é, por Bento XVI, entendida tanto como meio de atingir a verdade como de a testemunhar.

Esta noção de caridade, como forma de testemunhar a verdade de Jesus Cristo, através do bem ao outro, é um grande desafio para as crianças, uma vez que nesta fase da vida, o ajudar o próximo se vai tornando mais presente. Segundo o Catecismo da Igreja:

«Desenvolve-se o sentido dos valores humanos e o gosto de ajudar o próximo. Podem acolher estímulos concretos face a respostas generosas ao chamamento de Deus, quase sempre através da presença e testemunho dos educadores»¹⁷².

A disciplina de EMRC espera ser anúncio dessa verdade, e despertar aos alunos o desejo de segui-la, através da ação. Como podemos verificar o Programa da disciplina estabelece duas grandes metas para o aprofundamento da UL: «M. Reconhecer a proposta do agir ético e cristão em situações vitais do quotidiano, e a segunda, B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história»¹⁷³. Ambas de acordo com os princípios orientadores da Educação Moral e Religiosa Católica, para uma educação integral:

¹⁷¹ *Ibidem*, 19.

¹⁷² *Ibidem*, 20.

¹⁷³ C. CARVALHO et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, 43.

«Além de enriquecer a cultura dos alunos, a Educação Moral e Religiosa Católica, ajuda-nos a encontrar uma resposta às interrogações fundamentais que surgem na pessoa humana [...]: qual é o sentido da vida, quais são as leis morais da consciência e da sociedade, quais são os verdadeiros valores?»¹⁷⁴.

Nas metas apresentadas exploram-se respetivamente os objetivos «1. Aprender a ser verdadeiro e 2. Reconhecer a importância de escutar a consciência»¹⁷⁵. São dois objetivos que se completam, pois só se aprende a ser verdadeiro na medida em que se está atento e disponível para escutar verdadeiramente a consciência. Pretende-se, deste modo, aprofundar com os alunos, primeiramente, o que é agir em verdade para, posteriormente, compreender que sempre que se verifique a correspondência entre o que se diz e factos que realmente aconteceram estarão perante a verdade.

É imprescindível reconhecer que a verdade se torna visível sempre que se cumpre com o prometido e se diz o que se pensa ou sente. E, finalmente, constatar que a verdade está presente no seu coração e é possível ouvi-la através da consciência.

Na perspetiva cristã, é aí que as crianças descobrem Deus e a Sua proposta a cada um. Uma proposta que ambiciona o bem e a felicidade verdadeira.

Os alunos encontram relação entre as vezes que transgrediram à verdade com as consequências a que a sua escolha em liberdade os conduziu. Santo Agostinho, conforme vimos no capítulo anterior, atribui à liberdade do homem, através do livre arbítrio, a possibilidade de decisões erradas e da opção pela mentira. Considera a liberdade como um bem que possibilita ao homem diferentes escolhas. A decisão tomada pelo próprio, essa sim, pode seguir o mal e não o bem, afastando assim o homem de Deus e de si mesmo.

Acrescentamos ao nosso estudo, a este propósito, o que nos diz o Catecismo da Igreja, sobre esta fase do desenvolvimento da criança:

«Como vão adquirindo uma noção menos pueril de Deus, também aumenta o seu sentido de responsabilidade perante Ele. Aceitam com mais facilidade os imperativos morais que provêm directamente de Deus do que dos pais ou educadores, e adquirem um sentido de

¹⁷⁴ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Organização Curricular e Programas, 1º Ciclo do Ensino Básico*, Departamento da Educação Básica, 3ª edição, Mem Martins, 2001, 199.

¹⁷⁵ C. CARVALHO et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 43.

remuneração pela boa acção e da necessidade de uma sanção justa e educativa perante a transgressão [perspectiva utilitária da moral]»¹⁷⁶.

É esta então uma altura ideal para se aprofundar, com as crianças, a Palavra, que como vimos no capítulo anterior, com J. GNILKA: «A opção diante da palavra da revelação divina é de tal importância que, com a aceitação ou rejeição da fé, o homem decide, ao mesmo tempo, o próprio ser»¹⁷⁷.

Neste sentido, a Sagrada Escritura, apresenta o exemplo e a conduta de Jesus, dos seus gestos e palavras, ajuda os alunos a sentirem-se convocados a segui-lo e a tê-lo presente no seu íntimo.

Ao reconhecerem a entrega de Jesus por todos nós, em defesa da verdade única, questionam que se fossem eles, certamente, seria mais fácil voltar atrás com toda a doutrina a fim de se libertarem da morte física e dolorosa. Esta comparação fá-los perceber que se Jesus o tivesse feito a sua vida na terra não teria sentido. A Sua opção de assumir a verdade até ao fim, sabendo as consequências, destaca o valor da Sua mensagem, do anúncio da verdade do Pai, dos valores morais da bondade, da justiça, da tolerância do perdão.

Como refere Cristina Sá Carvalho:

«Alguns autores designam esta etapa de desenvolvimento religioso como a Fase da Atributividade, pelo desejo activo de saber “coisas” sobre a fé, Deus, Jesus e a Igreja, que as crianças manifestam. Como a sua capacidade de interiorização cresce, o seu pensamento é mais organizado e a memória mais poderosa, vão descobrindo os atributos mais subjectivos de Deus: bondade, força, justiça... Entendem melhor o sentido da paternidade divina e que Deus se começa a situar na história, Cristo se vai configurando como pessoa histórica e a compreensão da sua função salvadora desenvolve-se»¹⁷⁸.

A autora destaca também o facto de, nesta idade, as crianças conseguirem entender muitos conceitos bíblicos, nomeadamente «quando lhes são explicados no quadro de referência das suas experiências quotidianas: a vida familiar e a vida na escola»¹⁷⁹.

¹⁷⁶ C. CARVALHO, *Tens Palavras de Vida Eterna*, 20.

¹⁷⁷ J. GNILKA, “A Verdade”, 416.

¹⁷⁸ C. CARVALHO, *Tens Palavras de Vida Eterna*, 21.

¹⁷⁹ *Ibidem*.

Assim, ao identificarem situações concretas das suas vivências reconhecem igualmente os efeitos práticos perante o uso ou falta da verdade.

De acordo com Cristina Sá Carvalho,

«o seu pensamento tem limitações muito objectivas e a sua inteligência é prática: pensam de forma literal, específica, têm dificuldade em entender símbolos, generalizações e abstracções e não são capazes de estabelecer facilmente relações entre ideias»¹⁸⁰.

Salienta ainda que encontrando-se as crianças, na «idade de ouro da memória» esta deve compensar essa limitação a nível simbólico ou abstrato. E assim, tendo o professor conhecimento das características de desenvolvimento dos seus alunos, neste caso sabe que terá de prever explicações num âmbito mais prático, proporcionando exemplos que lhes sejam mais próximos e fáceis de reconhecer.

Encontramos no manual do 4ºano uma grande ferramenta pedagógica, uma vez que apresenta várias atividades interessantes para a exploração da temática da verdade, por um lado a partir da exploração de texto bíblico, por outro com a abordagem de histórias infantis que relatam acontecimentos semelhantes às vivências dos alunos.

Salienta-se que «o conhecimento religioso enriquece-se com base no vocabulário e nos textos memorizados»¹⁸¹. Os alunos irão lembrar o texto que ouvem em sala de aula, perante as situações com que forem confrontados no seu dia a dia.

Para exemplificar, vamos relacionar dois conteúdos, referentes ao objetivo *Reconhecer a importância de escutar a consciência*: - Dizer «sim» apenas quando queremos concordar com algo porque é uma coisa/ação boa; - Dizer «não» quando não concordamos com alguma coisa/ação que não é boa, mas má ou prejudicial. Para estas crianças, a Palavra de Jesus é fundamental. Reconhecem uma autoridade extraordinária em Jesus, entendido o seu testemunho de vida. Para a exploração dos conteúdos apresentados anteriormente, o manual apresenta a seguinte passagem bíblica: «Sobretudo irmãos, não façam juramentos, nem pelo Céu, nem pela Terra, nem por coisa nenhuma. Digam «sim», quando for sim, e «não», quando for não (Tg, 5, 12).

Os alunos logo se apressam a recordar as inúmeras vezes que se viram obrigados, por amigos, a jurar que determinada coisa é verdade, «jurar pela mãe», «jurar por Deus».

¹⁸⁰ *Ibidem*, 17.

¹⁸¹ *Ibidem*, 21.

E conseguem perceber que se a sua conduta, a sua atitude for constantemente verdadeira não terão essa necessidade. Até reconhecem que, muitas vezes, «quem mais jura mais mente», ou seja, mais necessidade tem de jurar para acentuar o facto de essa vez estar realmente a dizer a verdade.

O outro exemplo da Sagrada Escritura, proposto para explorar em aula, ainda sobre a importância de escutar a consciência é: «Senhor, tu observas-me e conheces-me. Sabes quando me deito e quando me levanto. Conheces à distância o meu pensamento...» (Salmo 139, 1-2). Ao ouvirem estas palavras, parece-me que as crianças confiam de tal forma que chegam a temer essa verdade. Recordam ocasiões em que, segundo eles, foram mais injustos, ou menos verdadeiros com alguém, e receiam que Jesus tivesse assistido.

Mas, entretanto, reconhecem essa presença amiga e a sua importância nos bons e momentos, tal como nos mais difíceis que possam ter vivido. Desta forma, compreendem, que Jesus está tão próximo que chega a morar no coração de cada um. Outra mensagem que o manual procura transmitir é: *Deus conhece-te de verdade*: «Deus conhece o nosso coração e ajuda-nos a ser verdadeiros porque só no Seu amor conseguimos dizer a verdade que nos liberta do peso da consciência, do medo de ser descobertos e ajuda-nos a ser autênticos, nós mesmos»¹⁸².

Nessa certeza de que Deus os conhece encontram situações, que viveram, em se aperceberam desta sensação de peso de consciência.

A UL Ser Verdadeiro, também ela reforça a importância de viver comprometidos com valores morais. Assim, podemos dizer que nos ajuda a transmitir às crianças a importância da verdade, que está associada à dignidade, ao respeito entre todos e à noção de consciência. Este é, como verificámos no estudo realizado no capítulo I desta nossa dissertação, o lugar no íntimo do ser humano onde Deus se manifesta. A consciência é o espaço onde se encontra em mim, a abertura ao divino que continuamente se propõe. E, se perante as propostas que recebo resolvo abafar essa voz, «A minha consciência acusa-me quando minto e isso faz-me sentir mal comigo mesmo»¹⁸³.

O manual apresenta também diversas pequenas histórias, de meninos em idades semelhantes às destes, e que experimentam acontecimentos semelhantes aos que também eles podem viver. Destaquemos duas situações com as quais mais se identificam: a primeira, sobre o conteúdo: *Assumir um erro é um ato de coragem*, em que um menino

¹⁸² M. REIS et al., *A luz da Vida*, Manual EMRC, 4ºano do Ensino Básico, SNEC, Lisboa, 2015, 20.

¹⁸³ C. CARVALHO et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 43.

se apercebe que um colega sofre de agressões físicas e psicológicas, por parte de um grupo de colegas mais velhos, e necessitou ganhar coragem para denunciar esta verdade aos adultos. A outra história, com a qual se identificam imenso, pois é algo que lhes é particularmente especial, relata a situação de um menino, que estando numa festa de aniversário, contraria a indicação dos pais do aniversariante e vai ao quarto em segredo para ver melhor o tablet que o amigo recebera. Com a ansiedade de poder ser apanhado deixa-o cair, partindo o ecrã em pedaços. Os alunos ficam tão atentos, parece que lhes está a acontecer realmente a situação. Uns partilham que já lhes aconteceu com aparelhos dos irmãos e que com o dinheiro do mealheiro compraram outro para o substituir. Perante a questão sobre o que fariam no lugar do menino da história, os alunos demonstram diversas posições. Uns assumiam e pediam desculpa, outros fechavam-se na casa de banho até que chegasse a mãe para ajudar a resolver o problema, outros há que não tinham coragem de assumir, pelo menos naquele dia...

Podemos concluir que o uso de contos e histórias com situações semelhantes às que vivenciam, transmitem os conteúdos aos alunos de uma forma pedagógica mais aliciante.

Apelando a partilhas de vivências experienciadas pelos alunos, a unidade, vai se tornando mais significativa e entendida como útil ao desenvolvimento pessoal e comunitário de todos. Os alunos podem assim constatar: «a mentira coloca problemas à minha relação com os outros»¹⁸⁴.

A confiança é fundamental no relacionamento entre os seres humanos, ao dizer a mentira, estamos a abrir espaço à desconfiança. Relembremos também um conto *O Pedro e o Lobo*, que gosto particularmente de explorar nesta unidade, pois considero muito eficaz, dado que se reconhecem as consequências que, aparentemente não seriam graves mas que se chegam a tornar perigosas. A possibilidade de visualização desta história favorece um momento de aprendizagem para a vida.

Os alunos conseguem perceber também, com esta estratégia, a dificuldade que poderão ter em recuperar a confiança de alguém se lhe mentirem, ou seja, «habituar-me à mentira faz de mim uma pessoa em quem ninguém pode confiar»¹⁸⁵. Adquirem a noção de que uma mentira pode não ter aparentemente importância, não se sabe se resultará em consequências graves para si ou para outrem. Reconhecem igualmente que, muitas vezes,

¹⁸⁴ C. CARVALHO et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 43.

¹⁸⁵ *Ibidem*.

«assumir um erro é um ato de coragem»¹⁸⁶, que quando conseguido nos liberta e torna justos.

O manual propõe muitíssimo bem também o tema *Deus conhece-te de verdade*, pois explora o que é no fundo agir com verdade e leva a uma mais profunda compreensão das razões para fazê-lo. Propõe que os alunos escrevam uma carta a Deus, abrindo, em verdade, o seu coração. Esta atividade aproxima, fortalece ou até, cria a relação com Jesus, o Pai.

Nesta altura já os alunos adquiriram noções como verdade, mentira, coerência, confiança, consciência. Preparam-se para aprofundar então de uma forma mais consistente o valor cristão da Verdade. Espera-se que reconheçam que:

«Deus conhece o nosso coração e ajuda-nos a ser verdadeiros porque só no Seu amor conseguimos dizer a verdade que nos liberta do peso da consciência, do medo de sermos descobertos e ajuda-nos a sermos autênticos, nós mesmos¹⁸⁷».

O aluno deve reconhecer que para ser feliz precisa de se sentir livre e, dentro do possível, esclarecido. As respostas às suas questões mais complexas devem ser sinal de uma busca de sentido, em que se torna fundamental uma base nos valores adquiridos.

«De facto, há em todo o ser humano uma exigência de liberdade, uma constante procura de sentido que não é possível satisfazer plenamente sem o recurso aos valores religiosos»¹⁸⁸.

A UL ajuda os alunos a assimilar o conceito ser verdadeiro e espera que ao serem diariamente confrontados com decisões de vida, tenham presente os valores que lhes são transmitidos através do testemunho cristão. Através da compreensão de um conjunto de conteúdos conseguem melhor compreender de que forma se pode realmente *ser verdadeiro*.

Destaquemos ainda o título do manual, *A Luz da Vida*. Recordando o estudo do capítulo I da dissertação em que esta luz, é em diversos autores, o próprio Jesus Cristo. Papa Francisco vê Nele a luz grande, a Verdade grande. Conclui que muitas vezes o homem substitui esta por luzes que iluminam somente por breves instantes, e que torna impossível guiar o caminho distinguindo o bem do mal.

¹⁸⁶ *Ibidem*.

¹⁸⁷ M. REIS et al., *A luz da Vida*, 20.

¹⁸⁸ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Organização Curricular e Programas*, 199.

Nesta perspetiva, pretende-se que os alunos compreendam a importância desta luz. Uma luz que permite iluminar as decisões individuais, tornando tudo mais claro e conduzindo à luz da verdade:

«Deixa brilhar essa luz tão intensa que conservas no teu coração! Que ela inunde todos os espaços e que em tua casa, na escola, na tua rua, na cidade onde moras, ela encha de sentido a vida de todas as pessoas!»¹⁸⁹

É um convite que pretende que, conscientes da presença desta luz de Cristo, os alunos possam igualmente transmiti-la, nas suas ações, no seu quotidiano. Assim, procura-se que cada aluno consiga: «situar-se, livremente, e com conhecimento de causa, em relação à questão de Deus e de Jesus Cristo, com todas as consequências comportamentais, individuais e comunitárias»¹⁹⁰.

Conforme referido no Programa Referencial do 1º Ciclo do Ensino Recorrente:

«O homem não é apenas o produto da maturação do seu organismo ou produto simples das suas experiências pessoais. Cada um de nós é o que é devido a um processo natural, espontâneo e permanente, de socialização»¹⁹¹.

Sobretudo, a UL “Ser Verdadeiro” procura despertar nos alunos, mais que uma responsabilidade social e comunitária, uma experiência de vida à luz dos valores evangélicos. Deste modo:

«A proposta integral e autêntica da mensagem de salvação, anunciada por Jesus Cristo, segundo as exigências e as capacidades dos alunos, é um serviço que a escola presta às novas gerações e que muito contribui para o crescimento civil da nossa sociedade»¹⁹².

Recordemos ainda que é uma oferta formativa para todos, de grande alcance cultural, «oferecida a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças

¹⁸⁹ M. REIS, et al., *A luz da Vida*, 6.

¹⁹⁰ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Organização Curricular e Programas, 201.

¹⁹¹ *Ibidem*.

¹⁹² *Ibidem*, 200.

e opções religiosas: com fé católica ou outra, em situação de procura, indiferentes ou descrentes»¹⁹³.

Independentemente das crenças individuais dos alunos, a unidade de trabalho deve decorrer sempre numa relação de respeito mútuo, entre alunos e professor, onde cada um terá o espaço para dar o melhor de si em prol de um em comum.

Procura-se que a UL seja transmitida em três fases: «reflexão e partilha sobre a experiência humana; aprofundamento teórico, com base na Sagrada Escritura, na tradição cristã e nos dados das ciências; síntese e prática de vida»¹⁹⁴.

Ao sentirem estas motivações, os alunos levam-nas às suas famílias, o que, poderá despertar ao desejo de aproximação à Igreja e aos sacramentos.

¹⁹³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Fátima, 2006, acedido a 15/05/2020, disponível em «<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>».

¹⁹⁴ *Ibidem*.

CAPÍTULO III

VERDADE ENQUANTO PROPOSTA PEDAGÓGICA

A JOGAR TAMBÉM SE APRENDE EMRC

O presente capítulo desta dissertação procura destacar a relevância da UL 'Ser verdadeiro', a partir da perspectiva de EMRC, e demonstrar como um jogo se pode tornar eficaz na sua exploração.

A temática da verdade é também abordada, frequentemente, pelos professores do 1º ciclo com os seus alunos.

Como podemos verificar, o próprio programa geral do Ensino Básico, apresenta nos seus objetivos, pontos relacionados com o desenvolvimento das crianças, que aludem como iremos verificar, ao sentido moral, a valores de solidariedade, à promoção de uma liberdade de consciência e à noção de uma educação cívica e moral.

Assim, dentro daqueles que são os objetivos gerais, apresentados pelo Ministério da Educação, a disciplina de EMRC apresenta propostas educacionais partindo da ótica cristã. Considerando a formação ao nível da dimensão pessoal do aluno, o Sistema Educativo aponta como necessário:

«Promover a criação de situações que favoreçam o conhecimento de si próprio e um relacionamento positivo com os outros no apreço pelos valores da justiça, da verdade e da solidariedade»¹⁹⁵.

Em concreto nesta dissertação, procuraremos apresentar uma proposta de a disciplina de EMRC trabalhar esses mesmos valores enquanto valores cristãos, particularmente o valor da verdade. Pretendemos demonstrar que, partindo de uma proposta educacional geral, a verdade pode ser trabalhada enquanto valor cristão.

¹⁹⁵ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Organização Curricular e Programas*, 13.

Para melhor transmitir os diversos conteúdos programáticos, torna-se necessário compreender as características de desenvolvimento da criança:

«As aprendizagens constroem-se significativamente quando estiverem adaptadas ao processo de desenvolvimento de cada criança. Só assim o percurso escolar poderá conduzir a novas e estáveis aprendizagens»¹⁹⁶.

Em simultâneo, surge a necessidade de verificar no programa geral deste ciclo de ensino, os princípios orientadores da ação pedagógica. Valorizam-se as *aprendizagens ativas*, que possibilitem aos alunos

«a oportunidade de viver situações estimulantes de trabalho escolar que vão da actividade física e da manipulação dos objectos e meios didácticos, à descoberta permanente de novos percursos e de outros saberes»¹⁹⁷.

Torna-se fundamental «uma maior adequação à realidade da escola de hoje e ao papel da Educação Moral e Religiosa Católica como presença da Igreja, na escola»¹⁹⁸.

Assim, no presente capítulo desta dissertação, irá ser contemplada uma proposta de intervenção pedagógica, baseada num jogo, enquanto ferramenta de trabalho imprescindível na idade da infância. Esta ferramenta, pretende não só consolidar os conteúdos trabalhados ao longo da UL Ser Verdadeiro, como também verificar se contituíram aprendizagens integradas aos alunos. Segundo a Organização Curricular do 1º ciclo, consideram-se aprendizagens integradas se «as experiências e os saberes anteriormente adquiridos recriam e integram, no conhecimento, as novas descobertas»¹⁹⁹.

Ainda de referir que o impulso que motivou ao desenvolvimento da presente dissertação surge precisamente com abordagem de uma docente, que, perante o contexto da turma a que leciona, questiona sobre a possibilidade de articular com a disciplina de EMRC, a temática da verdade.

¹⁹⁶ *Ibidem*, 29.

¹⁹⁷ *Ibidem*.

¹⁹⁸ C. CARVALHO et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 6.

¹⁹⁹ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Organização Curricular e Programas*, 30.

Como a respetiva escola de 1ºciclo partilha de um projeto comum com agrupamento, surgiu a ideia de aplicar os conteúdos da UL 'Ser Verdadeiro' a um jogo de tabuleiro, de grande dimensão, cuja base serve de suporte a diversas áreas curriculares. Este jogo, que procura comprovar que a jogar também se aprende, foi criado pela professora responsável pelo Serviço Educativo *Robótica Para Todos*, um serviço promovido pela Câmara Municipal de Torres Vedras, em colaboração com o Clube de Robótica do Agrupamento de Escolas de S. Gonçalo. Visa desenvolver atividades lúdicas de programação e robótica, articulando com os conteúdos programáticos. Assim, uma mesma base do jogo, robotizada, pode ser adaptada às diferentes áreas curriculares, tal como, Estudo do Meio, Matemática, Língua Portuguesa e agora, também, Educação Moral e Religiosa Católica.

«A Educação Moral e Religiosa Católica que cumpre a sua verdadeira função no interior da escola, deve ser uma abordagem educativa e cultural do facto religioso [...], deve, pois, inserir-se no dinamismo e no projecto educativo e cultural da própria Escola»²⁰⁰.

A proposta pedagógica do presente capítulo desta dissertação propõe também criar as peças que constituem o jogo, no âmbito da UL Ser Verdadeiro e que tornará possível ver abordados os seus conteúdos numa mesma base de trabalho, utilizada pelas professoras titulares nas outras áreas curriculares.

Sabendo que «A articulação horizontal ou interdisciplinaridade é uma das características fundamentais da Educação Moral e Religiosa Católica»²⁰¹, este é um projeto que aproxima cada vez mais a EMRC dos professores, dos alunos, dos Encarregados de Educação e da comunidade. É ainda uma forma de dar visibilidade à disciplina pela sua vontade de acompanhar as necessidades, interesses e a própria evolução que escola vai apresentando.

Embora num formato específico, partilhando do uso da tecnologia, a disciplina tem de demonstrar, com muita solidez, que pretende trabalhar conteúdos fundamentais ao desenvolvimento do aluno, assentes numa perspetiva cristã.

Iremos num primeiro momento, fundamentar a importância deste método de ensino, que sendo prático promove aspetos específicos fundamentais na aprendizagem das

²⁰⁰ *Ibidem*, 203.

²⁰¹ *Ibidem*, 204.

crianças. Num segundo momento, será apresentada a respetiva proposta pedagógica, a partir de uma planificação e descrição pormenorizada da aula em que será aplicada.

1. O jogo como ferramenta pedagógica no processo ensino/aprendizagem da criança

1.1. Conceito de jogo e atividade lúdica

O jogo esteve presente desde sempre na história da humanidade e na diversidade cultural, sendo uma forma através da qual o ser humano dava um sentido e significado aos seus atos, onde manifestavam a sua religiosidade, cultivando tradições e estreitando relações comunitárias.

O sistema educativo em Portugal, tem sido alvo de grandes transformações ao longo dos tempos, quer no sentido da organização de horários escolares como formas e métodos de ensino/aprendizagem. Se olharmos de uma forma generalizada à mancha horária dos alunos, verificamos facilmente que, atualmente, estes passam cada vez mais horas na escola. Esta breve reflexão, é o mote impulsionador para a presente proposta de intervenção, uma vez ser perceptível que resta pouco tempo às crianças para brincar, e a jogar também se aprende.

O jogo é um momento muito importante de ensino aprendizagem pois, é a partir deste que as crianças tomam contato com regras e aprendem a trabalhar em equipa.

A palavra 'jogo', de acordo com o dicionário eletrónico de Língua Portuguesa Infopédia, apresenta diferentes definições, dentre elas, a de «atividade lúdica ou competitiva em que há regras estabelecidas em que os participantes se opõem, pretendendo cada um ganhar ou conseguir melhor resultado que o outro»²⁰².

Note-se que este é um método de trabalho que exige muito rigor na sua planificação, uma vez que as crianças precisam interiorizar que estão num momento de aprendizagem.

²⁰² M. TULLIO, “Desafios da Escola Pública Paranaense, Na perspectiva do Professor PDE”, *Cadernos PDE, Vol II*, Produções Didático-Pedagógicas, Secretariado da Educação, Irati, 2015, 5.

Segundo Marcia C. da Silveira Kiya :

«A utilização de jogos e atividades lúdicas, como estratégia de ensino pode contribuir para despertar o interesse dos alunos pelas atividades da escola e melhorar o desempenho dos mesmos, facilitando a aprendizagem»²⁰³.

Assim podemos constatar que a utilização de jogos é uma ferramenta pedagógica que facilita o processo ensino aprendizagem, que a partir da sua vertente lúdica contribui para uma maior interação entre os alunos e professores.

1.2. O jogo como recurso pedagógico

No sentido de tornar o processo ensino/aprendizagem mais aprazível aos alunos, entendemos que o uso do jogo pode, e deve, ser um recurso metodológico muito interessante, que possibilita tornar o espaço de aula um local dinâmico e prazeroso.

A este propósito diz-nos Marcia C. da Silveira Kiya :

«Existem estudiosos [KISHIMOTO 2011; RAU 2007; MACEDO 2005, entre outros] que defendem a utilização de jogos e atividades lúdicas como ferramenta facilitadora do processo de ensino e aprendizagem. Para eles, o trabalho utilizando a ludicidade contribui para que haja a interação entre docente e discente»²⁰⁴.

Corroborando com esta ideia podemos dizer que é a partir do jogo e do lúdico que a criança toma consciência do que está ao seu redor, permitindo criar relações com o meio, aprendendo a partir dele e através dele.

Assim podemos dizer que tanto o jogo como as brincadeiras são atividades através das quais as crianças socializam, elaboram conceitos, formulam ideias e estabelecem relações lógicas; logo o jogo é uma forma de construção do ser humano

²⁰³ *Ibidem.*

²⁰⁴ *Ibidem* , 9.

«Segundo Kishimoto (2011) o uso de jogos educativos com fins pedagógicos, nos leva para situações de ensino-aprendizagem visto que a criança aprende de forma prazerosa e participativa. No que se refere ao aspecto cognitivo, segundo Macedo, Petty e Passos (2005), o jogo contribui para que a criança adquira conhecimento e desenvolva habilidades e competências»²⁰⁵.

Neste sentido, o professor deve encontrar soluções de aprendizagem motivadoras que vão de encontro ao nível cognitivo dos alunos, a partir de atividades que possam despertar interesse pelos conteúdos lecionados em sala de aula.

A utilização de jogos e atividades lúdicas contribui assim para melhorar a prática pedagógica do professor, incutindo e despertando nos alunos o interesse por atividades diferentes.

«O brincar relaciona-se ainda com a aprendizagem. Brincar é aprender; na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo ensino-aprendizagem»²⁰⁶.

1.3. Competências desenvolvidas a partir do jogo

Existem muitos estudos pedagógicos que comprovam que o jogo é uma boa ferramenta pedagógica, no entanto verificamos ainda nas nossas escolas, que muitos professores não fazem uso desse recurso como facilitador do processo ensino aprendizagem. No entanto, o jogo, para além de ser muito prazeroso é um excelente contributo na estimulação das crianças pois permite diferentes estratégias que possibilitam a transmissão de conhecimentos.

«Segundo Rau: Muitos aspectos podem ser trabalhados por meio da confecção e da aplicação de jogos selecionados, com objetivos como: aprender a lidar com a ansiedade; refletir sobre limites; estimular a autonomia; desenvolver e aprimorar as funções

²⁰⁵ *Ibidem*, 11.

²⁰⁶ *Ibidem*, 11.

neurossensoriomotoras; desenvolver a atenção e a concentração; ampliar a elaboração de estratégias; estimular o raciocínio lógico e a criatividade»²⁰⁷.

O jogo como estratégia pedagógica ajuda na coordenação motora das crianças, desenvolve a organização espacial, aumenta a atenção e concentração, ajuda no desenvolvimento do raciocínio lógico e desenvolve a criatividade.

O jogo é fundamental na infância para que as crianças apreciem o trabalho em grupo, respeitem regras e aprendam a lidar com a competitividade saudável, no respeito ao outro.

A este propósito diz-nos Marcia C. da Silveira Kiya :

«Os jogos competitivos, quando bem trabalhados, contribuem para ensinar as crianças a trabalharem suas emoções, ajudando-as a internalizar conceitos que a ajudarão a lidar com seus sentimentos dentro de um contexto grupal, preparando-a para a vida em sociedade»²⁰⁸.

²⁰⁷ *Ibidem*, 13.

²⁰⁸ *Ibidem*, 16.

2. Proposta Pedagógica

2.1. Planificação de aula em que será aplicado o jogo

a) Planificação e Lecionação da Aula de aplicação de jogo

PLANO DE AULA						
4º Ano	Unidade Letiva: Ser Verdadeiro		Aula n.º 8	Lição n.º 8		
Sumário: Consolidação dos conteúdos, da Unidade Letiva <i>Ser Verdadeiro</i> , a partir de um jogo.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	Tempo	RECURSOS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	1. Aprender a ser verdadeiro	O que é agir com verdade - Correspondência entre o que se diz e a realidade; - Entre o que se diz e o que se pensa ou se sente; Razões para se dizer a verdade: - O respeito por mim e pelo outro; - A minha consciência acusa-me quando minto e isso faz-me sentir mal comigo mesmo; - A mentira coloca problemas à minha relação com os outros;	Acolhimento. Canção “ <i>Como estão todos?</i> ” -Revisão do maior número possível de conteúdos; - Divisão da turma em 4 grupos de 5 alunos (grupos estabelecidos pela professora); Nomeia também 4 alunos para registar numa grelha o número de tentativas, que o grupo necessitou para chegar às respostas corretas. Nas próximas jogadas alternarão.	10m <		

Quadro 8 – Proposta de planificação e lecionação de aula 8 da Unidade Letiva um.

Iniciamos a aula com a saudação aos alunos, após todos se encontrarem nos seus lugares. De seguida entoam a canção «Como estão todos?» É uma canção que foi escrita e composta especialmente para que os alunos, através dos seus gestos, demonstrem atenção uns pelos outros, estabeleçam contacto e fortaleçam laços.

Terminado este momento a professora explica aos alunos que na presente aula irão poder testar o que se lembram da UL, sintetizando os seus conhecimentos a partir de um jogo. Neste sentido a professora pede a colaboração de todos para a revisão de conteúdos, afim de alcançarem bons resultados e aula ser um momento de aprendizagem diferente pois a jogar também se aprende. A sistematização dos conteúdos é uma boa estratégia pedagógica, também para a professora, uma vez que é um bom meio para verificar se as aprendizagens foram verdadeiramente significativas. Igualmente perceber se se relacionaram

«com as vivências efetivamente realizadas pelos alunos fora ou dentro da escola e que decorrem da sua história pessoal ou que a ela se ligam. São igualmente significativos os saberes que correspondem a interesses e necessidades reais de cada criança»²⁰⁹.

A professora começa por pegar num frasco com água e azeite, que se encontra na sala, resultado de uma experiência das primeiras aulas da UL. Este, como que simboliza a temática. A professora questiona então o nome da UL. Os alunos recordam a importância do azeite noutros tempos, para se obter luz. Recorde-se que o nome do manual é «Luz da Vida». Além disso reconhecem que a experiência faz com que o azeite, por mais que se agite, venha sempre ao cimo. Desta forma, pretende-se que os alunos identifiquem o tema verdade, que dá nome à unidade, recordando o provérbio «a verdade é como o azeite, vem sempre à tona».

A partir daqui a professora irá conduzindo a revisão, ilustrando com exemplos, os diferentes conteúdos.

Para uma melhor fundamentação desta proposta apresentaremos de seguida o programa referente à UL 'Ser verdadeiro':

²⁰⁹ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Organização Curricular e Programas, 1º Ciclo do Ensino Básico*, 29.

4º ANO | Unidade Letiva 1 - Ser Verdadeiro**METAS****OBJETIVOS**

M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do cotidiano.

1. Aprender a ser verdadeiro.

B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.

2. Reconhecer a importância de escutar a consciência.

CONTEÚDOS

- O que é agir com verdade:
 - Correspondência entre o que se diz e a realidade;
 - Entre o que se promete e o que se faz;
 - Entre o que se diz e o que se pensa ou se sente.
- Razões para se dizer a verdade:
 - O respeito por mim e pelo outro;
 - A minha consciência acusa-me quando minto e isso faz-me sentir mal comigo mesmo;
 - A mentira coloca problemas à minha relação com os outros;
 - Habituar-me à mentira faz de mim uma pessoa em quem ninguém pode confiar.
- Na sua consciência o cristão encontra-se com Deus, que reprova a mentira e ama a verdade;
- Dizer a verdade liberta-nos:
 - do peso da consciência;
 - do medo de ser descoberto;
 - da vergonha que vem de os outros já não acreditarem em nós.
- Assumir um erro é um ato de coragem;
- O que devemos fazer:
 - Não jurar;
 - Dizer «sim» apenas quando queremos concordar com algo porque é uma coisa/ação boa;
 - Dizer «não» quando não concordamos com alguma coisa/ação que não é boa, mas má ou prejudicial;
 - A Bíblia ensina a viver em verdade: Tg 5,12.

a) Programa de EMRC, Unidade Letiva - Ser Verdadeiro, 4º Ano²¹⁰

²¹⁰ C. CARVALHO et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 42-43.

Os conteúdos que vão sendo explorados surgem a *itálico*, para permitir uma melhor visualização da articulação da aula com o programa.

A professora começa por questionar os alunos sobre *O que é a verdade?* Deixa que consultem as descrições registadas a partir do manual²¹¹, no 'diário de EMRC', [pequeno caderno criado para registo de conceitos, partilhas pessoais relacionadas com os conteúdos que vão sendo trabalhados e anotação de apontamentos e sínteses de aula]. Pede a um aluno que leia, primeiro o conceito 'verdade' – Conformidade entre o que se pensa ou se afirma e um facto. Ausência de contradição.

Seguidamente o grupo explora situações em que, no seu quotidiano, pensam ter faltado à verdade e os motivos que os levaram a isso [medo de repreensões, de castigos, de não corresponder a expectativas].

Posteriormente, auxiliada por um pequeno cartão com os tópicos a explorar, questiona: *O que é agir com verdade?* Solicita aos alunos que reflitam, antes do impulso de levantar o braço, e que se recordem da história 'A mentira do sapo'. Aqui introduz também a revisão ao conceito 'mentira', essencial à compreensão de verdade. Um aluno lê: «Mentira – Enganar de propósito, afirmação contrária à verdade, falsidade. A mentira faz mal aos outros e a mim». Lembra que o sapo enfrentou grandes problemas pelo facto de não agir em verdade. Os alunos deverão ser capazes de dizer, a partir das suas próprias palavras, que agir com verdade é a *correspondência entre o que se diz e a realidade* [o sapo mentia consecutivamente dizendo-se um príncipe]; *entre o que se promete e o que se faz* [prometia que na próxima noite de lua cheia a princesa o iria visitar, mas no momento inventava sempre uma desculpa para que não aparecesse]; *entre o que se diz e o que se pensa ou se sente* [Dizia ser um príncipe, sabendo no íntimo do seu pensar e sentir que não o era].

A professora questiona então: perante o exemplo que vimos com o que aconteceu ao sapo [engordava à medida que mentia e acabou por rebentar], quais as *razões para se dizer a verdade?* Acrescenta: O que é que o sapo não demonstrou por ele nem pelos outros? Ao que deverão os alunos responder: *Respeito*. Continua: e quando falta o respeito

²¹¹ Cf. M. REIS et al., *A luz da Vida*, 8.

como é que eu me sinto? Deverão dizer que se sentam mal. Insiste: De onde vem essa má sensação, quem me alerta? Deverão responder: a consciência. A professora aproveita e questiona: e o que é a consciência? Deverão conseguir expressar que é a «capacidade de reconhecer o bem e o mal e que ajuda a tomar decisões corretas». A professora refere: *A consciência acusa-me quando minto e isso faz-me sentir mal comigo mesmo*. Pede a um aluno que partilhe uma vivência sua, que fundamente a afirmação. Pegando nesse exemplo afirma: significa que *a mentira coloca problemas à minha relação com os outros*. Questiona: que história ouvimos acerca disso? Os alunos deverão reconhecer que foi ‘A ponte da verdade’ [um empregado que no decorrer de uma viagem de trabalho com o seu patrão ía inventando raridades da sua terra para o impressionar, mas... esperto o patrão, disse que a ponte que se aproximava se abria sempre que sobre ela passava um mentiroso. O empregado hesitou e confessou as mentiras. O patrão ligou à esposa alertando para que vigiasse este empregado e não lhe voltasse a confiar coisas importantes]. Desta forma concluem que *habituar-me à mentira faz de mim uma pessoa em quem ninguém pode confiar*.

A professora lembra ainda a história do Sandro, [um menino que, na festa de aniversário do seu colega, desobedecendo às indicações dos pais do amigo, foi ao quarto para ver melhor o presente dado por eles, um tablet. Com o nervosismo de ser apanhado deixou-o cair, rachando-se o ecrã. Não conseguiu admitir nesse dia e apenas revelou aos pais no dia seguinte, para que o ajudassem a resolverem a situação]. Através desta história, é recuperada a exploração das emoções sentidas pelo Sandro.

Espera-se que os alunos consigam concluir que: *Dizer a verdade liberta-nos: do peso da consciência, do medo de ser descoberto e ainda da vergonha que vem de os outros não acreditarem em nós*. Neste sentido os alunos tomam consciência que *assumir um erro é um ato de coragem*. A professora questiona que outra história conhecem acerca disso, ao que se lembrarão da Rita, personagem de ‘Uma pessoa destemida’, [que teve coragem de dizer que tinha sido o Rodrigo a partir o vaso da escola, ao contrário do que este, com o seu poder intimidatório, queria fazer parecer à professora da turma].

Neste ponto é possível que mencionem também a história ‘É difícil ganhar coragem’, [em que um menino, ao assistir que o colega Luís era frequentemente alvo de gozo, por parte de colegas da escola mais velhos, ganhou coragem e falou com o seu pai, que entrou em contacto com a professora e proporcionou a resolução do problema].

Assim, chegamos ao último conteúdo a rever. A professora questiona aos alunos: E para deixar brilhar em nós a luz da verdade, *O que devemos fazer?* Neste caso, a palavra ‘luz’ deverá despertar nas crianças a memória de uma reinterpretação dos conteúdos. Estes, que poderiam ser abordados por qualquer outra disciplina, mas, que a partir da proposta da EMRC ganham nova dimensão, uma nova visão. A professora convida a lembrar todos os conteúdos e a entendê-los sob o testemunho de Jesus. Terão de recordar os Seus ensinamentos e o que puderam perceber da interpretação do texto bíblico. Os alunos devem conseguir transmitir que *A Bíblia ensina a viver em verdade*, lembrando a passagem trabalhada em aula: «Sobretudo, irmãos, não façam juramentos, nem pelo Céu, nem pela Terra, nem por coisa nenhuma. Digam “sim”, quando for sim, e “não”, quando for não» (Tg 5, 12). Partindo daqui conseguirão recordar facilmente os conteúdos trabalhados: *Não jurar; Dizer «sim» apenas quando queremos concordar com algo porque é uma coisa/ação boa; Dizer «não» quando não concordamos com alguma coisa/ação que não é boa, mas má ou prejudicial.*

Nesta fase os alunos devem já demonstrar que compreenderam toda a mensagem implícita à Verdade, reconhecer que Jesus é a «verdade grande» dos cristãos, como diz Papa Francisco. Que Jesus se torna presente no nosso coração e nos comunica através da consciência, o lugar onde habita e se manifesta, pois *é na sua consciência que o cristão se encontra com Deus, que reprovava a mentira e ama a verdade.* Deverão identificar que, se estiverem despertos, atentos, saberão seguir pelo caminho da verdade, o único que conduz a uma verdadeira felicidade, desejo de Deus para o cada um de nós.

Em conclusão, espera-se que os alunos possam atingir as Metas propostas pelo programa da disciplina, para a UL ‘Ser Verdadeiro’: *M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano; B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*²¹².

Com base na informação que conseguiu, sobre o domínio dos conteúdos, pelos diferentes alunos, a professora divide a turma em 4 grupos. A turma em causa tem 24 alunos, ficarão 4 grupos de 5 elementos e as restantes 4 crianças estarão incumbidas de preencher uma tabela com o número de tentativas que cada grupo necessitar para obter as respostas certas. Estes alunos revezarão na próxima jogada.

²¹² Cf. C. CARVALHO et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 42.

Após a indicação de que devem sair de forma ordeira, deslocam-se até ao pátio da escola, à zona onde habitualmente realizam as atividades de EMRC no exterior. Aí chegados, são convidados a sentar em grande roda, para ouvir atentamente as regras do jogo.

A professora lembra a importância de se ser verdadeiro, de ser justo e cumprir regras. Coloca um dos tabuleiros no chão, ao centro da roda [dimensão 83,5cm e 59,3cm] e explica: Na parte inferior do tabuleiro encontram, dentro de caixas de texto coloridas, diferentes frases incompletas sobre os conteúdos que estudámos; na zona superior estão espalhadas várias imagens, com a continuação das respetivas frases. Para cada frase há apenas uma resposta correta. Terão de pegar no fio, que se encontra em cada pergunta e fazer contactar com a zona própria para o efeito em cada resposta. Se ao fazê-lo derem origem a um sinal, sonoro [emissão de um apito], ou visual [rotação de objeto, como o frasco de azeite, por exemplo, de imagem ou efeito de luminosidade] é porque a resposta está correta. Se, ao contrário, a vossa resposta não emitir qualquer tipo de efeito, significa que podem encontrar uma resposta mais adequada. Constata que são 10 perguntas e que assim, os 5 alunos, embora devam pensar na resposta em grupo, têm de cada um, manusear duas delas.

A professora mostra ainda as grelhas, que os quatro alunos estipulados irão utilizar para registar as tentativas de resposta que cada grupo necessitar, até chegar à resposta certa. Dá a indicação de que deverão, então, juntar-se em pequenos grupos e distribui um tabuleiro para cada um e as grelhas de registo. Ao longo do período que decorre o jogo, a professora deve circular pelos grupos e tentar perceber se os alunos estão a cumprir as regras e também a corresponder às expectativas.

Concluído o tempo disponível para o jogo, a professora volta a pedir que se sentem em roda e que, ordenadamente, partilhem as suas conclusões.

Como finalização da UL, a professora pede que os alunos deem sugestões de síntese da aula. Entre várias possibilidades pode considerar adequadas, por exemplo, ideias relacionadas com: *Como ser verdadeiro e a sua importância, a partir de um jogo.*

CONCLUSÃO

Ao chegar à parte final da presente dissertação, muitas são as considerações e reflexões que poderemos retirar, acerca do tema proposto e explorado.

Começo por refletir que o tema da verdade é complexo na sua definição, contrariamente à possível ideia inicial de simplicidade, com origem na procura de definição, através de um dicionário académico, de fácil acesso aos alunos. Contudo, ao longo do nosso estudo, fomos assimilando que a verdade é um tema muito profundo e cheio de riqueza teológica e moral.

Relativamente à primeira parte da dissertação, podemos dizer que encontramos nela a base sólida dos ensinamentos pelos quais o Homem se deve guiar no concreto das suas vidas.

Fundamentamos esta temática a partir da exploração das ideias chave dos Papas acerca da temática da verdade. Podemos concluir que estas são uma fonte de inspiração pedagógica que podem e devem ser trabalhadas em contexto escolar, nomeadamente na disciplina de EMRC. São saberes que nos apelam a escolher o caminho do bem, o caminho da verdade, que não é mais do que seguir o mandamento de Jesus Cristo.

Ainda nesta primeira parte do trabalho, refletimos sobre os pontos de vista de Santo Agostinho acerca da verdade, e verificamos o significado que atribui a conceitos que a UL 'Ser Verdadeiro' desenvolve. Podemos concluir que os seus ensinamentos são sempre atuais e de uma riqueza infindável e que, possibilitam um aprofundamento de conteúdos que auxiliam o professor numa transmissão mais eficaz dos mesmos. A esse respeito diz-nos Santo Agostinho: "Não vás para fora, volta a ti mesmo. No homem interior habita a verdade". É este apelo à busca da verdade, a partir da fé e interioridade, que deve ser uma fonte de inspiração para os professores de EMRC. O capítulo I deste estudo contribuiu para que compreendesse em maior profundidade, o significado de verdade, o que é fundamental para o momento da exploração da UL com os alunos.

Primeiramente com a perspetiva de verdade enquanto busca de sentido, procurar compreender qual é a verdade e a que desafia no percurso humano. A Sagrada Escritura destaca a importância de segui-la, pois, cumprindo a verdade da palavra, o homem experimenta a fidelidade, confiança, segurança, garantidas por Deus. Essa adesão deve tornar-se testemunho e proposta de vida. Jesus é a Revelação divina, confiada à humanidade, e segui-lo, assim como aos seus ensinamentos, é seguir a verdade. Assim refere o Papa Francisco, 'a verdade grande'.

Com o estudo do Magistério da Igreja reconhecemos a importância da luz, luz verdadeira, Jesus Cristo. Trabalhar esta simbologia com os alunos é muito importante. Perceberem a dificuldade de orientação no escuro, exemplificando de uma forma prática, proporcionando um momento de experiência. Depois refletir e estabelecer a relação com a perspectiva iluminadora da fé cristã. Propor-se a viver deste modo é ser sinal da luz no mundo. De uma forma que se distingue no sentir, no pensar, no agir. Como referiu o Papa João Paulo II, somos muitas vezes ofuscados e tendemos a seguir o caminho da mentira, mas, todo o homem tem, no coração, a luz de Deus e a inquietação de O encontrar. Sublinha também o Papa Francisco a necessidade que o mundo tem de cristãos de ação e de verdade, que não manifestem gestos superficiais. Os alunos devem sentir-se interpelados a ser sinal da verdade no mundo.

É importante que os alunos compreendam que o desejo de Deus é a felicidade de cada um, e, por isso, lhes fala ao coração e os aconselha, através da consciência. Este é um conceito explorado também por Santo Agostinho. Os alunos devem perceber a importância de escutar, e agir segundo a voz da consciência. Facilmente recordarão as vezes em que a contrariaram e a consequência da sua ação.

Ainda com o autor reconhecemos a liberdade de cada um, como algo de muito bom, oferecido pelo Criador. E refletimos, respetivamente, que as nossas decisões, em liberdade, pelo livre arbítrio de que dispomos, essas sim, poderão tornar-se más. Percebemos, também, a importância da reflexão sobre o erro, as más opções, que conduzirá à compreensão de que o mesmo possa acontecer a outrem, originando assim a necessidade mútua de perdão. O conceito perdão encontra-se explorado, em maior profundidade, neste mesmo ano de ensino, na UL3. A sua abordagem serviu já para o despertar do interesse nos alunos.

Numa primeira abordagem à UL 1, Ser Verdadeiro, estes apenas conseguiam referir que a verdade era não mentir. Daí a importância de recorrer à exploração mais profunda do conceito, apresentado por Santo Agostinho. Assim, compreenderam que a mentira é sempre um mal, que lesa o próprio e, ou os outros e que ocorre sempre que se manifesta a falta de correspondência entre o que se pensa, sente ou diz e a verdade que se tem no coração.

No segundo capítulo desta dissertação foi feita uma reflexão acerca da PES, nomeadamente da forma como foram explorados os conteúdos estudados. Enquanto aluna estagiária no Colégio do amor de Deus verifiquei que este momento se revelou essencial para uma compreensão mais totalitária da disciplina de EMRC. Foi extremamente

vantajoso, para todos os elementos do núcleo, tanto as sugestões como as partilhas, as reflexões bem como a procura de soluções em conjunto.

Considero que a PES é um momento fundamental na formação do professor de EMRC, uma vez que permite ao aluno estagiário adquirir competências que o ajudam a desenvolver saberes pedagógicos essenciais para uma boa formação académica de professor.

Neste sentido, a PES permitiu o desenvolvimento de competências profissionais, a partir de um acompanhamento muito eficiente do professor orientador. Tenho a registar o bom relacionamento entre todos os colegas do núcleo, tal como com o Professor Cooperante Bento de Oliveira. Este mostrou sempre grande abertura às nossas propostas, manifestando a sua opinião de forma respeitosa e, por vezes até engraçada. Foi muito agradável o trabalho entre todos, que resultou nesta prazerosa e frutuosa experiência.

Apraz-me dizer ainda que o Colégio do amor de Deus, prima pelo seu bom nome, pelo ambiente salutar que se vive entre alunos e professores, vivendo o mandamento do amor, que nada mais é que o caminho para viver na verdade. Diz-nos João Duque que «a transmissão da fé não pode esquecer a dimensão crítica da adesão crente, que implica clarificação e questionamento da verdade e pertinência do próprio crer»²¹³.

Assim, a presença do Ensino Religioso na Escola deverá acompanhar os alunos na articulação de conteúdos que, no âmbito das ciências, se possam relacionar com a religião. Acompanhará os alunos nas suas diferentes linguagens do logos, não excluindo a sua linguagem própria simbólica, mística. «O objetivo da Educação Moral e Religiosa Católica não é de comunicar a fé, mas mais humildemente, de a tornar possível»²¹⁴.

Numa terceira parte da nossa dissertação, tentámos conjugar as aprendizagens teóricas que foram refletidas nos dois primeiros capítulos, relacionando com a importância da exploração prática aos alunos. Para isso, e compreendendo as características de desenvolvimento dos alunos para a qual se destina a UL, a par com os princípios orientadores do programa geral do 1º ciclo, e o programa de EMRC, surgiu a proposta de uma dinâmica de jogo em contexto de aula.

Na faixa etária do 4º ano, os alunos, são enérgicos e apreciam novidades e aulas mais interativas, e sobretudo ao ar livre. Neste sentido, a minha proposta pedagógica

²¹³ J. DUQUE, “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 12.

²¹⁴ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Organização Curricular e Programas, 1º Ciclo do Ensino Básico*, 201.

consiste na planificação de uma aula de 60 minutos, sendo o objetivo a consolidação de conhecimentos, da Unidade letiva ‘Ser Verdadeiro’, a partir de um jogo.

Esta proposta resulta ainda de um trabalho de articulação com professoras titulares de turma e professora responsável pelo Serviço Educativo “Robótica para Todos”, dinamizado em cooperação entre a Câmara Municipal de Torres Vedras e o Clube de Robótica do Agrupamento de Escola S. Gonçalo.

A disciplina de EMRC passou, assim, a ver contemplado num jogo comum às restantes áreas disciplinares também os seus conteúdos programáticos. E, mais do que proporcionar um simples momento lúdico, a UL permite compreender de que forma todo o seu desenvolvimento foi eficaz para os alunos. Uma UL que se caracteriza, como vimos, por um aprofundamento extraordinário acerca da questão de sentido, pois a «questão de Deus é de si indissociável da questão da verdade»²¹⁵.

Podemos concluir que a disciplina de EMRC deve ser um espaço sério de transmissão de conhecimentos, em que se podem proporcionar sérios momentos de aprendizagem, a partir de dinâmicas diferentes que estimulem o aluno a agir de acordo com regras, no respeito pelo outro, criando um espírito de entre ajuda, fomentando laços afetivos.

Por fim resta destacar que o presente jogo pode ser uma mais valia para todos os professores de EMRC, pois permite desenvolver competências importantes para o crescimento dos alunos bem como consolidar as matérias lecionadas de uma forma diferente, pois a jogar também se aprende. Pode e deve ser uma ferramenta pedagógica que, em articulação com o manual, enriquece os conteúdos programáticos.

«Assim nos envia, em espírito de verdadeira e fascinante missão, a Igreja que sabemos servir»²¹⁶.

²¹⁵ J. COUTINHO, “Questão da verdade e questão de Deus”, *Didaskalia* XXXV (2005) 597.

²¹⁶ C. CARVALHO et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 7.

BIBLIOGRAFIA

1. BÍBLIA

BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, Paulus, Lisboa, 1993.

2. MAGISTÉRIO DA IGREJA

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Fátima, 2006, Acedido a 15/05/2020, Disponível em «<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>».

BENTO XVI, *Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz: “Na verdade, a paz”*, LEV, Roma, 2006, 9, acedido a 05/02/2020, disponível em «http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20051213_xxxix-world-day-peace.html».

BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, LEV, Roma, 2009, acedido a 27/02/2020, disponível em «http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html».

FRANCISCO, *Carta Encíclica Lumen Fidei*, LEV, Roma, 2013, acedido a 27/02/2020, disponível em «http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html».

FRANCISCO, “Aparência e verdade”, *L'Osservatore Romano* 42 (2014), acedido a 17/02/2020, disponível em «http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco-cotidie_20141014.html».

FRANCISCO, “Cristãos de acção e de verdade”, *L'Osservatore Romano* 26 (2013), acedido a 20/02/2020, disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20130630_meditazioni-13.html.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151121_congresso-educazione-cattolica.html

FRANCISCO, “Jesus ensina a verdade e a compreensão”, Educris, SNEC, sd, sp, acessado a 20/02/2020, disponível em «<http://www.educris.com/v2/artigos/6010-papa-francisco-jesus-ensina-a-verdade-e-a-compreensao>».

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Fides et Ratio*, LEV, Roma, 1998, acessado a 27/02/2020, disponível em «http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html».

JOÃO PAULO II, *O Esplendor da Verdade*, Secretariado Geral do Episcopado, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1993.

3. SANTO AGOSTINHO

AGOSTINHO, *A Verdadeira Religião*, Edições Afrontamento, Porto, 2012.

AGOSTINHO, *Diálogo sobre o Livre Arbítrio*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2001.

AGOSTINHO, *A mentira/Contra a mentira*, Tradução de Domingos Lucas Dias, Paulinas, Lisboa, 2018.

4. INSTRUMENTOS DE TRABALHO

EICHER, P., (Dir.), *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, Paulus, São Paulo, 1993.

FRIES, H., (Dir.), *Dicionário de Teologia*, Vol. V, 2ª ed., Edições Loyola, São Paulo, 1987.

5. ESTUDOS

COUTINHO, J., “Questão da verdade e questão de Deus”, *Didaskalia* XXXV (2005) 597-615.

DUQUE, J., “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 27-39.

GNILKA, J., *A Verdade*, in H. FRIES (Dir.), *Dicionário de Teologia*, Vol. V, 2ª ed., Edições Loyola, São Paulo, 1987, 411-417.

LOURENÇO, J., “Palavra Divina em contexto Existencial”, *Didaskalia* XXXIII (2003) 57-72.

MEYER, I., *Verdade/Certeza*, in P. EICHER (Dir.), *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, Paulus, São Paulo, 1993, 972-974.

MOITA, F., “Descobrir a Solidez da Fé: Testemunho e Missão do Professor de EMRC, Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica, Metas Curriculares de EMRC”, *Pastoral Catequética*, 54.

NETO, A., *O livro da verdade*, in BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, Paulus, Lisboa, 1993, 5.

NEVES, J., “Verdade em S. João”, *Didaskalia* XXXIII (2003) 19-33.

NUNES, D., “Secretariado Nacional da Educação Cristã”, *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, 2005.

PEREIRA, J., “Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade, Uma perspectiva sobre o perfil do professor”, *Pastoral Catequética* 5 (2006) 97-123.

ROCHA, G., “A encíclica Caritas in Veritate e a busca irrenunciável de caminhos para a superação da crise”, sd, sp, in Arautos do Evangelho, acedido a 17/02/2020, disponível em <<https://www.arautos.org/secoes/artigos/magisterio/enciclica/a-enciclica-caritas-in-veritate-e-a-busca-irrenunciavel-de-caminhos-para-a-superacao-da-crise-141199>>.

NUNES, J., “Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade, Evangelização, Tarefa de ontem, hoje e sempre”, *Pastoral Catequética* 5, (2005), 19-25.

TERRA, D., “A decisão da fé na cultura das preferências individuais”, *Didaskalia* XXXVI (2006) 171-189.

6. LIVROS E ARTIGOS

AMBROSIO, J., *A educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*, Texto para uso dos alunos da disciplina de Didática específica da Religião, Faculdade de Teologia, Lisboa 2017.

AMBROSIO, J., *EMRC na Escola Católica*, Texto para uso dos alunos da disciplina de Didática específica da Religião, Faculdade de Teologia, Lisboa 2017.

ARENDT, R., *Aprender a Ensinar*, Lisboa, McGraw-Hill, 2008.

NEVES, I. et al., “Uma Forma de Estruturar o Ensino e a Aprendizagem”, *Biblioteca do Educador*, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.

PEREIRA, J. A.P.P., “Educação Moral e religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade, Uma perspectiva sobre o perfil do professor”, *Pastoral Catequética* nº5, 2006, 97-123.

REIS, M. et al., *A luz da Vida*, Manual EMRC, 4ºano do Ensino Básico, SNEC, Lisboa, 2015.

TULLIO, M., “Desafios da Escola Pública Paranaense, Na perspectiva do Professor PDE”, *Cadernos PDE*, Vol. II, Produções Didático-Pedagógicas, Secretariado da Educação, Irati, 2015, 5, acedido a 11/06/2020, disponível em

«http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_port_pdp_mirian_izabel_tullio.pdf».

7. DOCUMENTOS CURRICULARES

CARVALHO, C., et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014.

CARVALHO. C., *Tens Palavras de Vida Eterna*, Catecismo 4, Guia do Catequista, Secretariado Nacional do Ensino Religioso.

COLÉGIO DO AMOR DE DEUS, *Projeto Educativo*, Acedido a 09/04/2020, Disponível em «<https://cad.edu.pt/o-colegio/projecto-educativo/>».

COLÉGIO AMOR DE DEUS, *Projeto Curricular de Turma*, 4.º A, 2018/2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Organização Curricular e Programas*, 1º Ciclo do Ensino Básico, Departamento da Educação Básica, 3ª edição, Mem Martins, 2001.

ANEXOS

Anexo 1 – Aula 1

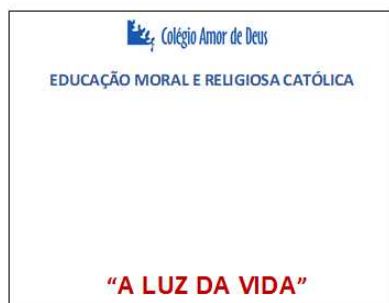


Fig. 1 – cartão para colar vela



Fig. 2 – foto trabalho final

Anexo 2 - Aula 2

Fig. 3 – Cartaz com desenho ampliado



Fig. 4 – Trabalho Final

Anexo 3 - Aula 3



Fig. 5 – Sapos com dobragem de papel, origami.

Anexo 4 – Aula 4

Correspondência entre o que se diz e a verdade.

Correspondência entre o que se promete e o que se faz.

Correspondência entre o que se diz e o que se pensa ou sente.

Fig. 6 – Frases a constar do interior dos sapos de papel.

Anexo 5 – Aula 5



Fig. 7 – Diários de EMRC

Anexo 6 - Aula 6


Fig. 8 – Capa dos Diários

Diário de EMRC

Nome: _____


Fig. 9 – Folhas do interior dos diários



Data/ Sumário




DEVEMOS...

JURAR?








Dizer «SIM» quando queremos concordar com algo que entendemos ser bom?





Dizer «SIM» mesmo que pensemos que algo não é bom?






Dizer «NÃO» quando não concordamos com algo que nos parece mau, prejudicial?



Dizer «Não» mesmo que concordemos que algo é bom?

A Bíblia ensina a viver em Verdade, como Jesus ensinou:



Sobretudo irmãos, não façam juramentos, nem pelo Céu, nem pela Terra, nem por coisa nenhuma. Digam «SIM» quando for sim e «NÃO» quando for não.

Carta de São Tiago, capítulo 5, versículo 12

Fig. 10 – Cartazes de apoio à aula.

Fig. 11 – Ficha Guião do filme.

Nome do filme:



A personagem principal:

- ☐ ☐ É sempre verdadeira.
- ☐ ☐ Não sente peso na consciência.
- ☐ ☐ Não tem medo de ser descoberto.
- ☐ ☐ Receia que não acreditem nele.
- ☐ ☐ Assumiu o erro. Como se sentiu após?

Fig. 12 – Sumários da UL, para colar no Diário.

25/09/2018	Apresentação de professores, alunos e manual da disciplina. Reflexão sobre o tema “a Luz da Vida” e decoração de vela.
02/10/2018	Atividade de consolidação sobre o tema “Luz da Vida”. Exploração do manual.
09/10/2018	Exploração da Unidade 1: “Ser verdadeiro”. Leitura e análise da história “A mentira do sapo”. Ilustração de um sapinho em origami.
16/10/2018	Consolidação do conteúdo <i>Agir com verdade</i> . Leitura de texto e atividades do manual, referentes ao tema <i>Razões para se dizer a verdade</i> .
23/10/2018	A consciência: encontro com Deus. O que é agir com verdade.
06/11/2018	A verdade enquanto ato de coragem, expressão da liberdade e da consciência.
13/11/2018	Consolidação de conteúdos da Unidade Letiva.

Conto “A semente da verdade”

Um Imperador, que não tinha filhos, precisava de encontrar um sucessor para o reino.

Então, chamou todas as crianças, que logo *correram* ao palácio.

Uma delas, de nome Thai, gostava imenso de *cheirar* as suas plantas e cuidar do seu jardim.

Disse então o Imperador às crianças:

- “*Escutem* com atenção: Vou dar a cada um algumas sementes para delas cuidarem! *Olhem* bem para mim...tornarei Imperador aquele que daqui a um ano me trouxer a planta mais bonita.”



Thai estava *feliz* ... e confiante, pois era um bom jardineiro. No entanto, apesar de todos os seus esforços, ao longo do ano, as sementes não germinavam.

Um ano depois, Thai sentia-se *envergonhado* porque não tinha nenhuma planta para mostrar ao Imperador. Então, o seu avô aconselhou-o a ser verdadeiro, a contar que apesar de todos os seus esforços, nenhuma planta cresceu.

Assim, Thai, ao chegar ao palácio, ficou *nervoso*, verificou que era o único que não transportava uma belíssima planta.

O Imperador observou então cada uma das belíssimas plantas, sem nada dizer, sem nem sequer um *sorriso* esboçar.

Como era o último da fila, Thai estava cada vez mais ansioso. E quando finalmente chegou a sua vez, entre *lágrimas*, disse ao Imperador que, apesar do seu empenho, nenhuma planta nasceu.

Pegando Thai ao colo, disse-lhe para se orgulhar, pois, tinha dado sementes estragadas a todas as crianças, sementes que nunca poderiam vir a germinar.

Thai foi então o único a dizer a verdade, a ser honesto, tornando-se assim Imperador.

Fig. 13 – Adaptação do conto ‘Semente da Verdade’

Adaptação, feita por mim, do conto “A Semente da Verdade” – Um conto folclórico oriental sobre ética e honestidade, de Patrícia Engel Secco, a partir do livro disponível em pdf, no site:

http://livro.educardpaschoal.org.br/upload/NossosLivros/a_semente_da_verdade.pdf



1 -Thai agiu com verdade pois...



2- As razões que levaram Thai a dizer a verdade foram...



3- Thai sentiu-se livre a dizer a verdade porque...



4- Thai foi corajoso pois...

Fig. 14 – Frases a distribuir pelos alunos.

Anexo 9 – Procedimentos de Avaliação da UL

Procedimentos de Avaliação

Avaliação de Aula – Unidade Letiva *Ser Verdadeiro*

[illegible]

Insuficiente/Suficiente/Bom/Muito Bom

Observações: _____

Avaliação do Diário – Unidade Letiva *Ser Verdadeiro*

Grelha de observação do Diário de EMRC

	Sim	Não
Está limpo		
É agradável de ver		
Está organizado		
Está em dia		
Está dobrado		
Tem reflexões pessoais		

Grelha de autoavaliação do Diário de EMRC

	Sim	Não
Está limpo		
É agradável de ver		
Está organizado		
Está em dia		
Está dobrado		
Tem reflexões pessoais		

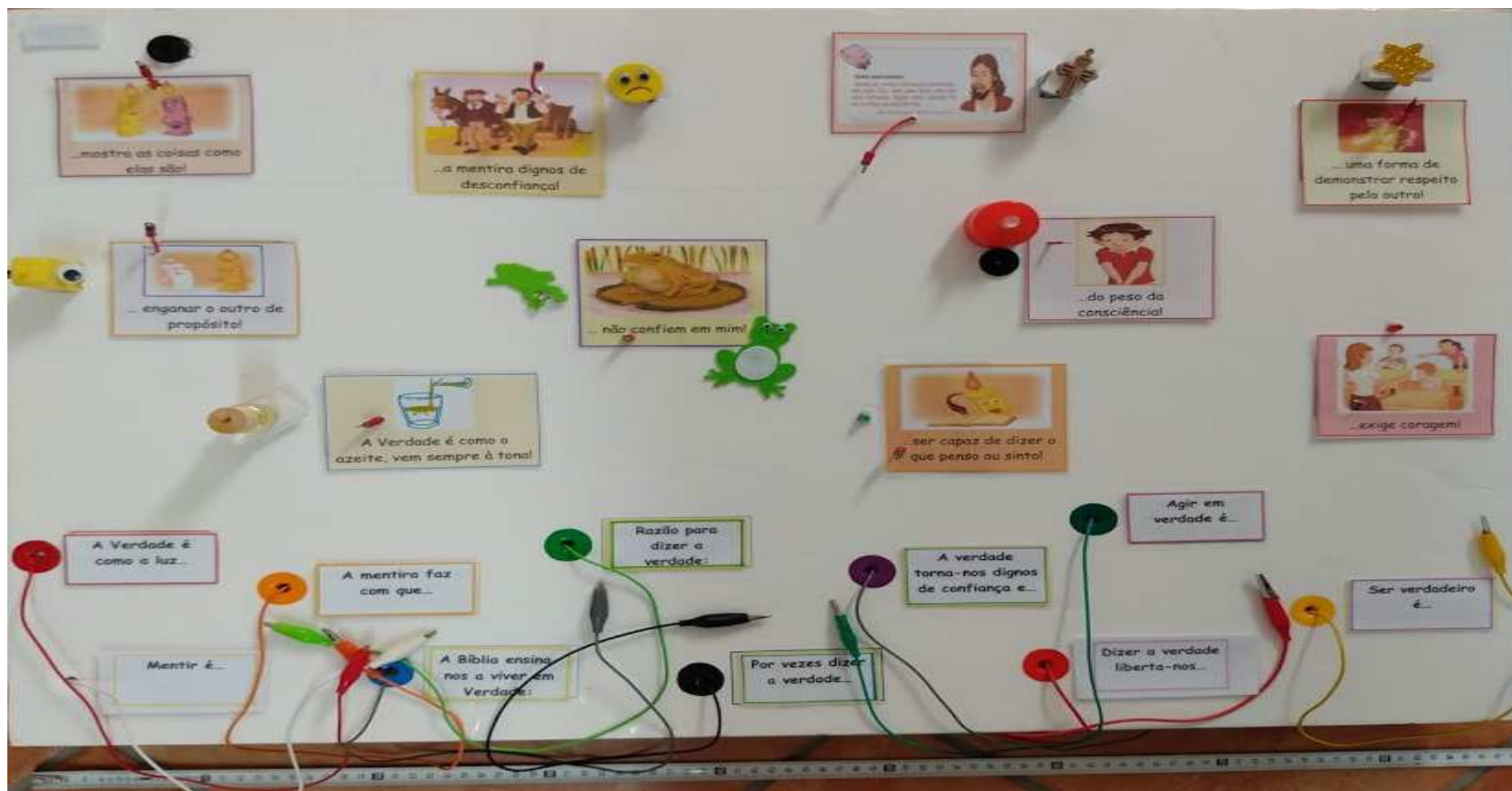
Anexo 10 – Fotos PES



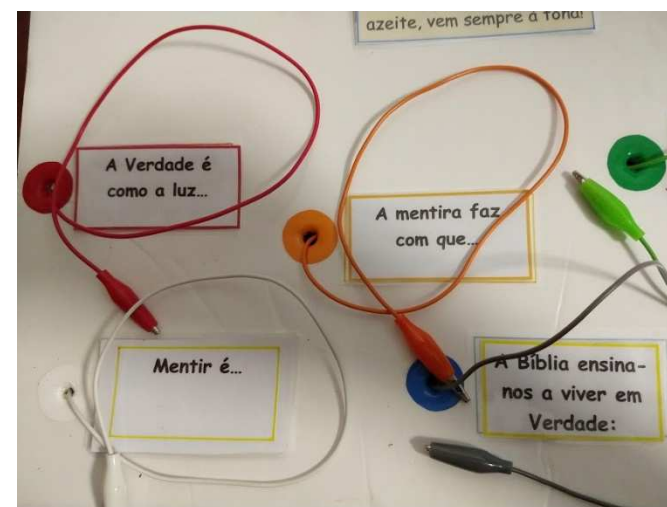
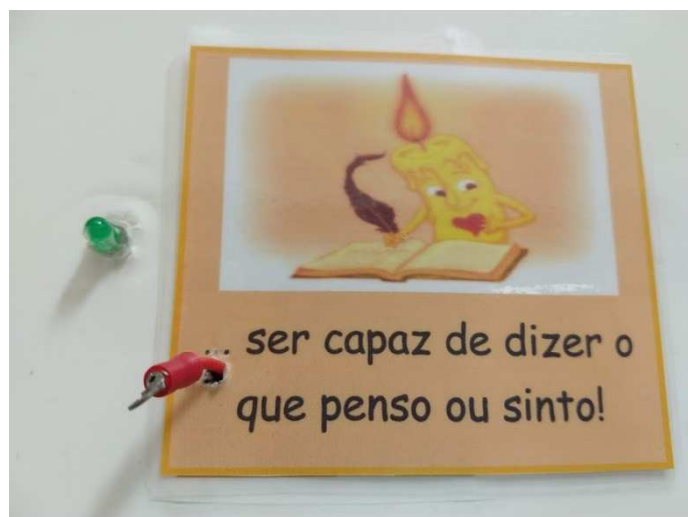
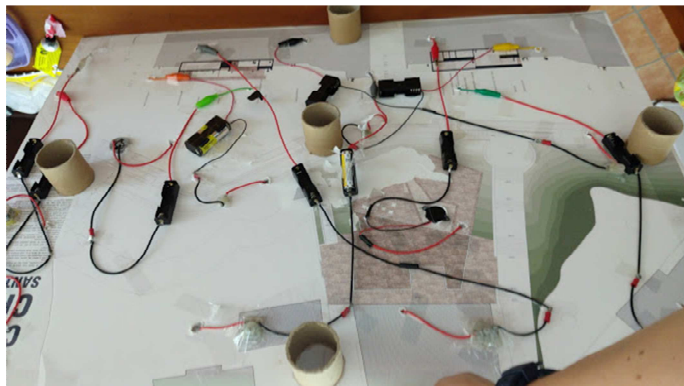




Anexo 11 – Proposta Pedagógica «A jogar também se aprende EMRC»



Anexo 12 - Fotografias de pormenor:



Anexo 13 - Imagens do jogo

Proposta para trabalhar sem a base do jogo: as imagens poderão ser imprimidas, coladas alternadamente sobre cartolina que, sendo plastificada, permite aos alunos fazer a correspondência com caneta de acetato. É um recurso reutilizável.

Frase 1)

**A Verdade é
como a luz...**



**...mostra as coisas como
elas são!**

Frase 2)

**A verdade
torna-nos dignos
de confiança e...**



**...a mentira dignos de
desconfiança!**

Frase 3)

**Ser verdadeiro
é...**



... ser capaz de dizer o
que penso ou sinto!

Frase 4)

**A mentira faz
com que...**



... não confiem em mim!

Frase 5)

**Razão para
dizer a
verdade:**



A Verdade é como o
azeite, vem sempre à tona!

Frase 6)

**A Bíblia ensina-
nos a viver em
Verdade:**



Como Jesus ensinou

Sobretudo, irmãos, não façam juramentos, nem pelo Céu, nem pela Terra, nem por coisa nenhuma. Digam «sim», quando for sim, e «não», quando for não.

Carta de São Tiago, capítulo 5, versículo 12.



Frase 7)

Mentir é...



**... enganar o outro de
propósito!**

Frase 8)

**Agir em
verdade é...**



**... uma forma de
demonstrar respeito
pelo outro!**

Frase 9)

**Dizer a verdade
liberta-nos...**



**...do peso da
consciência!**

Frase 10)

**Por vezes dizer
a verdade...**



...exige coragem!